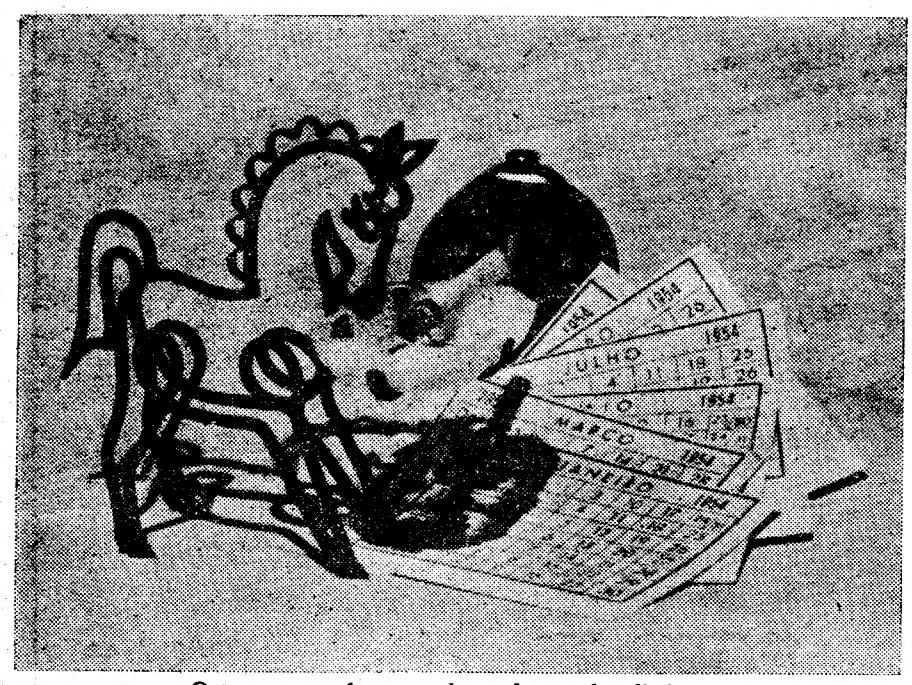
ANO 33.º QUINTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 1953 N.º 11.163

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS



O tempo e o fumo: verbo arder, verbo dissipar...

1954

O Tempo marca a passagem do Mundo pelos nossos nervos: tudo que existe ou tudo que acontece seria mudo e opaco, se não estivessemos atentos ao que se passa em nós e fora de nós. Os nossos sentidos são sentinelas vigilantes cujas impressões, no decorrer dos anos, constituem a nossa experiência.

Do ano de 1953, que termina hoje, nós fomos, durante 365 dias, os servos e os mestres: dele recebemos, submissamente, a lei da vida e ao mesmo tempo explicámos ou julgámos explicar os enigmas da sua e da nossa existência. Seja como seja, ora aprendendo, ora ensinando, ora reagindo, ora aceitando a marcha dos acontecimentos, chegámos a 31 de Dezembro de 1953, como viajantes que palmilharam desertos, montanhas, florestas e jardins, sem perder a fé e a constancia, no prazer de descobrir e entesourar.

Que vai ser para nós o ano de 1954 que amanhã começa?

Uma revelação ou uma repetição?

Reviveremos o passado ou construiremos o futuro?

Eis o mistério, perante o qual, a curiosidade dos homens formula mais esta pergunta:

—«Seremos mais fortes do que a Dor, mais duros do que o Aço e mais tranquilos do que a própria Confiança?»

A verdade é esta: o homem, como os canivais que os ventos açoutam, acha-se sempre exposto «ao que há-de vir», vacilando na incerteza dos seus passos. Persuade-se de que possui o dom da profecia e não hesita em vaticinar, descobrindo e revelando o que se oculta, fechado a sete chaves.

Consegue realmente penetrar no impenetrável, transformar os morcegos em rouxinois?

Temos muita pena em contrariar a convicção dos que tomam as suas visões como autênticas profecias.. Um ano põe á prova o nosso saber e a nossa arte de adivinhar: entre um m-i nuto e o minuto que lhe há-de suceder, pode haver um abismo ou uma negra e densa sombra.

Quem se pode gabar de que os seus olhos têem o lume das estrelas?

Somos obrigados a caminhar lentamente, a tactear na noite e estender os braços para encontrar pontos de apoio que muitas vezes nos fogem. Quando aparece a luz do Sol, nós vemos, então que, como os cegos, andamos ao acaso, tropeçando nas pedras ou rasgando-nos nos matos. De vez em quando, ouve-se um ruido temeroso que parece desabar de muralha ou bramir de tempestade. Cheios de medo e confusão, perguntamos a nós próprios:

—«Que será?... Tremeu o Mundo, com o imenso peso das suas serranias?».

São os Povos que se revoltam, as multidões que se rebelam.

Como reconduzi-los á paz e á obediência?

Um ano de provações, de lutas tenazes, de pesados sacrificios não é, ás vezes, bastante para reimplantar a Ordem e o Trabalho. Os governos caem uns sobre os outros, fatigados e exaustos, entregues á tarefa inglória de pacificar, remediar e criar novas esperanças.

Não é precisamente isto que se tem visto, sem que a ciência dos meios a empregar seja superior á insuficiência dos resultados a obter?

O ano de 1954 recebe do seu antecessor, não a descoberta de um Mundo novo, mas sim um fardo enorme de problemas, de inquietações e de conflitos que se eternizam.

Poderá ele, na medida das suas forças, remodelar e organizar o que se consome em tentativas desesperadas para vencer o cáos?

Tudo o homem vence, quando o anima o amor e o desejo de acabar com o produto dos seus erros e dos seus desvarios.

POLITICA FRANCESA

Laniel pedirá a demissão

que, provavelmente, não será aceita

PARIS, 31.—O presidente Laniel já anunciou o propósito de se demitir, tendo esta decisão efeito depois da votação da Lei de Meios. O chefe do Governo já expôs a sua intenção ao presidente Vincent Auriol e ao presidente René Coty. Mas um e outro declararam que recusariam a demissão logo que lhes fosse apresentada oficialmente, uma vez que a Assembleia Nacional, que deu a investidura ao presidente do Conselho, é a unica competente para dar ou retirar a confiança ao chefe do Governo.

Nestas condições, os observadores parlamentares consideram possivel a convocação de uma sessão extraordinária da Assembleia Nacional, entre 3 (fim dos trabalhos orçamentais) e 12 de Janeiro (convocação constitucional do Parlamento para a sessão de 1954). Esta sessão extraordinária só poderá ser convocada se o presidente Laniel o requerer ao presidente Herriot ou se um terço pelo menos dos deputados reclamar uma convocação antecipada do Parlamento, como sucedeu depois das greves de Agosto.

O presidente Laniel decidiu propôr a sua demissão ao chefe do Estado em virtude da iminência da conferência de Berlim, á qual Georges Bidault declarou não poder ir se não lhe fosse reiterada a confiança pelo Parlamento. Esta circunstancia, allada ás actividades politicas das ultimas semanas, em que os partidos da maioria actual se opuseram tão violentamente entre eles, no Congresso de Versalhes, foi determinante, no espirito do presidente do Conselho.

Os observadores pensam que se a crise surgisse agora, num caso como noutro, o Executivo e o Parlamento disporiam de três semanas, quer para resolver uma crise melindrosa, quer para confirmar um Govêrno que poderão então preparar a conferência a quatro com toda a tranquilidade.—(France Presse).

Um ano feliz! Foi com este grito que Frank Sinatra e Ava Gardner desceram do avião que os levou de Madrid a Roma. Por muito que o aspecto de fadiga os possa trair, o voto agradece-se é retribui-se

Os Franceses não se intimidaram

com o ultimato de Foster Dulles

por entenderem que ele não poderá

efectivar as suas ameaças

PARIS—Dezembro.—O ultimato do sr. Foster Dulles fez muito barulho em França e no estrangeiro. Neste país ergueram-se veementes protestos nos campos dos partidários e dos adversários do Exército Europeu. Mas é preciso acrescentar que as ameaças do secretário de Estado americano indignaram muito mais do que inquietaram os Franceses. E' certo que não houve nenhum jornal francês capaz de dizer, como o «Wall Street Journal», que ele estava a fazer «bluff». Mas em França é opinião corrente que as ameaças do secretário de Estado são puramente verbais e exprimem, sobretudo, o seu mau humor perante a atitude negativa da Assembleia Nacional de Paris que se recusa a ratificar o tratado que criou a C. E. D. Por outras palavras: as suas ameaças, segundo é voz corrente, não poderão ser postas em prática.

(Continua na 3.ª página)

Efeito moral duma tragédia

por Fausto Lopo de Carvalho

Nos ultimos quarenta anos, o Mundo atravessou duas crises gravíssimas; duas guerras que semearam pela Europa a destruição, a miséria, o sofrimento, o desespero. Desde as mais grandiosas construções, ás mais belas obras artísticas, e até, aos mais íntimos sentimentos e princípios morais dos homens, tudo foi abalado, arrancado, desfeito em cataclismos de incalculável gravidade. O homem do século XX bem pode ser comparado com a criança a quem se deu, para brincar, uma arma e que, sem compreender, a disparou ingénuamente contra os seus próprios pais. Durante estes quarenta ultimos anos, a humanidade não soube realmente servir-se do que a técnica moderna pôs ao seu dispor para seu bem estar e felicidade. Inconscientemente, tudo desfez, tudo destruiu, abalou os alicerces da sua vida social e moral, fomentou a crise económica, deu origem ás vagas de sofrimento, de doenças, de dor, em resumo, levantou por entre a aparência de uma civilização perfeita a sua natureza rude, o espectro da sua primitiva consciência e dos seus instintos.

(Continua na página seguinte)

O NÚMERO DE HOJE
DO
Diario de Lisbôa
É DE 32 PÁGINAS
divididas em dois corpos que não podem ser vendidos separadamente

*

Amanhã, feriado nacional, estão encerrados todos os nossos serviços, não se publicando, por isso o nosso jornal

A bailarina voltou

do outro mundo

PARIS, 31.—A bailarina francesa de caberé Odette Vincent, de 26 anos, «voltou do outro mundo». Em 16 de Dezembro, soldados encontraram o corpo nu e esfacelado de uma mulher, num fortim, próximo de Margival, no campo de batalha do Aisne, no Norte da França. Georges Vincent de 34 anos, viu uma fotografia do cadáver numa revista semanal e declarou á Polícia: «E' Odette, minha mulher, de quem estou separado». Sua mãe também «reconheceu Odette» por uma cicatriz na coxa direita. A Polícia encontrou, porém, ontem Odette cheia de vida. «Não admira que Georges se tenha enganado» —declarou. «Há mais de um ano que não me vê».—(Reuter).

DE LUTO

D. Adelaide Patrício Gil

Faleceu ontem á noite, na Guarda, rodeada por pessoas de familia, a sr.ª D. Adelaide Patrício Gil, de 76 anos, viuva do grande poeta que foi Augusto Gil e filha da sr.ª D. Adelaide Outeiro Patrício e do sr. Fernando Patrício, já falecidos.

A distinta finada, senhora de vasta cultura e querida de quantos a rodeavam, pelas suas altas qualidades, era irmã do distinto escritor e tisiólogo dr. Ladislau Patrício e tia do poeta e publicista e nosso distinto colaborador sr. dr. João Patrício; e irmã das sr.as D. Laurinda Patrício Albertino, já falecida, Evangelina Patrício Ribas e Dulce Patrício Paúl.

O corpo da extinta será conduzido amanhã, de manhã, para o jazigo do cemitério da Guarda, onde repousam os restos mortais de Augusto Gil, que a sua viuva havia mandado construir com o produto da obra do grande poeta. O mausoléu, obra do escultor João da Silva, encontra-se recheado, interiormente, de objectos familiares, que se encontravam na casa onde, durante largos anos, residiu o casal. Assim, os restos de Augusto Gil, cuja obra se encontra toda inspirada pela presença da esposa, terão a seu lado os da companheira de tantos anos. Simbolicamente rodeá-los-á a atmosfera do lar, dos objectos amados da sua existência. Unidos para além da morte, os seus corpos descançarão no eterno sono, juntos como na vida.

A' familia enlutada e, em especial, os srs. drs. Ladislau Patrício e João Patrício, o nosso jornal apresenta os seus sinceros e sentidos pêsames.

D. Elisa Miranda Sequeira

MOITA DO RIBATEJO, 30—Faleceu, no Instituto Português de Oncologia, a sr.ª D. Elisa Miranda Sequeira, natural de Lisboa e residente nesta vila, onde a sua morte foi muito sentida, pois a extinta era uma pessoa muito bondosa que sempre procurava proteger os pobres.

Tinha 63 anos, era casada com o dr. Alexandre Sequeira, que há mais de 40 anos exerce clínica na Associação de Socorros Mutuos União Moitense, que muito lhe deve, pelo que lhe têm sido prestadas justas homenagens, e irmã do sr. Armando Miranda, industrial de cinema no Barreiro.

Vitorino Simões

EVORA, 30.—Na sua residência, Rua da Republica, 83, faleceu o sr. Vitorino Simões, de 65 anos, natural de Sangalhos, sócio da firma J. Simões, Ld.ª e aqui estabelecido há cerca de 40 anos.

Muito considerado em Evora e no meio comercial do País, deixa viuva a sr.ª D. Francisca Rosado Dias Simões e era pai das sr.as D. Maria de Lourdes Dias Simões Ribeiro, D. Maria José Dias Simões e D. Maria do Céu Dias Simões; irmão dos srs. Joaquim Simões, residente em Madrid, Antero Simões e Elisiário Simões, residente em Sangalhos; e das sr.as D. Ducilia Simões, residente em Aveiro, e D. Ilda Simões, residente em Marco de Canaveses.

Afonso Ova

NAZARÉ, 30 — Faleceu no Hospital de Nossa Senhora da Nazaré o sr. Afonso Ova, de 65 anos, natural desta localidade, industrial de transportes de automóveis, casado com a sr.ª D. Deolinda Bernardina Ova e pai da menina Maria da Piedade Vinagre Ova.

No seu funeral, para o cemitério da Pederneira, incorporaram-se muitas pessoas, pois o falecido era aqui muito estimado.

D. Margarida Condeço

EVORA, 30.—Num quarto particular do Hospital da Misericórdia faleceu, com 99 anos, a sr.ª D. Margarida Condeço, solteira, natural de Pavia. Era irmã do sr. Paulo José Condeço de 96 anos, aposentado do Exército.

nova Parker "51"

... O PRESENTE DE UTILIDADE E PRAZER CONSTANTES!

SEJA em que ocasião for que oferecer um presente, bem sabe que a Parker "51" dará prazer durante muitos anos. A Parker "51" deve a sua fama universal ao facto de escrever sem esforço, e ao seu incomparável desenho. Só esta caneta possue o sistema "aero-metric", que torna o enchimento fácil e a escrita suave.

Escolha uma Parker "51" quando tiver de dar um presente, fazendo-a acompanhar de uma lapiseira "51". À venda em todas as boas casas da especialidade.

Quink

Para obter os melhores resultados, tanto com esta como com qualquer outra caneta, use Parker Quink com solv-x.

Preços: Canetas Parker "51" Dourada 600$00 — Lustraloy 500$00

Representantes Exclusivos e Posto Central de Reparações:

Papelaria da Moda — António Vieira, Lda. — Rua do Ouro, 167 — Lisboa

PP. 540

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Telef. 43189-43180-55301-62772-CC 22

R. DE SANTA MARTA, 52-A, 56-A

Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

A reabertura do Aquário

Sob a direcção do sr. Manuel Outerelo da Costa profissional da industria hoteleira de reconhecida probidade, reabre hoje ao publico, completamente remodelado, o elegante restaurante «Aquário», da Rua Jardim do Regedor.

Aquele estabelecimento apresenta-se num outro ambiente, em que uma boa combinação de cores e de luzes tornaram mais acolhedoras as magníficas instalações, graças aos arquitectos José Mantero e Henrique de Figueiredo, dois artistas da nova geração que vêm marcando pelo seu talento.

O salão-restaurante é de cores sóbrias, e o «bar» convidativo aos seus frequentadores. A tornar ainda mais agradável o ambiente, foi encarregado da parte musical o pianista argentino Adolfo Walzaman, que escolheu para o «trio» que dirige o seu compatriota Ricardo Spasmacher e o português Amandio Amaral.

Estiveram presentes á abertura o sr. drs Adolfo de Andrade, presidente do Grémio da Imprensa Diária; representante do Secretariado Nacional da Informação e do chefe da repartição de Turismo, srs. drs. Manuel Henriques da Silva e Manuel Gonçalves; dr. Manuel Murias, director do nosso prezado colega «Diário da Manhã» e outras individualidades.

AGENTES EM LISBOA
J. A. DA COSTA PINA
Rua do Alecrim, 69

AGENTES NO PORTO E PROVINCIA
COSTA PINA & VILAVERDE
Rua Formosa, 297

1953-1954

RESTAURANTE

FLORESTA DA BAIRRADA

DAFEIRA POPULAR DE LISBOA

O seu proprietário **EDUARDO MARTINS** *deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos festas felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.*

MARTINHO

CAFE --- CERVEJARIA --- BILHARES

PASSAGEM DE ANO

CEIA E MUSICA

Reserve a sua Mesa

Informações:

35772 26894

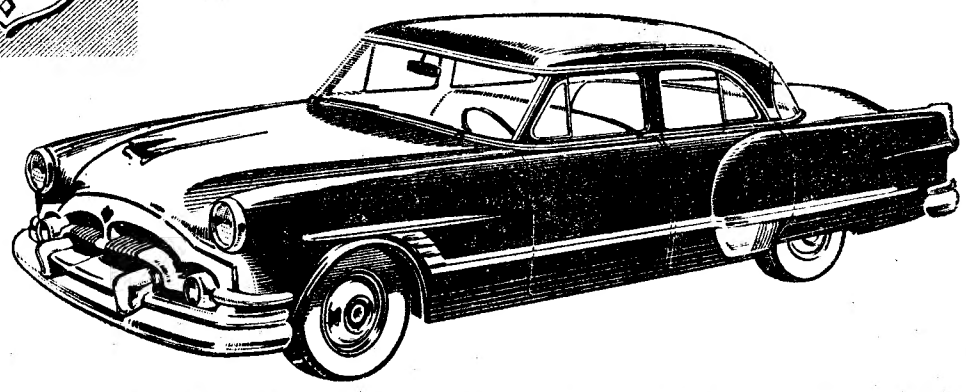
PARILAC

Informa que o seu depósito mudou para

R. do Alecrim, 49--Telef. 31919

Onde os seus Ex.mos Clientes encontrarão os Esmaltes, Tintas, Vernizes e Secantes desta afamada marca

TUDO NOS NOVOS «PACKARD», DESDE A SUA EXCEPCIONAL MECÂNICA AO MAIS PEQUENO PORMENOR, É PERFEITO, E ESTÁ ESTUDADO PARA VOS GARANTIR A MAIOR COMODIDADE, PRAZER E SEGURANÇA



PACKARD

DISTRIBUIDORES MOCAR, L.DA AV. ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, 191-193 SERVIÇO - OFICINAS - PEÇAS, R. D. LUÍS DE NORONHA, 40-42

R

Vida artistica

Salão de Inverno

Com a presença do crefe do Estado, realiza-se, no próximo domingo, ás 16 e 30, no palácio da Sociedade Nacional de Belas-Artes, na Rua Barata Salgueiro, a inauguração da 18.ª exposição anual daquela Sociedade («Salão de Inverno»).

3.º Salão de Férias do pessoal dos C. T. T.

O Centro de Desporto Cultura e Recreio do Pessoal dos C. T. T. promove, este ano, mais um certame fotográfico, o seu «3.º Salão de Férias», que foi agora inaugurado na sua sede, á Rua Alves Correia, 10. O certame, que tem sido muito visitado e revela verdadeiros artistas fotográficos, estará patente até depois de amanhã. São á volta de 100 as fotografias expostas.

Exposição dos Pecuários

Na Rua Castilho, 20, continua aberta, das 16 ás 20 horas, até ao dia 10 de Janeiro, a 1.ª Exposição de arte, organizada pelo Grupo Desportivo e Cultural da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Uma exposição e duas conferências na vila do Bombarral

BOMBARRAL, 28—Tem tido grande concorrência a 1.ª Exposição de Presépios e Arte Sacra, aberta, até quarta-feira próxima, no salão nobre do Teatro Eduardo Brasão, onde fez já uma conferência o professor de pintura sr. Armando Lucena, que falou sobre o desenvolvimento da escultura no século XVIII. Amanhã, fará também uma conferência no mesmo local, ás 21 e 30, o sr. dr. Luís Chaves, a qual é aguardada com interesse.

NOTÍCIAS DE ALCOBAÇA

ALCOBAÇA, 28—Trabalha-se afanosamente para que a rede eléctrica seja inaugurada brevemente na freguesia de Vestiaria, melhoramento só agora possivel e para o qual contribuiu o rev. José Cacela, há muitos anos residente na América, com uma importante dádiva.

—A corporação dos Bombeiros Voluntários de Alcobaça inaugura em Janeiro uma nova ambulancia que foi adquirida por subsidios concedidos pelo Estado e pelo produto de festas realizadas em seu beneficio.

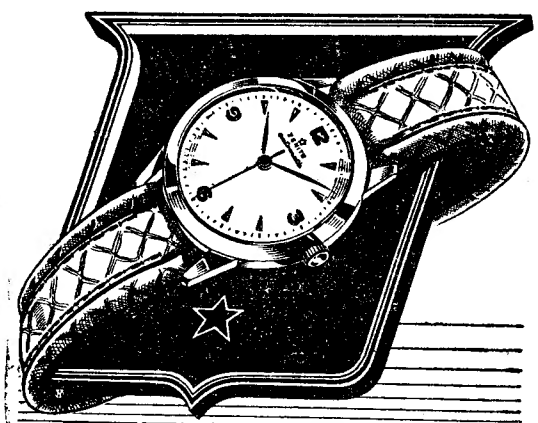
Entraram pelo telhado...

EVORA, 28—Os gatunos assaltaram a residência do lavrador Guilherme Ferreira, no lugar de Fajarda, Coruche, utilizando uma abertura que fizeram no telhado. Depois de arrombarem algumas malas, roubaram roupas e calçado, não estando ainda identificados os autores da proeza. A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

ZENITH
obteve novamente
o 1.º prémio de série
no Observatório
de Neuchatel

*

Em relojoaria não
se fabrica melhor



ZENITH
Automatic

Restaurante
La Gondola
Pratos Italianos
Aquecimento
Avenida de Berne, 60 Telef. 70426

Leiam o jornal humoristico
«SEMPRE FIXE»

O Carnaval de Veneza
apresenta
os mais lindos brindes
para o
Natal e Ano Bom
RUA AUREA 107

MÓVEIS
«JANEL»
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76-A
Inauguração: NO PRÓXIMO SÁBADO, 2 DE JANEIRO.

Dores, Irmãos, Lda., convidám os seus Ex.mos Clientes e Amigos a visitarem o seu novo estabelecimento, a inaugurar no próximo sábado, 2 de Janeiro, na RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76-A.

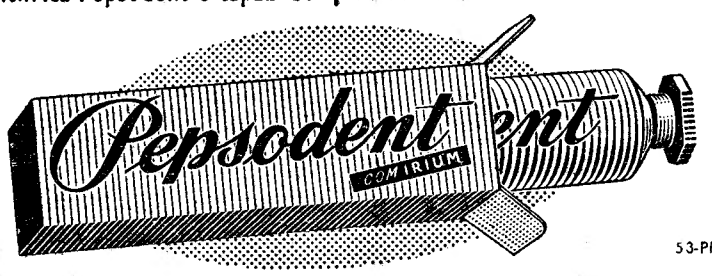
COZINHA NO LAR
por IRENE VIZI
Um vol. cart. com gravuras em papel «couché» 50$00
LIVRARIA BERTRAND

Um livro para crianças, de apresenttação moderna e com Teatro de Fantoches Animados 25$00
OS FANTOCHES DO GARATUJA
Texto de Ilda Correia Leite — Desenhos de Fernando Bento
LIVRARIA BERTRAND

Uma película embacia os seus dentes

Pepsodent elimina-a porque contém Irium

Sobre os seus dentes está-se depositando continuamente uma película de impurezas que lhes rouba o brilho natural. Sòmente a pasta dentífrica Pepsodent é capaz de dissolver essa película porque só ela contém essa substância mágica que se chama Irium. Graças à Pepsodent os seus dentes recuperarão toda a sua brancura natural.



53-PP-21-606

REVELA A VERDADEIRA BRANCURA DOS SEUS DENTES

Indústrias Lever Portuguesa, Lda. – Sacavém

As descobertas da guerra
ao serviço da Medicina

LONDRES—Novembro—O primeiro edificio hospitalar importante que se concluiu em Londres, desde o fim da II Guerra Mundial, contém um grande aparelho de radioterapia, e cuja invenção resultou das descobertas da guerra para a Medicina. Trata-se de um acelerador linear de 8.000.000 volts, destinado a acelerar partículas atómicas de altas velocidades, incorporando num unico aparelho os dispositivos necessários para que todas as vantagens tecnicas sejam reunidas no uso de radiações de alta energia.

Tornando possivel o emprêgo de uma dose adequada de raios-X muito penetrante de 8.000.000 volts num tumor profundo, o aparelho foi projectado em estreita colaboração pelo Estabelecimento de Pesquisas de Energia Atómica, pela Secção de Pesquisas Radioterapeuticas do Conselho de Pesquisas Médicas da Grã-Bretanha e pela Metropolitan-Vickers Electrical C.° Ltd. Encontra-se na parte Sul do novo edificio construido para o Conselho de Pesquisas Médicas no Hammersmith Hospital, Londres.

No parte NoNrte do edificio está construção um ciclotrão de 1m14, destinado aos tratamentos médicos. Este aparelho acelera o movimento de pesadas particulas atómicas da velocidade que atingem 48.280 quilómetros por segundo, o que dá origem a radiações muito penetrantes. Para impedir a perda dessas radiações, o aparelho, que pesa 180 toneladas, está colocado numa grande sala de cimento armado com tecto e paredes de 1m180 a 3 metros de espessura; as suas duas portas, pesando de 35 a 190 toneladas, fecham herméticamente, e toda a instalação é dirigida de uma sala de «controle» distante.

A produção de isótopos

Os ciclotrões produzem as matérias radioactivas conhecidas como radioisótopos, que se prestam a uma variedade de aplicações médicas, tanto no diagnóstico como na terapia, e a importancia dêsse ciclotrão está no seu poder de produzir, num hospital, certos isótopos de muito pouca duração—em alguns casos uma questão de apenas poucos minutos—e que devem ser usados logo após serem produzidos.

A sala de tratamento onde se acha a acelerador linear está cercada de paredes de betão de 1m20 a 1m80 de espessura. A protecção proporcionada ao pessoal é maior do que a necessária para sua segurança e suficiente para impedir a interferência nos laboratórios de pesquisas adjacentes, cujo trabalho é medir as quantidades diminutas de material radioactivo. A sala de tratamento é de fácil acesso, e o operador pode observar o paciente por meio de um dispositivo periscópico.

O nome do aparelho resulta do facto de ele consistir num tubo de cobre recto de 3 metros de comprimento, especialmente criado, em que ondas de frequência muito alta aceleram um raio de electrões. O uso dessas ondas foi possivel com o desenvolvimento em tempo de guerra de válvulas micro-ondas como a magnetrão, e de outras tecnicas empregadas no radar. O raio electrão atinge um disco dourado e são produzidos os raios-X. Esses raios são muito penetrantes, pois são gerados por electrões com uma voltagem equivalente a 8.000.000 cuja fôrça pode ser julgada pelo facto de que a voltagem usada em aparelhos de radioterapia comuns é de 200.000, embora existam em uso na Grã-Bretanha aparelhos de radioterapia de 1.000.000 ou 2.000.000 volts. Essa ultima voltagem é também a voltagem efectiva de aparelhos de teleterapia Cobalto 60, recentemente pôsto em uso.

O radio luminosos dos raios-X do acelerador linear pode ser focalizado com precisão em qualquer ponto do corpo do doente. Coloca-se o doente sob o raio luminoso dos raios-X elevando ou abaixando o pavimento da sala de tratamento e empregando uma mesa especial. Os movimentos do raio luminoso dos raios-X, do pavimento e da mesa podem ser controlados automàticamente por meio de um dispositivo electrónico. A intensidade elevada do raio luminoso dos raio-X directamente no doente reduz o tempo de cada tratamento de aproximadamente dois minutos, e a natureza extremamente penetrante dos raios-X permite sua aplicação em alta dose sem causar reacções cutaneas.

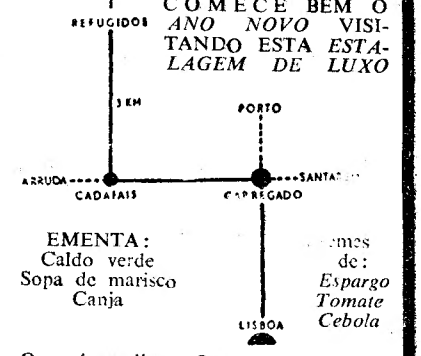
Não se pode, no momento, calcular exactamente o valor dêsse novo genero de tratamento, mas ele apresenta, segundo o Conselho de Pesquisas Médicas, uma vantagem certa: a ausência de reacções cutaneas torna o tratamento menos penoso para os doentes, e um numero maior de pacientes pode ser tratado num tempo determinado.

Estendendo-se os principios usados no acelerador linear de 8.000.000 volts, foi possivel projectar-se uma máquina muito compacta de 4.000.000 volts apropriada para uso comum nos departamentos de radioterapia. O Ministério da Saude da Grã-Bretanha já fez diversas encomendas desse aparelho.

PHYLLIS DAVIES

SOLAR DO CONVENTO

COMECE BEM O *ANO NOVO* VISITANDO ESTA *ESTALAGEM DE LUXO*



EMENTA:
Caldo verde
Sopa de marisco
Canja

...mes de:
Espargo
Tomate
Cebola

Ovos á escolha — Ostras ao natural

Linguado á moleira — Filetes c/ arroz marisco — Pescada c/ todos — Carne de porco á alentejana — Carne estufada á *Solar* Frango corado com ervilhas — Peru

«Mousse» chocolate — Creme «Cocktail»

Sonhos — Pastelaria

Fruta da estação

Marcações pelo telef. ALENQUER 108

A despesa da chamada será descontada

Carioca Estoril TEL. 730

HOJE

O MAIS ELEGANTE E ANIMADO

«REVEILLON»

Uma noite que tem tradições

BAILE-COTILLON

A GRANDE VEDETA FRANCESA

JACQUELINE FRANÇOIS

Decorações de TOM — TRAJO DE SOIRÉE (Para maiores 15 anos)

LOTAÇÃO ESGOTADA

o-o-o

Amanhã – DIA DE ANO NOVO

Ás 17 horas – «CHÁ - DANÇANTE»

PREÇO — Chá completo com entrada no CASINO, 17$50

Ás 21 horas - JANTAR, com menu especial

(Para maiores de 15 anos)

JACQUELINE FRANÇOIS actuará à noite no «WINDSOR» e no «RESTAURANTE»

RESTAURANTE CONDE REDONDO

TEM A HONRA DE APRESENTAR O SEU ALEGRE «REVEILLON» NA NOITE DE S. SILVESTRE

MARCAM-SE MESAS

RUA CONDE REDONDO, 58

Tel.: 40306

Império de Triana

NINA

«REVEILLON»

Com todas as suas sensacionais atracções

IMPERIO DE TRIANA

JOSÉ GALLARZO

JOSÉ SANCHEZ

e o CONJUNTO "NINA"

O GRANDE «REVEILLON» DE LISBOA

ENTRADA SELECCIONADA — Para adultos

CANDIDINHA

AV. ANTONIO AUGUSTO AGUIAR, 13 — TELEF. 42268

LISBOA

CANDIDA CELESTE NOGUEIRA ALVES E FILHOS

RUA DA BOA HORA, 15 — TELEF. 23506

PORTO

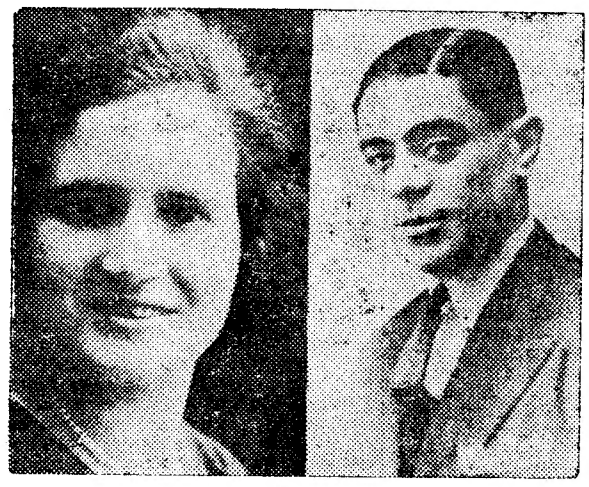
Desejam a todas as suas Ex.mas Clientes e Amigas Festas Felizes e um Novo Ano de prosperidade.

Pão de Açúcar

Pastelaria — Salão de Chá
*
NATAL E ANO NOVO
1/2 LIBRAS OURO
BRINDE NO BOLO REI
*
Al. D. Afonso Henriques, 70-A
Tel. 845260-849847

PASSE A NOITE DE
S. SILVESTRE
no RESTAURANTE-TIPICO
«O FAIA»
MUSICA de baile
FADOS pelo seu excelente elenco
OPTIMOS serviços
de COZINHA e BAR
Marque a sua mesa para
o «REVEILLON» no «FAIA»
R. DA BARROCA, 48-56—Tel. 29387

A "TIA ADELINA" E O MESQUITA



Eram assim em 1938, quando abriram a sua Adega, jovens, sonhadores e confiantes

Hoje são como aqui se apresentam, sempre unidos, felizes e optimistas

Ontem, hoje, amanhã e sempre

A ADEGA MESQUITA, o estabelecimento português do género mais conhecido e popularizado nas 5 partes do Mundo, continua a servir com o maior escrupulo a sua distinta e ilustre clientela e a honrar perante os estrangeiros, que a frequentam e preferem, o nome da cozinha nacional, sem esquecer os tradicionais e suculentos pratos da província de Trás-os-Montes. E os jantares acompanhados todas as noites com fados pelos melhores artistas portugueses e admiráveis variações à guitarra por Raúl Nery e Joaquim do Vale.

A todos os seus amigos e clientes, artistas do Teatro, do Cinema, da Rádio, do Fado, da Tauromaquia, alicionados e ganaderos, poetas, escritores, jornalistas, comerciantes, industriais, desportistas, porque todas as classes a frequentam e elegem.

A ADEGA MESQUITA

Rua do Diário de Noticias, 107 — Telefone 2 8307

Deseja Boas Festas e um Ano Novo cheio até mais não de felicidades.

Pensão São Jorge
R. CASTILHO, 59-1.º — Tel. 49906
Cumprimenta e deseja aos seus Ex.mos Clientes um Novo Ano de prosperidades.

NUNCA HOUVE UM HOMEM COMO

ALAN LADD · JEAN ARTHUR · VAN HEFLIN
E UMA PRODUÇÃO DE
GEORGE STEVENS
SHANE
com BRANDON DE WILDE e JACK PALANCE
BEN JOHNSON EDGAR BUCHANAN PRODUTOR E REALIZADOR GEORGE STEVENS ARGUMENTO DE A. B. GUTHRIE, JR.
DIALOGOS ADICIONAIS DE JACK SHER BASEADO NA NOVELA DE JACK SCHAEFER
Colorido por TECHNICOLOR
O FILME REALIZADO DE UMA FORMA TOTALMENTE DIFERENTE E QUE NOS OFERECE UM NOVO ÂNGULO AMOROSO
É um filme Paramount

AMANHÃ
DATA MEMORÁVEL, ESTREIA NO MONUMENTAL

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: «CONFESSO !» — IMPÉRIO

São Luiz
Telef. 27172
PARA ADULTOS
As 15.15—18.15—21.30
Em 2.ª Semana:
INGRID BERGMAN
na extraordinária realização de ROSSELINI
EUROPA 51
(3 Grandes Prémios Internacionais)

EDEN
Telef. 20768
A's 15.30-18.30-21.30
2.ª semana triunfal!
O luxuoso espectáculo
A Máscara Azul
com Marika Rökk e Paul Cristian
ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

SÃO JORGE
Telef. 54153—Bal. 54154
A's 15.15-18.15-21.30:
2.ª semana do encantador tecnicolor
LILI
Prémio de Cannes de 1953, com Leslie Caron e Mel Ferrer
A' tarde para maiores de 6 e à noite para maiores de 13 anos

ALVALADE
TEL. 73865
A's 15.30 e às 21.30 a maravilhosa opereta
Canção do «Sheik»
com Kathryn Grayson e Gordon Macrae
(PARA ADULTOS)

ODEON
Telef. 26283
A's 21 e 15
PALACIO
A's 21.30
Telef. 47143
24.ª Semana do deslumbrante filme colorido indiano
PRESTIGIO REAL
Toda a beleza, fascinio e mistério do Oriente fabuloso
(Para maiores de 13 anos)

CAPITOLIO
TEL. 27493
A's 15.30 e 21.30: Exito absoluto de
Tico Tico no Fubá
A melhor produção brasileira com Anselmo Duarte e Tonia Carrero
(Para maiores de 13 anos)

TERRASSE
TEL. 20917 — A's 21.15 h.
A Baia das Tormentas
A Enjeitada
(Para maiores de 13 anos)

TIVOLI
Telefone 30590
A's 3 e 6.15 da tarde (a preços reduzidos) e 21 h. da noite
(Para maiores de 18 anos)
Alec Guinness e Yvonne de Carlo
na famosa comédia
O Paraíso do Capitão

POLITEAMA
TEL. 26300
HOJE — A's 15.15, 18.15 e 21.15:
3.ª Semana da famosa maravilha!
Sempre lotações esgotadas!
Christian Andersen
com Danny Kaye, numa criação diferente do seu estilo
(Maiores de 13 anos)
AVISO: As crianças a partir dos seis anos de idade podem assistir à 1.ª e à 2.ª matinées
ATENÇÃO: A soirée de hoje começa às 21.15 e acaba antes da MEIA-NOITE

CONDES
Telef. 55131
A's 15.15—18.15—21.30
(Para maiores 13 anos)
A verdadeira obra de arte em tecnicolor
CHOPIN IMORTAL
com Cornel Wilde, Merle Oberon e Paul Muni

MONUMENTAL
TEL. 55131
A's 13.15 e 21.30
Em ultimas exibições
2.ª semana do espectacular filme de aventuras em maravilhoso tecnicolor
O Mundo nos seus braços
com Gregory Peck e Ann Blyth
Para maiores de 13 anos

IMPÉRIO
Telefs.: Plateia 55134
Balcões 55135
A's 15.15 e 21.30
A grandiosa obra de ALFRED HITCHCOCK
CONFESSO!
Emocionante e admirável desempenho com Montgomery Clift e Anne Baxter
(PARA ADULTOS)

LIS
Tel. 48560
POMO DE DISCORDIA
As 21.15 O Milagre do Quadro
(Para maiores de 13 anos)

CASINO ESTORIL
VELADA DO ANO
(Trajo de soirée)
A's 21,30 (Espectáculo para adultos)

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Hermínia Silva recebeu convite para se deslocar a S. Paulo, a fim de participar nos festivais artísticos integrados no programa comemorativo do IV Centenário da Fundação daquela cidade.

—E' provável que não se efectue hoje, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, a estreia da peça «Está lá fora um inspector».

—Será remodelado o elenco da companhia que, no Teatro Apolo, vai brevemente desempenhar a nova revista «Mãos no ar».

—Encontra-se em Lisboa, devendo seguir brevemente para África, a actriz Marlice, que ultimamente fez parte do conjunto Artistas Portuenses Associados.

—Em Janeiro vai realizar-se, no Coliseu, o tradicional sarau ginástico do Lisboa Ginásio Clube.

—Vai brevemente actuar no eTatro Maria Vitória o «ballet» alemão «Contry Girl's» integrado na revista «Saias curtas».

—Na próxima semana só devem ficar a funcionar em Lisboa os Teatros D. Maria II, Maria Vitória e Monumental.

—Assim que termine a sua digressão por Angola, segue para Lourenço Marques o cantor Francisco José.

—O actor Pereira Saraiva está indicado para o elenco da companhia de comédias da actriz Mirita Casimiro, caso se concretizem as negociações para a sua próxima reaparição num teatro de Lisboa.

—Na sexta-feira, é feita no Teatro Monumental a reposição da peça infantil «Era uma vez uma princesinha».

—Encontram-se em S. Tomé os artistas Rui Metelo e Cinira Cruz, que ali estão a dar espectáculos com um conjunto organizado em Luanda.

Teatro Experimental

«O Avarento», de Molière, no teatrinho da Rua da Fé

Nos dias 12 e 13 de Janeiro, no teatrinho da Rua da Fé, 23, vai ser apresentado «O Avarento», de Moliére, numa versão e visão cénica de Osvaldo de Medeiros. Para esta sua nova realização, o director do agrupamento tem a colaboração do pintor João Santiago, autor da maqueta da cena unica e dos figurinos. Na equipa que vai desempenhar «O Avarento» figuram os nomes de Grece de Castro, Maria Luisa Damaia, Maria Olivia, A. Amaral, António Alves Correia, Fausto, Fernão Pais, Luis Sande, Pedro Bacelar, Quirino Simões, Sousa Bastos e Osvaldo de Medeiros, que fará o protagonista. A musica de comentário é de Luis Sande.

Matinées clássicas no Tivoli

O prof. Palma Carlos vai comentar «Em nome da lei»

A «matinée» clássica da próxima terça-feira no Tivoli vai ser preenchida pela exibição do famoso filme neo-realista italiano, «Em nome da lei», que será comentado pelo distinto causídico e bastonário da Ordem dos Advogados, sr. prof. dr. Adelino da Palma Carlos.

Primeiras exibições

«Confesso!», no Império

O Império fechou com chave de ouro o ano de 1953. «Confesso!» é um filme que merece ser visto. Logo nas primeiras imagens, mormente na cena da confissão, numa escura e desaconchegada igreja, se sente o dedo de mestre que dirigiu toda a obra. Uma realização de Alfred Hitchock é sempre um tratado de cinematografia, posto de tal forma, que o prazer advindo da sua consulta mão o é só para os advindo da sua consulta não o é só para os ra os espectadores normais. Talvez mais para estes, dado os primeiros terem sempre os seus defeitos a apontar, com o inevitável ar de «magister dixit». Ontem, no Império, estavam todos os «hitchocks» nacionais e oxalá a lição lhes tenha sido proveitosa, que bem o precisam.

O problema-base do argumento de Taborie e Archibald, o ponto ao redor do qual se movimenta toda a história, é o segredo da confissão que o padre católico tem de guardar. Mas, conjugados com esse problema, tratado com o respeito e a verdade que ele pode merecer, surgem muitos outros, um sem-numero de casos secundários, digamos mesmo pessoais, que se desprendem do primeiro, jogo de factos bem urdidos, de sequência lógica e real.

Mas as honras de «I Confess» vão todas inteirinhas para Hitchocock. E' ele o eixo de toda a pelicula, o ditador da série de excelentes imagens que comporta, o guarda fiel da necessidade de suspensão em que o publico tem de manter-se, preso ao «écran» dos primeiros aos ultimos metros de filme.

Há pedaços de verdadeira mestria. Citemos ao acaso: o primeiro «flash-back» do depoimento de Mrs. Grandfort; a sequência que ilustra o inquérito policial ás igrejas da cidade; o plano em que está focado o telefonema de Anne Baxter a Clift; e muitas, muitas outras, que o leitor sentirá prazer em classificar por si próprio.

Para os principais papeis de «Confesso!», Hitchcock rodeou-se de artistas com qualidades já comprovadas. Por isso mesmo, o filme conta com a interpretação de Anne Baster, Montgomery Clift, Karl Malden, num inspeotor cheio de intenção, e de alguns outros artistas, cujos nomes não vêm citados no programa e não temos presentes na memória. Assinalem-se, no entanto, as expressões do actor que interpreta o assassino.

A sessão completou-se com dois jornais de actualidades, um bem humorado filme de desenhos animados e um documentário sobre «A época da temeridade».—*Visor 30.*

Faleceu Lee Shubert

NOVA YORK, 30— Com 78 anos faleceu o maior empresário teatral dos Estados Unidos, Lee Shubert. Só em Nova York era proprietá-

(Continua na 11.ª página)

VARIEDADES
2 sessões, às 20.30 e 23 horas
Só até segunda-feira, ultimas representações
O Conde Barão
com Vasco, Ribeirinho, Costinha, Hortense, Maria Helena, Henrique Santana, Luisa Durão e Artur Semedo
(Espectáculo para adultos)
Amanhã, «matinée», ás 16 horas

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
Hoje, ás 21 e 45, reposição da mais encantadora comédia dos nossos tempos
RAPAZIADAS
(Espectáculo para adultos)
Amanhã, dia de Ano Novo ás 15,30 horas
A HISTORIA DA CAROCHINHA

APOLO 2 SESSÕES A's 20.30 e 22,45
Telef. 28643 Só até domingo, a revista
LISBOA ANTIGA
com HERMINIA SILVA e ALVARO PEREIRA
(Para maiores de 18 anos)
Amanhã, «matinées» ás 16 horas

SALÃO DE FESTAS DO RIALTO
R. Conde Redondo, 6
HOJE, 31
Musica de baile, pelo
CONJUNTO URCEIRA
Dias 1, 2 e 3 á tarde e á noite
PARA ADULTOS

TEATRO MONUMENTAL
às 20,45 e 22,45
Uma opereta popular
Espectáculos de VASCO MORGADO

LAURA

ASSIS
A NOITE DO FIM DO ANO MAIS ALEGRE DE LISBOA
Para maiores de 13 anos
O maior êxito do teatro musicado dos últimos anos

PIÇARRA
Maria da Fonte
com
LAURA ALVES
MARIA PAZO, LUIS PIÇARRA, GUILHERME KJOLNER, AIDA BAPTISTA, ASSIS PACHECO, SANTOS CARVALHO, LUIS DE CAMPOS, FERNANDO GUSMÃO, PAULO RENATO, RAUL SOLNADO, OSCAR ACURCIO, MARIA OLGUIM, FERNANDA DE SOUSA, ETC.

MARIA PAZO
AMANHÃ—«Matinée» infantil com a peça «ERA UMA VEZ UMA PRINCESINHA»

Cecilia de Jesus
GUITARRA DE ALFAMA

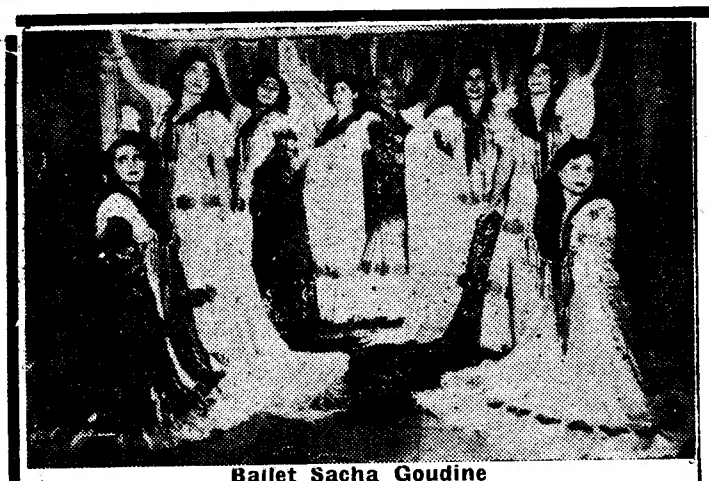
Piedade Nunes
O Restaurante mais típico de Alfama
LARGO DO PENEIREIRO, N.º 7 (ao meio da Rua da Regueira)—Telef. 30451
«REVEILLON» DO FIM DO ANO
FADOS, GUITARRADAS, DESGARRADAS E MUSICA PORTUGUESA. Sob a Direcção de Julio Peres, um valioso elenco. Noite inesquecivel de Alegria e boa disposição no verdadeiro CANTINHO DO FADO, passe V. Ex.ª a noite neste cantinho acolhedor e nunca mais esquecerá. A guitarra: João Vieira. A viola: Mário Santos
BOM SERVIÇO DE COZINHA. CEIAS ESPECIAIS
As poucas mesas que restam podem ser marcadas pelo telefone acima.

AVENIDA HOJE A's 22 horas
GRANDE EXITO!!!
A ADMIRAVEL COMEDIA DO DR. ARY DOS SANTOS
«O PRINCIPE»
Com o eminente actor ALVES DA CUNHA
BERTA DE BIVAR, MARIA PAULA e TODA A COMPANHIA
A's 24 horas EM PONTO: SAUDAÇÃO AO ANO NOVO por um dos mais categorizados artistas e distribuição de chocolates REGINA
AMANHÃ, DIA DE ANO NOVO
«MATINÉE» ás 16 horas

Helena Tavares
LUSO
T 32889
Animador FILIPE PINTO
HOJE
Noite Fim de Ano
Baile com a orquestra IMPERIAL
Fados Desgarradas, por ISABEL SILVA, Isaura Alice de Carvalho, Joaquim Silveirinha, Eduardo Janeiro e outros. Solos, por Camarinha e Pedro Leal. Para adultos.
AMANHÃ — «MATINÉE»
AS NOITES DE FIM DE ANO NO LUSO, TRADIÇÃO PELA SELECÇÃO RIGOROSA E AMBIENTE FAMILIAR.

BETA
PEÚGAS SEM RIVAL HOMEM CRIANÇA
MEIAS E PEÚGAS QUE SERVEM A TODOS E A TODOS SERVEM BEM!

1953 HOJE VESPERA DE ANO NOVO!
NO Maria Vitória SALVADOR APRESENTA
Amanhã DIA ANO NOVO! 1954
2 Sessões 2
Ás 20,30 e 22,45 h.
SENSACIONAL DESPEDIDA DO ANO VELHO
com
O MAIS ALEGRE DE TODOS OS ESPECTÁCULOS!
Saias Curtas
A revista popular de maior êxito de todos os tempos!
3 GRANDIOSOS ESPECTÁCULOS!
Ás 16 horas
1.ª «MATINÉE» DO ANO
Á NOITE
2 SESSÕES 2
PARA ADULTOS


Ballet Sacha Goudine

CLUB MIAMI

(Para adultos)

HOJE — O «SHOW»

ELA NÃO GOSTAVA DO MIAMI

com todo o elenco de oiro desta empresa: **3 BALLET'S 3: SACHA GOUDINE, MARIN** e **LAS MALENAS;** *e a estilista da canção* **ROSINA GRACIA. 40 ARTISTAS 40.** *2 Orquestras:* **MIAMI** e **CARAVANA,** *sob a direcção do inigualável maestro* ***João de Vasconcelos.***

Maria Graciete

Rosina Gracia

Hoje:

NOITE DE S. SILVESTRE

Marcação das poucas mesas que restam pelo telefone 34120

Serviço de Ceias até altas horas da madrugada

CONTINUA UM ÊXITO TRIUNFAL

3.ª SEMANA

SEMPRE LOTAÇÕES ESGOTADAS

RKO RADIO FILMES

LINDISSIMAS CANÇÕES QUE LISBOA INTEIRA JÁ CANTA

CHRISTIAN ANDERSEN

com DANNY KAYE e JEAN MAIRE

no POLITEAMA

MAXIME

PARA ADULTOS

O MELHOR EM TUDO!

LUXO · CONFORTO · DISTINCÃO · ELEGANCIA · LUZ · COR

MARAVILHOSA E ALEGRE

NOITE DE S. SILVESTRE

MUITAS SURPRESAS
JANTARES
A AMERICANA
DESDE AS 20 HORAS

SENSACIONAL «REVEILLON»

O MAIS ELEGANTE E O MAIS SELECTO
O UNICO COM BRILHANTES TRADIÇÕES

MOMENTO DE SAUDAÇÃO

APÓS O QUAL A ENTRADA DO NOVO ANO SERÁ CELEBRADA, PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL POR UM

TERNO DE CLARINS — TROMBETAS

NOITE DE INTENSA E LOUCA ALEGRIA!!

EXTRAORDINÁRIO ELENCO DE MUSIC-HALL
COM A FAMOSA E APLAUDIDA ATRACÇÃO

O GRANDIOSO E VIBRANTE «SHOW» DA AMERICA LATINA

MACUMBA

MARAVILHOSA INTERPRETAÇÃO COREOGRAFICA DA
COMPANHIA FOLCLORICA ARGENTINA

UM CONJUNTO FANTASTICO DE RITMO E COR!

E, AINDA, TODO O ELENCO DESTE «DANCING»

AMANHA A'S 17.30 **CHA' DANÇANTE**
ENTRADA LIVRE RIGOROSAMENTE SELECCIONADA
TODAS AS ATRACÇÕES — CONSUMO ESC. 20$00

SENSACIONAL FIM DO ANO **Grande "Reveillon"**

NOITE MARAVILHOSA CHEIA DE SURPRESAS

UM NOTAVEL CARTAZ DE MUSIC-HALL
SERVIÇO DE CEIAS ATÉ DE MADRUGADA

O PONTO DE REUNIÃO DE TODA A LISBOA!

AMBIENTE DE ALEGRIA!

LIMPIA Clube

TELEFONE 20919

DINDA Y SANTA CRUZ
EM RITMOS CUBANOS
ANA MARIA DEL CID
e outras atracções com o
CONJUNTO VILAÇA

(Para adultos)

As mais famosas artistas internacionais colaboram esta noite no

REVEILLON

que vai ser o mais alegre e o mais divertido de toda a LISBOA!!!

Música e surpresas constantes até de madrugada

RITZ CLUB DANCING-COSMOPOLITA

Para adultos — **Uma festa inolvidável com brindes a todos os clientes!!**

CRISTAL dancing

PASSAGEM DO ANO 1953-4

O programa mais alegre no Dancing mais distinto

*

Fernanda Baptista, José António, Rapazes do Ritmo, Danny Kay (Português), Mary et Josete e Rosi y Sole

* * *

2 ANIMADAS ORQUESTRAS

Fernanda Baptista

PARA ADULTOS

LEIAM O JORNAL HUMORISTICO sempre fixe

Efeito moral
duma tragédia

(Continuação da página anterior)

Por tudo isto, o homem dos nossos dias é péssimista. Pensa que tudo está desfeito, que a fé e as crenças em que durante tantos séculos a vida se baseou foram abaladas, foram renegadas, não servem já para a reconstrução do futuro. A vontade, o ideal, o sacrifício, a luta pela vida, tudo isso é inutil, pois inevitàvelmente novos cataclismos virão destruir o que de novo se pode vir a criar. E, se assim é, só uma lei poderá ter adeptos: a de cada um tirar o maior proveito da vida e desprezar tudo o que leve a sacrificios e a trabalhos violentos.

No entanto, se, infelizmente, muitos são os que assim pensam, outros há que por entre a confusão catastrófica dos nossos dias, por entre o péssimismo e decadência da vontade, através das mais duras provas de crise universal, descobrem ainda toda a beleza que o Mundo encerra, conseguem descortinar a bondade, o espírito de sacrifício, a elevação do caracter e da inteligência que caracteriza o homem:—a maior criação do Universo. Se a sua natureza o leva por vezes a praticar actos que demonstram cruelmente o que nele há ainda de instintivo e animal, a verdade é que a sua conduta, noutras circunstancias, é tão elevada, tão grande e sublime que todo o mal é suprimido, é esquecido e dominado pelo bem que pratica.

Sofremos há poucos dias uma catástrofe que encheu de dor o coração de todos os Portugueses. Centenas de operários que honesta e voluntariosamente executavam os seus trabalhos na fábrica de material de guerra em Braço de Prata foram vitimas de uma explosão que tantas mortes ocasionou e tanto sofrimento veio acarretar. No entanto, é de salientar e de louvar a atitude magnifica daqueles que se entregaram de corpo e alma á tarefa de salvar e tratar os feridos. A remoção dos escombros em busca dos que ficaram soterrados, o serviço das ambulancias, a forma como o transito foi espontaneamente interrompido, como os próprios particulares se prestaram a conduzir as vitimas, a corrida em massa aos hospitais, não só dos médicos, como ainda dos indivíduos que ofereciam o seu próprio sangue para salvar vidas alheias, o serviço modelar, eficiente e rápido que se praticou, o espírito de sacrifício, de dedicação, de carinho que os médicos unanimemente manifestaram, tudo isso é uma prova, uma prova trágica mas cruelmente evidente de que há no Mundo, no coração de todos, um tesouro de bondade, de abnegação, de grandiosidade de alma.

O que se passou entre nós, neste velho canto da Europa, no momento em que a humanidade ainda oscilante principiou a dar os primeiros passos do após-guerra, foi uma catástrofe trágica pelas consequências que acarretou, mas foi também um acto de fé, uma afirmação bem evidente e clara do que há de sublime, de grande, de belo no coração dos homens, e da soma de amor e dedicação que a Natureza nos dotou.

Nos maiores cataclismos que havemos ainda de sofrer, nas mais duras privações por que havemos de passar, haverá sempre um raio de luz, uma manifestação de bondade, um elemento de ternura, que espalha a esperança pelos corações mais descrentes e que, no fundo são o significado de toda a vida e da luta que sempre teremos de travar.—F. L. C.

RELÓGIOS OMEGA
Agencia Oficial
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 255 — Tel. 24564

EM 3 LINHAS

Ontem, no Tejo, desde Xabregas a Belém, diversos cercos pescaram muitos milheiros de sardinhas—espectáculo invulgar que foi admirado por centenas de pessoas, nas duas margens.

Nas próximidades da Mata Nacional da Trafaria estão de pé alguns pinheiros doentes, transgredindo a lei que manda abater as arvores que assim oferecem perigo de contágio.

////

A Camara abriu concurso para fornecimento de 3.000 quilos de sementes para relvados, na base de licitação de 120.000$00. As propostas serão abertas no dia 11, ás 15 horas.

////

A sr.ª D. Fernanda Alves Dinis, directora da Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia, foi louvada, por ter oferecido á Escola 109 contos, de vencimentos, para material de ensino.

////

De 1 a 30 de Janeiro está aberto na Academia o concurso para o Prémio Larragoiti.

////

Foi publicada a conta provisória do Estado, dos meses de Janeiro a Outubro passados. O excesso das receitas sobre as despesas orçamentais foi de 827.806 contos.

////

O presidente da Republica promulgou o decreto da Assembleia Nacional de autorização das receitas e despesas em 1954.

////

Foi prorrogado até 31 de Dezembro de 1954 o prazo estabelecido para a utilização de subsidiados pelo Comissariado do Desemprego nos serviços do Estado.

////

O Governo do Japão aderiu á Convenção sobre a Aviação Civil Internacional.

////

O Banco de Angola foi autorizado a emitir, naquela Provincia ultramarina, ou na Metrópole, obrigações no montante de 50 milhões de angolares.

////

Foi mandado aplicar, com alterações, ás provincias de Cabo Verde, Angola, Moçambique e Macau e ao Estado da India, os artigos 15., 136.º e 137.º do Estatuto de Ensino Liceal.

////

O padre Adriano Alves Cotrim da Silva Garcês foi escolhido para representante da arquidiocese de Lourenço Marques e da diocese da Beira, junto do Governo da Metrópole.

Os rigores de Inverno

50° negativos no Canadá

OTTAWA, 31.—Uma massa de ar frio vinda das regiões arcticas provocou uma brusca descida de temperatura em toda a província de Ontario. Na localidade de Armstrong, o termómetro desceu a 50° negativos. Em Ottawa, a temperatura é de 28° abaixo de zero.—(F. P.)

28° negativos na Itália

ROMA, 31.—A vaga de frio que alastra pela Itália fez hoje caír mais neve nos Alpes e Apeninos. O termómetro desceu a 28° centígrados abaixo de zero, no vale de Formazza, na fronteira suíça. Camadas de neve bloquearam vários desfiladeiros, nas montanhas.—(Reuter).

Aldeia isolada pela neve

ROMA, 31.—A aldeia de Castellucio di Norcia, na provincia de Perugia, a 1.453 metros de altitude, está isolada há 24 horas por um nevão. Os oitocentos habitantes não podem sair de casa pois o nevão atinge nas ruas 1 metro e 50 de espessura. Os lobos foram até ás casas e devoraram muitas cabeças de gado.—(France Presse).

Restaurante Maioral
Vila Franca de Xira
GRANDE «REVEILLON»
abrilhantado pelo conjunto
MUSICAL BOYS
— EMENTA —
Lagosta Termidor
Frangainhos grelhados
ou
Carnes Frias
Doce
Torta Maioral
Salada de Frutas
Café brandy ou licor
Reserve a sua mesa para a noite de 150

Quatro bailarinas
espanholas
abandonadas
sem recursos
pelo empresário que fugiu

O director do conjunto do «Ballet» Galhardo, que esteve no Avenida e depois trabalhou no Cristal, ausentou-se de Lisboa, não pagando ás artistas Rosa Garcia Fernandez, Maria Paz Fernandez, Mercedes Moreno e Encarnacion Castella quantias que prefazem 25 contos. Estas artistas ficaram assim em situação deveras crítica, numa Pensão da Rua Eugénio Santos, 93. Francisco Galhardo Vivero, que era o director do «Ballet», fez transportar para o estrangeiro o guarda-roupa e cenários, por um amigo intimo, que também fazia parte do conjunto, sem que as artistas que se encontravam hospedadas com ele na referida pensão se apercebessem das suas intenções. O fugitivo ficou também a dever a hospedagem e as artistas que ficaram, ainda permanecem na pensão, por deferência especial da dona da casa.

As artistas com quem hoje falamos, mostram-se apreensivas com a situação que lhes foi criada, pois não tem recursos, nem para pagar a pensão, nem para regressarem ao seu país, queixando-se amargamente da forma como foram ludibriadas pelo director do conjunto, que recebeu dos empresários as importancias estipuladas nos contractos dizendo que as artistas estavam já pagas.

Disseram-nos ainda que esperavam mandar para suas familias, que são pobres, algumas lembranças nesta quadra festiva do ano e que, depois de tanto terem trabalhado, se encontram numa situação que não sabem como resolver. A dona da pensão, que se condoeu delas, tem-lhes continuado a dar de comer, mas esta situação também se não pode prolongar por muito tempo.

Já recorreram á Policia Judiciária de Lisboa, onde apresentaram queixa contra o director do referido conjunto. A Policia tomou imediatamente as providências que se impunham para a sua captura, mas ao que parece ele já se encontra em Tanger. Anteontem, ainda foi localizado pela Policia em Vila Real de Santo António, não voltando depois a ser visto, pelo que se presume que ele esteja naquela cidade marroquina, para onde vai ser pedida a sua extradição. Entretanto, o chefe Graça e o agente Abraão prosseguem activamente as investigações no sentido de o localizar, tendo pedido a todas as autoridades a sua captura, caso ele se encontre ainda em Portugal.

As artistas ludibriadas foram hoje á embaixada e ao Consulado de Espanha, onde também apresentaram queixa do que lhes sucedeu.

Como em Portugal residem muitos compatriotas seus, elas apelam para a sua generosidade, nesta quadra festiva, certas de que o não deixarão de lhes prestar o conforto moral e material, de que carecem enquanto a sua crítica situação se não se solucionar.

TÁGIDE
«CHEZ ELLE»
ESTA NOITE
"GRANDE VELADA DE S. SILVESTRE"
UM GRANDIOSO «SHOW» COM
MIREILLE ROBERT
Nos seus mais recentes sucessos
CARLOS RAMOS
e a sua guitarra
TONY FERNANDES
Nos seus extraordinários trabalhos de prestidigitação
E
GAMUCCI & KELLY
A parelha de baile de renome mundial
DIAS 1, 2 e 3
Das 17,30 ás 20 h.
CHÁ DANÇANTE
////
Largo da Biblioteca, 19—Telf. 35327
(Para adultos)

FALA UM ASTRÓLOGO PO

1954 será ú
apesar das pertu
que se darão e

Que acontecimentos nos reservará o ano que amanhã começa, sorridente e infantil como todos os anos novos, na sua alegórica representação de saudável recemnascido?

Astrólogos de todo o Mundo debruçaram-se já sobre os seus estudos, compulsaram livros, fizeram girar globos, ausultaram o zodiaco e movimentaram astros, a fim de tirar as suas conclusões acerca do próximo ano.

Vejamos o que disse ao «Diário de Lisboa» um desses quiro-astrólogos que fomos hoje consultar, a fim de revelar aos nossos leitores as surpresas que o ano de 1954 tem para oferecer á pobre Humanidade, que espera dele um pouco mais de abundancia nos lares, de tranquilidade nos espíritos e de justiça nas relações sociais.

Não lhe revelamos o nome, por não estarmos autorizados a fazê-lo. Fomos entrevistá-lo no ambiente modesto de um terceiro andar lisboeta, vistosamente ornamentado com os zodiacos do estilo e outras alegorias em que nós, pobres leigos, não metemos dente.

Inverno 1954

—O ano de 1954, começa por nos dizer o mago, é dominado por Jupiter e aos favores da sua benéfica influência se ficarão a dever a harmonia, o progresso e a paz que, duma maneira geral, reinarão em todo o Mundo durante o ano novo.

—Bravo! Então vai ser um mar de rosas?

—Não creia. Haverá acontecimentos nefastos, como vai ver.

A nossa curiosidade aguça-se. O astrólogo prossegue:

—O Sol entrou no signo de Capricornio ás 3 e 22 do dia 22 de Dezembro, formando uma sextilha com Marte e Saturno. Isto é sinal certo de que o ferro e o aço terão papel decisivo na marcha do progresso. Ao mesmo tempo, serão anunciadas experiências nucleares para adaptação da energia atómica aos usos domésticos e notar-se-á uma queda sensivel na industria cinematográfica.

—Até aqui bem vamos...

—E' certo. Mas espere-lhe pela pancada. O Inverno de 1954 trará consigo alguns graves acidentes.

—E' natural... Isso costuma acontecer em todos os invernos...

—No próximo ano, porém, nos Estados Unidos da América, morrerão várias pessoas notáveis e aquele país diminuirá o seu auxilio ao estrangeiro.

—Também já o esperávamos...

—Coincidindo com a agitação nos Estados bálticos contra o dominio da Russia, esta potência estará sujeita a grandes perturbações internas. Os dirigentes da China comunista tornar-se-ão menos submissos, mas os acontecimentos mundiais levá-los-ão a aceitar um acordo.

—E cá por casa, que nos anuncia?

—Infelizmente, um desastre. Um acidente, talvez ferroviário, causará grande numero de mortos.

—Onde, podia dizer-nos?

—Não me foi possivel localizá-lo. Não sei, mesmo, se será na Metrópole oú no Ultramar.

—E' pena, porque podiamos organizar com

SINTRA 266

E' o telefone que V. Ex.ª deve pedir para marcar a sua mesa **para o grande «réveillon 53/54, e para almoços e jantares no 1.º de Janeiro**
Lotação limitada
ABERTA TODO O ANO
direcção técnica de João Ferreira
(ex-gerente do café Palladium)
RUA CONSELHEIRO PEDROSO, 40
SINTRA

Rua da Misericórdia, 12 — Telef. 35634
«REVEILLON»
ANIMADO POR
ANDRADE SANTOS e seu CONJUNTO

Aos Exm.os Cl
Novo próspero
São os desejos sinceros da
Meia d
R. Augusta, 158

RTUGUÊS

n ano feliz

rbações

m todo o Mundo

ntecedência os nossos serviços de reporta-em, se nos pudesse indicar o local exacto, a ora e o dia do acidente.

—Isso é perguntar muito, meu caro senhor...

E o astrólogo, imperturbável, prossegue:

—Jupiter ocupa a décima primeira casa da ua nova. Na Bélgica ocorrerão incidentes de-gradáveis que irão afectar a Realeza. Nos Es-dos Unidos haverá, de novo, grandes lutas olíticas. O povo pedirá a redução das forças rmadas e das despesas com a defesa externa.

—Outras previsões para o Inverno?

—Haverá assassinios e graves perturbações o Marrocos francês. A Russia manter-se-á alma, por fim, e o Egipto transigirá com a rã-Bretanha.

Voltou a Primavera...

—O Sol entrará no signo de Aries ás 3 e 54 o dia 21 de Março. A Lua estará em trígono om Jupiter e em sextilha com Marte.

—E daí que resultará?

—Há a indicação de um trágico desastre rroviário ou maritimo nos fins de Abril ou rincipios de Maio.

—Quem sabe se haverá até mais do que m?!

—Desta vez, porém, não é na terra portugue-a. No entanto, aqui bem perto de nós, passar-se-á algo de extraordinário.

—E' segredo?

—Em Espanha, dar-se-á uma tentativa de stauração monárquica.

—E em Portugal, que vai acontecer?

—Registar-se-á a morte de um homem pú-lico.

E o nosso entrevistado dá um salto brusco ara a China:

—As desavenças internas na China comu-

(Continua na 14.ª página)

O que profetizam para 1954

os astrólogos italianos

ROMA, 31.—1954 será um ano de paz. Todos os videntes, cartomantes e astrólogos italianos, consultados pela Imprensa, neste fim de ano, segundo a tradição, concordam nisso.

Luigi de Oriano, que disputa a Achille de Angelo, o titulo de «Mago de Nápoles», prediz uma viagem do presidente Eisenhower á Itália e a solução do problema de Trieste sem conflito armado, mas em sentido desfavorável á Itália. Diz, ainda, que haverá um «pequeno conflito» que suscitará uma corrida aos armamentos, mas que tudo se resolverá rápidamente sem grandes consequências para o Mundo.

Este optimismo é comum aos outros adivinhos que prevêem, grosso modo, o termo da guerra fria, um desanuviamento mundial, a cessação das hostilidades na Indochina, um acordo na Palestina. Volta a ouvir-se falar de Hitler, que estaria escondido numa cave de Berlim e irreconhecivel com uma cabeleira loura. Outro vidente prediz um pacto italo-hispano-jugoslavo.

Naturalmente, falam de várias grandes descobertas e há adivinhos que garantem que o cancro e a tuberculose serão vencidos em 1954. Mas, como é normal, ao lado destas noticias animadoras, há mortes de homens em destaque e, sem tocar na queda de reis, vários astrólogos profetizam um crime passional de grande retumbancia na sociedade romana, um sinistro em Veneza e alguns pequenos tremores de terra e inundações na Itália. Em contrapartida, nascerão na peninsula mais rapazes do que raparigas.

No campo desportivo, De Oriano prevê a vitória de um novel ciclista na Volta da Itália e uma brilhante afirmação dos ciclistas italianos na Volta de França.—(F. P.).

FUNCIONALISMO PUBLICO

Está vago o cargo de secretário do Governo Civil do distrito de Viana do Castelo

ntes e Amigos Festas Felizes, Ano

Vidro
LISBOA

Os ministros

receberam hoje cumprimentos do funcionalismo por motivo do Ano Novo

Por motivo da passagem do ano, os ministros e os subsecretários de Estado receberam hoje cumprimentos dos respectivos directores gerais, chefes dos gabinetes e secretários e chefes das repartições, que lhes testemunharam os seus votos de boas-festas.

Recepção na embaixada da França

Amanhã, dia de Ano Novo, o sr. embaixador da França e «madame» Gilbert Arvengas recebem a colónia francesa no Palácio de Abrantes, das 18 ás 20 horas.

Os trabalhos realizados pelas noelistas de Lisboa

As senhoras noelistas de Lisboa, acompanhadas das suas dirigentes, estiveram, hoje de manhã, no Patriarcado, onde foram apresentar, ao sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, o relatório referente aos trabalhos realizados no presente ano.

Na ampla sala do trono, completamente cheia de senhoras noelistas, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa celebrou missa, num altar ali colocado, sendo acolitado pelos padres dr. Gustavo de Almeida, assistente diocesano da União Noelista e Manuel Arouca. O eminente purpurado distribuiu a comunhão a todas as noelistas.

Terminada a cerimónia religiosa, a presidente diocesana de Lisboa, sr.ª D. Candida Pinheiro de Melo Arruela, leu o relatório noelista anual, depois do que fez a entrega, ao sr. cardeal-patriarca, de 23 bolsas para seminaristas pobres da sua diocese e de alfaias liturgicas para as igrejas pobres do Patriarcado, as quais se encontravam em exposição na sala das récepções.

Por fim, o sr. cardeal-patriarca deu a bênção e teve palavras de louvor e agradecimento para todas.

As festas de fim de ano

Pode dizer-se que todas as sociedades recreativas estão esta noite em festa, para celebrar a passagem do ano. Assim, a juntar a outras festas já anunciadas, há que registar mais os seguintes bailes: no Grupo Desportivo Operário; na Casa do Porto, esta noite, com a Orquestra Casablanca; no Clube Estefania, com a Orquestra Monte Carlo; no Avila Atlético Clube, com o conjunto «Os indiferentes»; na Sociedade Cruz Quebradense, com o conjunto «Os Vigilantes»; na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, com um conjunto musical; e na Casa do Concelho de Tondela, também, com um conjunto musical.

No Grupo Desportivo Operário, haverá, também, amanhã á tarde, um baile dedicado ás crianças, que receberão brinquedos e outras lembranças.

Também, para assinalar a chegada do Ano Novo, haverá tardes dançantes, amanhã, na Casa do Alentejo e na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul. Esta noite, haverá «réveillon» no Clube Recreativo Musical 6 de Setembro de 1903; na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, ceia e baile.

Acção de Beneficência «5 de Outubro»

Conforme fôra anunciado, fez-se ontem, a distribuição de bolos, chocolates e grande numero de brinquedos, a crianças pobres, prote-

(Continua na 15.ª página)

*

A todos os nossos leitores, assinantes e anunciantes o «Diário de Lisboa» endereça os seus desejos de boas festas, com reconhecido agradecimento por todos os votos que no mesmo sentido lhe foram enviados.

SUPERIUS
Superius
O MELHOR CALCADO PARA CRIANÇAS
A venda em todos os bons estabelecimentos

A CENTRAL DA BAIXA
Ceia de Fim do Ano
Reservam-se mesas
R. Aurea, 94-98 — Telefones: 20 280 26 674

Esclarecimento necessário — 7

Quando? Como? Com quem? Tais foram as perguntas feitas em Teherão para as quais era indispensável encontrar uma resposta satisfatória, antes de os Três Grandes se separarem. Estaline desejava conhecer a data em que se realizaria o desembarque dos aliados no litoral da França, os efectivos movimentados para esse efeito e o nome da personalidade que comandaria a operação. Tendo-lhe dado satisfação em relação aos dois primeiros pontos, restava o ultimo, o qual se relaciona, com uma das afirmações que aqui fizemos, incidentalmente, e que foi contestada na nota que a embaixada britanica em Lisboa nos enviou.

Numa das sessões de trabalhos que se realizou naquela cidade, em que as teses antagónicas do ditador soviético e do chefe do Governo da Grã-Bretanha foram calorosamente debatidas, o primeiro resumiu, assim, o seu pensamento e esclareceu a importancia que atribuia á escolha do general que os anglo-americanos iam designar para o comando do Overlord (operação de desembarque em França): «O comandante de Overlord deve ser escolhido o mais depressa possivel. Até que isso se faça, não acreditamos que a operação esteja verdadeiramenet em marcha. A escolha pertence ao presidente dos Estados Unidos e ao primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Mas é da maior vantagem que o assunto seja aqui resolvido ,tomando-se a esse respeito uma decisão definitiva».

Esta maneira directa e incisiva de tratar as questões relacionadas com a criação da segunda frente revelava a desconfiança dos Russos, desejosos de obter garantias concretas sobre a sua realização. O presidente dos Estados Unidos procurou iludir a pergunta relativa á escolha do comandante de Overlord a qual, embora assente em principio, não fora ainda definitivamente regulada entre ele e o primeiro-ministro.

Entretanto, numa reunião dos peritos militares que acompanharam a Teherão os dois chefes ocidentais com os seus camaradas russos (Vorochilov) fora resolvido realizar o desembarque em França, eliminando-se a tese balcanica e mediterranica do primeiro-ministro e adoptando-se decisões capitais no plano tecnico para a realização desse objectivo. Faltava, porém, regular a questão do comando e na reunião plenária que se realizou no dia seguinte, Estaline insistiu, novamente, para que ela fosse resolvida. Segundo a versão que nos deixou Hopkins nos seus apontamentos («Memorial de Roosevelt»), perante a insistência de Estaline, o presidente declarou que precisava de três ou quatro dias para reflectir, tempo indispensável a esclarecer, com os seus colaboradores, esse ponto ao qual igualmente atribuia grande importancia.

Entre as delegações que se encontravam em Teherão era voz corrente que a escolha do presidente e do primeiro-ministro recairia em Marshall. Esta versão justificava-se por motivos ponderosos e que pareciam indiscutiveis. «Estaline, lê-se no «Memorial de Roosevelt», fora prevenido oficiosamente de que o general Marshall comandaria a operação de desembarque em França declarando, ao receber a noticia, que a escolha não podia ser mais feliz».

Para os Americanos que se supunham bem informados, desde o ministro da Guerra, Stimson, até o general Eisenhower, qualquer outra solução acarretaria inconvenientes fáceis de prever e dificeis de remover. Marshall era o cérebro e o elemento propulsor da preparação militar dos Estados Unidos. As suas qualidades incomparáveis, o seu prestigio sem paralelo e a sua influência junto dos generais americanos e estrangeiros tornavam-no indiscutivel. Era essa a compensação que esperava para os serviços eminentes que prestara.

As razões que justificavam a preferência da sua escolha sobre qualquer outro general americano (uma vez assente que o comando da operação de desembarque no Ocidente da Europa caberia a um general americano, tendo em conta a superioridade das forças dos Estados Unidos que nela tomariam parte) foram assim resumidas pelo ministro da Guerra, Stimson: «Marshall era o chefe ideal para Overlord. Ninguém, como ele, estava em condições de levar a cabo, com êxito, esse empreendimento, vencendo os obstáculos e evitando os adiamentos que os Ingleses certamente levantariam. Além disso, eu sabia que Marshall desejava, do fundo do coração, que lhe confiassem essa missão. Ele próprio mo confessara perante a minha insistência».

O presidente dissera-lhe um dia: «Terá a missão que mais lhe agradar». «Ninguém duvidava, escreveu P. R. Gosset na sua «História da Segunda Guerra», que a escolha do presidente, antes da conferência de Teherão, recairia em Marshall. Para os combatentes americanos, do mais obscuro soldado ao mais categorizado general, ele era o boss. A sua autoridade e a sua competência não se discutiam. Praticamente considerava-se que a sua escolha era um assunto resolvido. Eisenhower (que comandara no Norte de Africa e em Itália) partiria para Washington a assumir as funções de chefe de Estado Maior do Exército, e Marshall viria para a Europa, a fim de pôr de pé e dirigir a operação de desembarque em França».

Eisenhower, que se encontrava por essa altura no Norte de Africa, começara mesmo os seus preparativos para voltar aos Estados Unidos. Hopkins, num encontro que tivera com ele, dissera-lhe, de maneira a não lhe deixar duvidas, que Marshall comandaria a operação de desembarque no Ocidente da Europa e que ele, Ike, o substituiria em Washington. Mas entretanto houvera Teherão, a decisão de pôr de parte o plano britanico de ataque nos Balcãs e a intervenção decisiva de Marshall para fazer de Overlord a operação capital da estratégia aliada na Europa.

O relato que Churchill nos deixou nas suas «Memórias» difere, sensivelmente, do que figura no «Memorial de Roosevelt» composto sobre os apontamentos de Hopkins e dá a impressão de que Estaline se desinteressara da escolha imediata do comandante para aquela operação, limitando-se a manifestar o desejo de que o seu nome lhe fosse oportunamente indicado. Segundo Hopkins, o ditador soviético desejava, pelo contrário, que a escolha se fizesse em Teherão e que lhe fosse revelado imediatamente o nome da individualidade escolhida, sendo manifesta a sua preferência por Marshall.

Os acontecimentos, como veremos, tomaram um curso diferente. Roosevelt e Churchill sairam de Teherão, sem nada terem resolvido em definitivo. A escolha do comandante para a operação de desembarque em França não recaiu, como parecia assente, em Marshall. Com espanto geral, poucos dias depois anunciava-se a nomeação de Eisenhower para essa missão, ardentemente desejada pelo seu chefe e amigo.

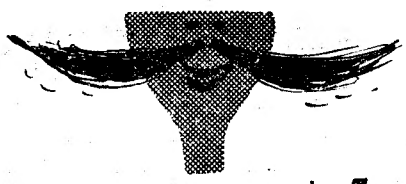
O «gentleman» e a princesa

LONDRES, 31 — Os comentadores mundanos da Imprensa e da Rádio entraram novamente em grande actividade: a princesa Margarida saiu três noites seguidas com Mark Bonham Carter, neto do conde d'Oxford and Asquith, antigo primeiro-ministro. Dançando num cabaré de Londres, a princesa Margarida e o seu par fizeram bisar várias musicas e gritaram «exactamente» quando foi cantada a balada «Let's fall in love» (Amemo-nos). Mark Bonham Carter, muito conhecido pela sua simpatia pessoal, tem 33 anos, conduziu-se brilhantemente durante a ultima guerra e é diplomado por Oxford e Chicago.—(ANI).

A todos os Ex.mos Clientes

A Grande Ourivesaria da Moda não usa reclamos sugestionáveis que possam induzir em engano. A demonstrar a veracidade destas palavras, apresenta na época festiva que decorre, um enorme sortido em objectos de ouro, prata, brilhantes e relógios por preços tão convidativos que convencem o mais incrédulo.

Rua da Prata, 257
Grande Ourivesaria da Moda



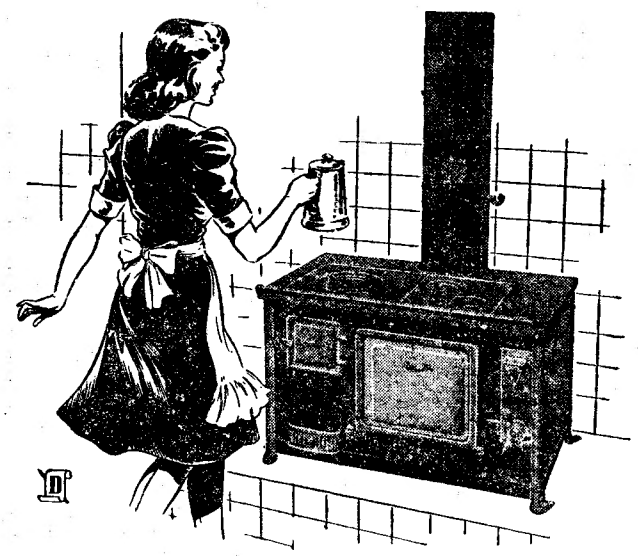
troque a sua bateria

por uma autosil

NO SEU FORNECEDOR NA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO DA FÁBRICA
AUTOSIL
(Av. 24 de Julho, 26-B — Lisboa, a 500 metros do Cais do Sodré) ou
NA FILIAL DO NORTE
Rua Firmeza, 502-506 — Porto

ECONOMIA • RESISTÊNCIA • SOLIDEZ

SÃO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS NOSSOS



Fogões para carvão e lenha

FÁBRICA PORTUGAL

10% DE DESCONTO NESTE MODELO DE FOGÃO DURANTE O MÊS DE DEZEMBRO

Não receie a viagem

Mande reservar imediatamente um lugar no «Foguete» que circula entre Lisboa e Porto e tem ar condicionado.

Comodidade — Segurança e Velocidade.

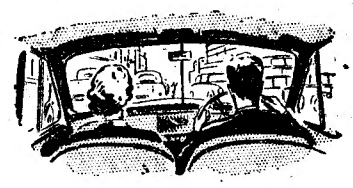
CANDEEIROS

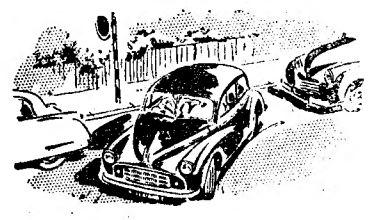
Apliques e velas, molduras, misulas, talha rica, móveis com embutidos, etc., vende o fabricante — Rua Arco da Graça, 12, Tel. 29619.

A melhor aquisição...

Fácil de conduzir...

Com uma direcção muito leve um motor de válvulas á cabeça, ampla visão da estrada e uma suspensão independente que «aplana» os caminhos, o Morris Minor garante-vos condução fácil em quaisquer circunstancias.



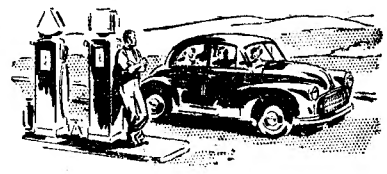


Fácil de arrumar...

Um grande raio de viragem, travões hidraulicos absolutamente seguros e uma perfeita «vista» para a rectaguarda, dão ao Morris Minor grande facilidade de arrumação.

Fácil de manter...

Mais quilometros por litro de gasolina, mais quilometros sem necessidade de assistência, quer dizer menos dispêndio com a manutenção do Morris Minor.



A. M. ALMEIDA, LDA.
89, R. Escola Politécnica — LISBOA

ESTE É O RÓTULO DA

SRS. MOTORISTAS

No **RETIRO DA BAIRRADA**, em Benfica, oferecem-se as broas aos que nos trouxerem clientes hoje, amanhã e depois.
Óptimo serviço de Restaurante
Bailes até de madrugada

FEIRA ANUAL
EM CASTELO BRANCO
(no dia 6 de Janeiro de 1954)

A C. P. vende para a estação de Castelo Branco bilhetes especiais a preços reduzidos das estações e apeadeiros desde Abrantes até Guarda.
Por exemplo — preços de bilhetes de ida e volta em 3.ª classe, de:

Abrantes ..... 37$60
Covilhã ..... 28$80

Os bilhetes vendem-se nos dias 5 e 6 de Janeiro.
O regresso pode efectuar-se nos dias 6 e 7 de Janeiro.

ADUBOS

SUPERFOSFATOS
15 % — 16 % — 18 %
SULFATO DE AMÓNIO
do AMONIACO PORTUGUÊS
NITROCALCIAMON — « COBELAZ »
com 20,5% de azoto nitrico e amoniacal, contendo cal
Cianamida - Cloreto de potássio

SAPEC

GRANDES FÁBRICAS EM SETUBAL

SAPEC SETUBAL

DELEGAÇÃO DE LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 121, 1.º
Telef. 24121-24122-24123
Teleg. SAPEC-LISBOA

AGENCIA NO PORTO
Soc. de Drogas Lusitania, L.da
Praça da Liberdade, 53, 1.º
Telef. 23727
Teleg. SAPEC-PORTO

Teatros e Cinemas

(Continuação da 6.ª página)

rio de 19 casas de espectáculo e foi o maior rival de Ziegfield. A partir de 1929 Lee Shubert foi vítima da orise teatral, que começou por atribuir ao cinema e, ultimamente, á televisão. Só na Broadway tinha quatro teatros reunidos num quarteirão com o seu nome, e ali instalara o escritório por onde passaram as maiores celebridades teatrais.—(Efe).

Pierino Gamba

um dos maiores génios da musica, rege a Grande Orquestra Sinfónica de Madrid, em dois unicos concertos, no Coliseu, nos próximos dias 4 e 5 de Janeiro

A Empresa do Coliseu, sempre na vanguarda das grandes realizações artísticas e culturais, vai dar ao publico de Lisboa oportunidade para assistir a dois unicos concertos do grande maestro Pierino Gamba, um dos maiores génios musicais de todos os tempos, que regendo a magnífica e bem conhecida Orquestra Sinfónica de Madrid lhe dará momentos de inolvidável elevação artística, interpretando as mais colossais obras musicais dos grandes mestres da harmonia. Basta o nome de Pierino Gamba, um chefe de orquestra de 16 anos, agora em plena evolução ascensional da sua formação artística para levar ao Coliseu um numeroso publico, que o aplaudiu quando, ainda criança de calções, naquela mesma casa de espectáculos interpretou com mestria dificilimos concertos musicais e lhe deu momentos de rara beleza e de elevada projecção artística; mas Pierino rege a Grande Orquestra Sinfónica de Madrid, um agrupamento artístico de fama mundial. Pierino, está hoje sem duvida, um maestro em toda a extensão da palavra: Segurança, oportunidade, sentido artistico expressão musical inconfundiveis, predicados que só se adquirem mercê de um sentido elevadissimo da arte dos sons e de ter, dentro de si, esse fogo sagrado que toca as raias do milagre. O publico vai sentilo e aplaudi-lo com entusiasmo porque Pierino comunica ao publico a expressão máxima da sua arte e aquela simpatia tão própria aos grandes génios.

Só até domingo

Ultimos espectáculos, no Coliseu, da Nova Companhia de Circo. Hoje, as maiores atracções da actualidade. Amanhã, dia de Ano Novo, duas «matinées»

Aproveite para vêr ainda os ultimos espectáculos da Nova Companhia de Circo, no Coliseu. Hoje as maiores atracções e novidades: Trapezistas, escada aérea, cães amestrados, 50 saltos mortais em cama elástica, cow-boys do Far-west, ilusionismo, cascadores, duas parelhas de palhaços cheios de graça e de originalidade. Maravilha das maravilhas. Amanhã, dia de Ano Novo, duas «matinées».

NOTICIAS DE MARVÃO

MARVÃO — E' o seguinte o plano de actividades do Município para o próximo ano: Adaptação da Pousada a Paços do Concelho e outras repartições publicas; electrificação de S. Salvador da Aramenha; urbanização do bairro para as classes pobres na Beirã; construção do caminho municipal de Porto da Espada a Galegos, 2.ª fase; alteração da sede do Município; abastecimento de água á aldeia da Escusa; construção do caminho municipal de Areal ao Vale do Rodão; construção do caminho municipal dos Aires; construção do caminho municipal de Santo António das Areias a Galego; construção de um novo cemitério em S. Salvador da Aramenha; reforço da captação da Fonte da Celorica para a Fonte da Abegoa; reparação do caminho municipal de S. Salvador a Porto da Espada; esgotos em Marvão; esgotos em Porto da Espada; esgotos em S. António das Areias; esgotos em Beirã; reparação dos edifícios escolares do concelho; reparação da secção de finanças; reparação da Casa de Matanças em Marvão; abastecimento de água á Portagem; planos de urbanização de Marvão, Porto da Espada, S. António das Areias e Beirã; conservação de caminhos municipais; conservação da rede eléctrica, montagem dos museus municipais em Marvão; reparação de pontões; reparação do caminho municipal das Reveladas ao Salvador.

Na Cadeia de Monsanto

Homenagem ao chefe dos guardas

Os presos da Cadeia de Monsanto prestam amanhã, ás 9 horas, homenagem ao chefe dos guardas, sr. Henrique da Silva, a quem entregarão uma mensagem assinada por todos. Assistem ao acto, além do capelão que antes celebra missa, as familias do homenageado e dos presos.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

PROEZA DE GATUNOS—Os gatunos entraram na Casa Siemens, na Rua de Santa Marta, 33, e furtaram um cofre de ferro portátil, com 50 contos e vários documentos. Foi encarregado o chefe Graça de proceder ás necessárias investigações.

A QUEM PERTENCEM AS GABARDINES?—O agente Fausto, da 5.ª secção da Policia Judiciária, procura saber a quem pertencem três gabardines que foram furtadas de automóveis na Rua dos Anjos, junto ao Lisboa Ginásio; na Rua Camilo Castelo Branco; e na Avenida da Liberdade, junto ao Tivoli, onde os furtos foram praticados, em fins de Outubro.

DESASTRES

ATROPELADO POR UMA CAMIONETA—José Joaquim Mateus, de 16 anos, jornaleiro, natural e residente na Ota, foi conduzido ao Hospital de S. José, por ter sido atropelado por uma camioneta, na estrada, perto da sua residência. Apresenta muitas contusões na cabeça.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Depois de amanhã, ás 21 horas, realiza-se na sede da Sociedade Protectora dos Animais, o acto d. posse dos seus novos corpos-gerentes.

GRUPOS ONOMASTICOS

Reune-se hoje, pelas 20 e 30, a assembleia geral do Grupo Onomástico «Antónios de Portugal», na Rua Pascoal de Melo, 102, 1.º, esquerdo.

Mulher anavalhada

quando ia apartar dançarinos desavindos

BARQUEIROS DO DOURO, 30—Quando, por volta das 22 horas, se realizava um baile, nesta localidade, registou-se uma desordem, da qual sairam várias pessoas feridas. Ao que parece, a contenda teve origem numa troca de palavras entre o pedreiro Eduardo Lopes, de 30 anos, casado, morador nas Quintans, e José Monteiro, mais conhecido pelo «Revisor», jornaleiro, de 22 anos, filho de João Monteiro e de Ana da Conceição, morador no Outeiro. Neste momento, interveio Baltasar Lopes Feijão, que conseguiu que o «Revisor» se afastasse. Este, porém, tomando a mal, puxou de uma navalha e feriu o Baltasar, aparecendo também a irmã deste, de nome Izaltina da Conceição, com a intenção de apaziguar os animos. O «Revisor», porém, vibrou-lhe algumas navalhadas atingindo-a nas costas e no pescoço. Foi levada a casa do médico, sr. dr. Ernesto Monteiro, que a mandou seguir com a maior urgência para o Hospital do Peso da Régua.

Visita a Nova Bedford

do draga-minas «Angra do Heroismo»

NOVA BEDFORD, 31.—Em honra do comandante e dos oficiais do novo drga-minas português «Angra do Heroismo», que se encontra neste porto, realizaram-se um jantar e um baile promovidos pela Sociedade Pedagógica Portuguesa.

O comandante do «Angra do Heroismo», que parte para Lisboa no dia 3 de Janeiro, declarou aos jornalistas que a visita a Nova Bedford «não tem qualquer significado oficial, mas é uma visita meramente do coração, que a meu pedido se efectua, com o fim de trazer a guarnição do navio junto á nossa colónia daqui e estar com ela nesta quadra festiva».—(A. N. I.).

Prisioneiros alemães

libertados pelos Russos

BERLIM, 31—Chegou na noite passada a Fuerstenwalde, próximo da fronteira polaco-alemã, outro transporte com 900 antigos prisioneiros de guerra alemães, libertados pela União Sovietica.

Foi o 11.º transporte desde Setembro passado. O Ministério do Interior da Alemanha ocidental anunciou que um 10.º transporte tinha chegado a Francfort-no-Oder.—(R.).

Choque de dois veículos

devido ao nevoeiro

EVORA, 30.—Devido ao intenso nevoeiro, uma furgoneta conduzida pelo motorista Pita, chocou violentamente com uma carroça, á saida de S. Miguel de Machede. O condutor da carroça, António Barreiros, sofreu ferimentos no rosto, mas de pouca gravidade e os dois veículos importantes avarias.

Colhido mortalmente

por uma automotora

OLIVEIRA DE FRADES, 31—A automotora que faz ligação com o rápido em Aveiro e se dirigia para Viseu, ao passar em Pinheiro de Lafões, colheu Amadeu Rainho, solteiro de 40 anos, deste lugar, que teve morte instantanea.

«Sempre Fixe»

Com o numero de «Sempre Fixe» hoje posto á venda termina o prazo para aceitação das respostas ao concurso «Dê um ar da sua graça»—O Mundo acaba amanhã.

Na primeira página mestre F. Valença apresenta uma maravilhosa «charge» ao custo da vida, e os restantes colaboradores alegram o simpático semanário com a sua boa graça portuguesa que muito bem se salienta entre o humorismo estrangeiro que em larga escala anima o jornal. Não há que fazer referências especiais, porque neste numero todos capricharam em dar o melhor do seu bom humor para fechar o ano alegremente.

A Feira de Paris

tem a adesão de Portugal

PARIS, 31.—Portugal e mais 23 países deram já a sua adesão para instalarem «stands» oficiais na Feira de Paris, que para o ano se realiza de 22 de Maio a 7 de Junho e comemora os seus primeiros 50 anos.

Segundo foi afirmado ao correspondente da A. N. I. pelo Comité Central da Feira de Paris, está previsto um «Dia Português» em que os alto-falantes transmitirão musica portuguesa, o restaurante servirá uma ementa tipicamente portuguesa e serão exibidos numeros de «music-hall» interpretados por artistas portugueses.

A Feira de Paris, que em 1904 reuniu 486 expositores, conta para o ano perto de 13.000. —(A. N. I.).

Desastre de aviação

Pesquisas para descobrir um avião que se despenhou

LUCHON, 31—Prosseguiram esta manhã as pesquisas para encontrar os destroços do avião militar Nord 2501, que desapareceu na noite de terça para quarta-feira, quando seguia de Argel para a base, em Mont de Marsan, com 11 oficiais e sargentos.

Sete brigadas de socorro dirigidas por um guia de montanha partiram de Luchon ás 7 horas para explorarem o maciço d'Espingo, onde se supõe que o aparelho se despedaçou. As condições atmosféricas melhoraram. Aviões tomam parte nas pesquizas.—(F. P.).

O cometa «1953-H»

já está visivel

HAMBURGO, 31 — Um cometa, que deve passar entre o Sol e a Terra em 22 de Janeiro pode já ser visto no firmamento com binóculos e pequenos telescópios. O cometa, chamado «1953-H», deve passar a cêrca de 100 milhões de quilómetros da terra. Os astrónomos dizem que a sua passagem pode provocar uma chuva especialmente forte de meteoros.—(Reuter).

MORTE DE UM CICLISTA

em consequência de queda

CADAVAL, 31. *(Pelo telefone).*—Esta madrugada, quando seguia desta vila para o lugar do Peral, onde residia, deu uma queda da bicicleta motorizada que conduzia o proprietário sr. António Mouro Carinhas, de 24 anos, solteiro, que faleceu em consequência dos ferimentos. O cadáver foi removido para a casa mortuária do cemitério desta localidade, a fim de ser autopsiado.

Inauguração dum «bar»

Constituiu um acontecimento citadino, pela categoria das pessoas que tomaram parte na inauguração, a abertura do novo restaurante-bar *A Carioca*, que, situado numa zona central, na Rua da Trindade, é uma iniciativa dos conhecidos «barmen», Humberto e António. «A Carioca» está instalada com bom gosto e dispõe dum serviço magnifico.

Reflexos de Lisboa

Barulho num «eléctrico»

O guarda-freio António Matos, na noite do penultimo domingo, saiu da estação do Arco do Cego, conduzindo um carro para Santo Amaro, ao que parece, com certa pressa, aliada a uma má disposição, porventura, aumentada pelos estremecimentos do veículo a deslisar nos carris e pelos efeitos das luzes que, talvez o encandeassem. Ao chegar a Santos o carro deu umas sacudidelas mais violentas, já porque tivesse apanhado qualquer pedra sob o rodado, já em virtude da velocidade adquirida, o que provocou sobressalto em alguns dos passageiros. Uma senhora enervada, se não mesmo receosa da marcha trepidante do «eléctrico», ao chegar ás Janelas Verdes, tocou a campainha, para sair. Ao passar junto do guarda-freio, não se conteve, e exclamou:

—Prefiro ir a pé o resto do caminho que neste carro!

O guarda-freio, quando ela já se encontrava na rua, assomou á porta de saída e dirigiu-lhe algumas grosseiras injurias. Depois, como se tivesse dito a coisa mais natural deste Mundo, pôs o carro em marcha.

Um passageiro que ia próximo, exprobou-lhe aquela linguagem desbragada, tanto mais que se tratava de uma senhora.

Acto continuo, o empregado da Carris parou o veículo e aplicou-lhe uma bofetada. Os passageiros que iam na plataforma meteram-se, de permeio, evitando que o caso tivesse maiores consequências. O guarda-freio foi preso e julgado no dia seguinte, no Tribunal de Polícia, pelo sr. dr. Julio Cabral, que depois de ouvir as testemunhas, condenou o vociferante em 30 dias de prisão correccional, remiveis a 20$00 diários e 15 dias de multa a 10$00 diários e ainda 100$00 de imposto de justiça.

Felizmente, que há mais bons do que maus, senão os «eléctricos» andavam vasios!

Dizem os leitores...

O mau empedrado da Rua do Arco da Graça

Escreve-nos um leitor, o sr. Leão Gambita Gomes: «Moro na Rua do Arco da Graça há 32 anos. Esta artéria já deficientissima no seu traçado, tem ainda o inconveniente de nunca ter sido arranjada, sendo o seu empedrado horrivel e cheio de covas. Ora, sendo ela uma rua de passagem obrigatória para o Hospital de S. José, é lamentável que tal aconteça. E, tendo a Camara feito belas obras, não seria uma resolução simpática incluir o arranjo da dita nos melhoramentos de 1954? Pelo menos, atendendo ao seu tão intenso transito, devia fazê-lo».

QUATRO HORAS AGARRADOS

a uma lancha voltada em águas infestadas de tubarões

MOMBAÇA (Quénia), 31 — Dois homens e uma mulher entoaram canções do Natal, para se animarem, enquanto estiveram agarrados a uma lancha voltada, durante quatro horas, em águas infestadas de tubarões, ao largo da costa do Quénia. Foram então avistados e salvos por pescadores indígenas.

Um dos homens, Harvey Adam, perito naval, tinha êle próprio contribuido para o salvamento de um velejador esgotado, no mar, 24 horas antes. Os pescadores que o levaram no seu barco a remos para salvar o desportista, foram os mesmos que, mais tarde, o recolheram a ele, sua mulher e um amigo.—(R.).

Um caso raro

de nascimento de gémeos

STANTON (Texas), 31—Uma raridade que se supõe acontecer uma vez numa geração, deu-se, pelo menos duas vezes, no domingo passado. Médicos, num hospital de San Gabriel, na Califórnia, comunicaram o nascimento de gémeas idênticas, pesando exactamente 3 libras e 15 onças.

Na noite passada, médicos de um hospital desta pequena localidade do Oeste do Texas, informaram que a senhora Alberto Zapata, de 16 anos, dera á luz gémeas idênticas, no domingo, pesando cada uma delas precisamente 4 libras e 3 onças.—(Reuter).

Maria da Purificação do Carmo Reis

Missa do 1.º aniversário

Palmira Margarida do Carmo Reis e familia, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade, que no próximo sábado, dia 2, pelas 10 e 30, será rezada missa na Igreja de S. Domingos, por alma da querida e saudosa extinta, agradecendo, desde já, a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto

HEAVY DUTY
Sonap
MOTOR OIL

T.T.E.-H.D.

Cucciolo

Micromotor, Lda. ao terminar o ano de 1953, agradece a todo o Público a decidida preferência pelos seus ciclomotores «CUCCIOLO» demonstrada durante os 4 anos, desde a sua introdução em Portugal, e espera no Novo Ano continuar a merecer a confiança de todos

MICROMOTOR, LDA.
Av. de Paris, 3 — Lisboa

FILIAL EM COIMBRA
Rua Figueira da Foz, 13

FILIAL EM FARO
Largo dos Mercados, 60

Oficinas COTAL

A maior organização independente do País
60 operários especializados em:
CADILLAC, BUICK, OLDSMOBILE, CHEVROLET, OPEL e BEDFORD
Reparação e sincronismo de caixas automáticas:
Hydra — Matic — Dinaflow e Powerglide
Grande Stock de Peças de Origem
R. ARTILHARIA UM, 105 Telef. 43333-43731

Dionisio Matias & c.ª (Filho)

Materiais de construção e cantaria—Tubagem de grés e seus acessórios, tijolos, telha de Marselha e Alhandra cimento, pozzolana, areia, bacias, «bidets» e lavatórios nacionais e estrangeiros
RIBEIRA DA LAJE — OEIRAS — TELEFONE 204

CASA HIPÓLITO, L.DA
TORRES VEDRAS
(FUNDADA EM 1900)

Aos seus Amigos e Clientes apresenta os seus cumprimentos de Boas Festas e feliz Ano Novo.

PASTELARIA ANCORA
LARGO DO RATO, 10-A
Deseja Boas Festas e Prosperidades aos seus amigos e clientes.

MILHARES de utensílios de cozinha fabricados por ALMIM com alumínios puros estão transformando o ARDUO TRABALHO DAS DONAS DE CASA num verdadeiro prazer!

COMPRE louças de alumínio em formatos originais a preços excepcionais na
ALMIM
R. do Loreto, 61, sobre-loja
LISBOA

Ourivesaria ALGÉS
Gerente J. FIRMO DINIZ OFICINAS PRÓPRIAS
JOIAS, PRATAS e RELOGIOS
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 13-A —— ALGÉS
Telefone 523
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos Festas Felizes e um Novo Ano cheio de prosperidades.

DESPORTOS

BASQUETEBOL

Vitórias do Belenenses, Benfica e C. Ourique, no Campeonato de Lisboa

O Campeonato de Lisboa de basquetebol (Divisão de Honra), após larga interrupção parece ter retomado o seu curso normal.

Ontem disputaram-se os jogos da segunda jornada após o inesperado «defeso» e só é de desejar que a regularidade não volte a ser interrompida, para que o entusiasmo não esfrie.

A ronda de ontem em que folgaram o Sporting e o Atlético—duas equipas de primeiro plano do basquetebol lisboeta—teve razoável interesse, com o jogo Benfica—Algés, em primeiro plano. Mas, porque o certame fornece, com relativa frequência, algumas surpresas, há sempre expectativa á volta de todos os encontros.

Ontem, porém, tudo correu dentro das previsões, através dos seguintes resultados:

Belenenses — Bo-Hora. . . 50-45
Benfica — Algés 51-42
C. Ourique—Moscavide. . . . 28-19

Graças a estes resultados, a classificação passou a estar assim ordenada:

	J.	V	D.	Marcação	P.
Belenenses	5	5	—	215 173	15
Sporting	5	4	1	242—179	13
Atlético	5	4	1	221—165	13
C. Ourique	6	3	3	182—234	2
Benfica	5	3	2	193—194	11
Moscavide	6	1	5	177—222	10
Boa Hora	5	1	4	167 208	9
Algés	5		5	193—235	9

A ordenação das equipas é bem idêntica á da semana anterior. Apenas, o Belenenses passou para cima do Sporting e do Atlético, mas a sua posição anterior, em boa verdade, derivava do facto de ter um jogo a menos. As posições do C. Ourique e do Moscavide—as suas equipas mais adiantadas em jogos realizados—são as unicas que podem ser alteradas por via da possivel ultrapassagem dos concorrentes que os seguem.

Como se vê o Belenenses continua invencivel e o Algés e o Dafundo ainda não ganhou uma só vez—o que não deixa de impressionar.

Belenenses e Boa-Hora entregaram-se á luta com enorme ardor e, ainda bem que assim foi, porquanto sob o ponto de vista técnico o seu trabalho nunca atingiu grande nivel residindo, portanto, no entusiasmo dos contendores o motivo de agrado da partida

Sem alguns deslises dos jogadores do Boa-Hora não sabemos o que teria sido dos «azuis», pois estes não conseguiram impôr domínio como se poderia prever, através das possibilidades até agora reveladas pelas duas equipas e, até, pelas suas classificações. O resultado, pouco expressivo, reflete, até mesmo o que foi o desafio

*

O desafio Benfica—Algés e Dafundo viu-se sem enfado e forneceu a indicação de que os «encarnados» neste forçado periodo de «defeso» não descuraram a sua preparação. Teve-se a impressão de melhoria da equipa benfiquista, melhoria que gostariamos de ver confirmada, para valorização da prova.

O Algés foi bom adversário e obrigou o adversário a empregar-se a fundo para anular o avanço que aquele obtivera na contagem. Em suma: partida bem disputada, com desfecho certo.

*

O derradeiro desafio foi mais fraco na carcação de pontos. As duas equipas quedaram-se em contagens modestas e, mais do que isso, em actuações discretas. O C Ourique venceu normalmente e ficou a dever o seu êxito principalmente á maneira inteligente como se empregou. O Moscavide, num periodo de transição de sistema fez o que lhe era possivel e não merece referência desagradável.

FUTEBOL

A acção disciplinar da Federação

Na sua reunião de ontem, a comissão executiva da F. P. F., tendo apreciado os boletins dos jogos de dia 27 (2.ª divisão) Zonas A e B), resolveu aplicar os seguintes castigos a jogadores:

Seis jogos oficiais de suspensão a Manuel Basílio Ferreira de Andrade, Estoril; três jogos a António da Silva Bronze (Os Marialvas) e Augusto Pereira Junior (Casa Pia), um jogo a Manuel da Silva Ramos (Beira Mar) e Mário Valdemar Nogueira da Silva (Famalicão); repreensão registada, a António Esteves Nunes, (Casa Pia)

Os jogos de amanhã

Por acôrdo entre os clubes e com a autorização da F. P. F., foram antecipados para amanhã, os seguintes jogos do Campeonato Nacional: Atlético—S. Braga (1.ª divisão), na Tapadinha, árbitro, Inocêncio Calabote (Évora); Luso—Montijo (2.ª divisão), no Barreiro, árbitro António Rodrigues dos Santos (Lisboa). Ambos se efectuam ás 15 horas.

O Belenenses na Covilhã

O Clube de Futebol «Os Belenenses» organiza no próximo domingo um comboio especial á Covilhã ao preço de 90$00 (ida e volta), com um horário que permite visitar os pontos turísticos daquela cidade, pois o referido comboio chega á Covilhã ás primeiras horas da manhã.

Pela procura de bilhetes que tem havido, tudo faz prever que a lotação do comboio se esgote.

Os lugares que restam podem ser adquiridos na Sede e Secretaria do Clube.

O Independiente e o Boca Juniors

MADRID, 31 — Vindos de Lisboa, encontram-se nesta capital as equipas de futebol dos clubes argentinos Independiente e Boca Juniors. A primeira joga ámanhã em Bilbau com a equipa local do Atletico, a segunda já não realiza o projectado encontro com o Atlético de Madrid nesta capital, pelo que regressa amanhã a Buenos Aires.—(Efe).

PELOS CLUBES

O 13.º aniversário do Sangalhos

Para comemorar os seus 13 anos de actividade, o Clube de Sangalhos elaborou o seguinte programa:

Dia 1 de Janeiro de 1954—Basquetebol no Campo do Colégio Infante D. Henrique; ás 14 horas, apresentação das Classes Infantis; ás 14,30 horas Sangalhos—Esgueira (Juniores); ás 15 horas, Sangalhos—Aguada de Baixo (Reservas); ás 15.30 horas, Sangalhos—Académica de Coimbra (1.as categorias) Na sede, ás 21 horas, torneio de Ping-Pong. Dia 2 de Janeiro, na Sede, ás 21 horas, Torneios de Bilhar e Damas. Dia 3 de Janeiro, Basquetebol, no Campo do Colégio Infante D. Henrique; ás 15,30 horas, Campeonato Distrital — Sangalhos (Campeão Distrital) e Sanjoanense. Na Sede ás 21 horas, Sessão solene para entrega de prémios aos atletas do clube. Dia 9 de Janeiro, na Sede, ás 21 horas, Conferência pelo sr. capitão Ivo Cerqueira: «O Reino do Congo, Embrião do Império». Dia 10 de Janeiro, na Sede, ás 19 horas, Jantar de confraternização dos sócios.

UM LARAPIO CAPTURADO

numa rusga movimentada

AVEIRO, 26.—Por motivo de uma queixa entregue na Policia, foi preso nuns terrenos de Verdemilho o criado João Fernandes Pereira, solteiro, natural do concelho de Guimarães e residente no vizinho lugar de S. Tiago, e que é acusado de ter furtado várias peças de roupa e vestuário ao seu patrão, Manuel Marques Pessegueiro, com domicilio em S. Tiago.

A captura foi muito acidentada, pois o João Pereira, ao saber que era procurado por agentes policiais, escondeu-se entre terras lavradias, no local denominado Os Moinhos, onde aguardava a todo o momento a chegada de uma camioneta de carga que o havia de levar para o Alentejo.

Já quando a Policia estava quase a capturá-lo, pôs-se em fuga, em correria louca, mas os agentes, que foram em sua perseguição, acabaram por o prender, num pinhal.

O Fernandes deu entrada nos calabouços da esquadra e os objectos furtados foram encontrados pela autoridade, no acto da prisão.

Contra o analfabetismo

A campanha em Vouzela

VOUZELA, 30—Fizeram exame do 1.º grau onze adultos leccionados dentro da campanha contra o analfabetismo, ficando todos aprovados. Presidiu aos exames o professor sr. José Joaquim.

EXCURSÕES
GUIMARAES - SPORTING
Sábado (2 de Janeiro). Partida ás 14.00
Domingo (3 de Janeiro). Regresso ás 17.30
Visitando: PORTO, BRAGA (Bom Jesus e Sameiro), GUIMARÃES (Penha) COIMBRA, etc.
PREÇO: 130$00
COVILHA - BELENENSES
Sábado (2) Partida ás 14.00 horas.
Domingo (3) Regresso ás 17.30 horas.
PREÇO: 100$00
EM AUTOCARROS DE LUXO
Organizações da EMPRESA IZIDORO DUARTE, Rua da Palma, 256—Telefone 21034 CABINES 2 e 3 (Garagem Navarro)

Jóias de gosto artístico
Pratas de Arte
Relógios de boas marcas
Só na casa Annibal Tavares
Tome nota 95, RUA DA PRATA, 97 Telefone 2 5853

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—Em Portugal continental o Ceu apresenta-se limpo e o vento é Norte fraco, por influência de uma massa de ar frio continental que se desloca na circulação de um anticiclone centrado a Noroeste da Peninsula Ibérica.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Ceu geralmente limpo. Vento Noroeste bonançoso. Temperatura sem grande modificação.

ARIAZ DOS ESPECTACULOS

NACIONAL—Ás 21 e 45—«Rapaziadas».
AVENIDA—Ás 21 e 15—«O principe».
MONUMENTAL—Ás 20 e 45 e ás 22 e 45—«Maria da Fonte».
VARIEDADES—20 e 30 e ás 23—«O conde barão».
MARIA VITORIA—Ás 20 e 30 e ás 22 e 45—«Saias curtas».
APOLO—Ás 20 e 30 e ás 22 e 45—«Lisboa antiga».
COLISEU—Ás 21 e 30.—Nova companhia de circo
TIVOLI—«O paraiso do capitão».
SÃO LUIS—«Europa 51».
EDEN—«A máscara azul».
IMPERIO—«Confesso!».
S. JORGE—«Lili».
MONUMENTAL—«O Mundo nos seus braços».
POLITEAMA—«Christian Andersen».
ALVALADE—«Canção do «Sheik».
CONDES—«Chopin imortal».
CAPITOLIO—«Tico tico no Fubá».
ODEON e PALACIO—«Prestigio real».
OLIMPIA—«A seita do circulo vermelho».
TERRASSE—«A baía das tormentas».
JARDIM-CINEMA—«Jogar, perder e pagar».
LIS—«Pomo de discórdia».
PROMOTORA—«Kim»
BELEM-JARDIM—«O cavaleiro da bandeira negra».

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA—Ás 18 e 30 Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Rádio Mocidade; 19 e 20, Marchas; 19 e 30, O compositor da semana: Mascagni, e notas explicativas; 20, O Caso do Dia; 20 e 15, Musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35, Que quer ouvir?; 21, Noticiário e Desdobramento.

Programa «A»—Ás 21 e 15, Orquestras típicas; 21 e 30, Variedades em discos; 22, A vida começa hoje; 22 e 30, Trechos de zarzuela; 22 e 52, Três vilancicos de Natal; 23, Rádio-Cinema; 23 e 30, Musica de dança; 0, Saudação aos ouvintes; 0 e 30, Continuação da musica de dança; 0 e 50, Resumo noticioso; 1, Encerramento.

Programa «B»—Ás 21 e 15, Antologia sonora; 21 e 30, Crónica semanal; 21 e 45, Musica de tecla; 22, Recital de canto; 22 e 20, Palestra de Maria de Carvalho; 22 e 30, Recital de violino; 23, Que quer ouvir?; 23 e 50, Resumo noticioso; 0 Encerramento.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Concerto; 18 e 45, Variedades; 19, Trechos recreativos; 19 e 15, Lingua portuguesa; 19 e 30, Aperitivo; 20, Musica portuguesa; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Conjuntos; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Vozes de Portugal; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 55, Ano Novo; 0 e 15, Vem aí o Ano Novo; 0 e 30 Vozes de Portugal; 1 e 30, Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—Das 19 e 45 ás 20 e 55.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Rádio Graça; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO H — Estrada de Benfica, 592-594—Tel. 58-092; Aguiar—Estrada de Benfica, 197-199—Tel. 580-43; Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35—Carnide—Tel. 58-18; Patuleia, Herd.os—Rua do Lumiar, 122-124—Tel. 79-332; Alvalade—Avenida da Igreja, 18-B—Sitio de Alvalade.—Tel. 77.170 Belmar—Avenida de Roma, 53—Tel. 76314; Miranda—Campo Pequeno, 36-B-C—Tel. 70776; Figueiras—Avenida do Marquês de Tomar, 20—Tel. 44995; Latina—Av de António Augusto de Aguiar, 17-A—Tel. 42312; Salutar—Rua do Conde de Redondo, 9-A—Tel. 43314; Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação—Tel. 399216; Marvila (De)—Rua Direita de Marvila, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173-175—Tel. 39683; Nova Luz—Rua A, á Avenida de D Afonso III, 28-A—Tel. 843439; Nacional—Rua de S. João da Praça, 26—Tel. 28032; Bastos Andrade—Calç. de Santo André, 107-111—Tel. 25150; Rosa & Viegas—Rua de S Vicente, 31—Tel 849351; Central da Penha—R. da Penha de França, 60—Tel. 849245; Imperial—Av de Guerra Junqueiro, 30-B—Tel. 76860; Veral—Rua de Morais Soares, 109—Tel. 40632; Colonial—Caminho do Forno do Tijolo, 40—Tel. 841122; Martins, Herd.os—Rua dos Anjos, 41—Tel. 50730; Silva Santos—Rua da Escola Politecnica, 80—Tel. 60280; Central de Campolide—Rua do General Taborda, 17—Tel 40304; Almeida—Rua de Silva Carvalho, 136—Tel. 63226; Lobel—Rua de Infantaria 16, 100-A—Tel. 63807; Paivas & Parente—Rua de Santo António, á Estrela, 96-98—Tel. 65196; S. A. E. Silva, Filhos—Rua de S. João da Mata, 74—Tel. 62275; Bom Sucesso—Rua de Bartolomeu Dias, 63—Tel. 38754; J. A. Silva—Rua dos Quarteis, 25-27—Tel. 37777; Lisbonense—Rua do 1.º de Maio, 10—Tel. 37020; Valentim, Ld.a—R. do Poço dos Negros, 88-90—Tel. 61353; Labor—Rua do Diário de Noticias, 81-83—Tel. 23428; Centro Farmaceutico — Rua de Eugénio dos Santos, 88—Tel. 21211; Ferrão—Rua da Mouraria, 12—Tel. 28064; Unifa—Rua da Vitória, 21—Tel. 23793.

FARMÁCIA LATINA
está de serviço
Av António Augusto de Aguiar, 17-A
Telefone 42312

Interesses municipais

da vila da Murtosa

MURTOSA, 28—A Camara Municipal deste concelho, em sua ultima reunião ordinária, deliberou aprovar provisóriamente o orçamento ordinário da Camara, para o próximo ano de 1954, dando cumprimento ás formalidades legais; autorizar vários pagamentos, acusando o balancete em 15 do corrente, o saldo de 94 974$00.

Por sua vez, o Conselho Municipal, reunido extraordinàriamente sob a presidência do presidente da Camara Municipal, dr. Apolinário da Silva Portugal, aprovou as deliberações da Camara Municipal: abonar ao presidente, a partir de 1 de Janeiro próximo, o subsidio mensal de 500$00 para despesas de representação; remodelar os vencimentos mensais do servente do Matadouro e dos cantoneiros municipais, que, a partir de 1 de Janeiro, passarão a ser respectivamente de 250$00 e de 300$00, acrescidos do suplemento de 90 %; aprovar o emprêstimo de 150.000$00 que a Camara Municipal pretende contrair na Caixa Geral de Depósitos, para as obras de electrificação da praia da Torreira e da Avenida de Santo António do Monte, que aguardam comparticipação do Estado.

MISERICÓRDIA DE CASCAIS

Na secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, foram recebidos, pela quadra do Natal, até ao dia 28 do corrente mês, os seguintes donativos: de um anónimo (igual donativo dos anos anteriores), 12.000$00; da Sacor, por intermédio do sr. Martin Sain, 5.000$; de The British Liague of Assistence, 4.000$00; de anónimo, 2.000$00; de Eduardo Guedes de Sousa, 1.500$00 e géneros; de António Duarte Martins, 1.000$00; de A. V. e de P. D. Thorburn, 500$00, de cada; do padre António Pereira de Almeida e de José da Silveira Machado, 300$00, de cada; do dr. Manuel Espirito Santo, 250$00; de Armando Rodrgiues Vaquinhas, 200$00; do comandante do G. A. C. A. N.º 1, 120$00 e géneros; da menina Maria Teresa Vilar da Costa, de D. Eugénia Vilhena Palma, major Alexandre Fernandes de Sousa, do comandante L. Noronha de Andrade, do dr. H. Amorim Ferreira, de D. Albertina Faria Assis Camilo, de Carlos Figueira, do dr. Alexandre Pinto Basto, da Soc. Comercial Silvas Primos, de Gregório Diego, de D. Maria José Villar, de José Rosa Santos, de António Lopes Martins Junior, e de Castela, Ld.ª, 100$ de cada; tendo oferecido géneros a Soc. Moagem de Carcavelos, António Ferreira, Raul dos Santos Pedroso, D. Maria Luísa Bruscry e João Vasques Nunes, etc., etc.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	—	783$	784$5
Consolidado 3 % T. 10	857$5	857$5	858$
Consolidado 3 1/2 T. 10	984$5	984$	985$
Centenários 4 %	—	2.240$	2.245$
Obg. Tesouro 2 1/2 1942	—	990$	—
Idem, 1943...	980$	979$	985$
Idem, 1944...	980$	979$	985$
Externas 1.ª série	1.275$	1.270$	—
Externas 1.ª carimbadas	1.275$	1.270$	—
Externas 3.ª série	—	1.355$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.360$	—
Cautelas 3.ª série s/juro	158$	—	—
Acções			
Esp. St.º Com. Lx. port.	—	5.200$	—
Lisboa e Açores por ...	—	1.700$	1.750$
Ultramarino cp. T. p...	422$	420$	425$
Portugal port. T. P. ...	—	1.700$	1.800$
Fidelidade	—	—	95.000$
Nacional...	—	2.050$	—
Aguas Lisboa port... ...	—	205$	215$
Aguas Lisboa 1934 T.p.	—	210$	215$
Cimentos Tejo...	—	—	395$
Cimentos Leiria T. p. ..	—	470$	—
Crédito Predial port. ...	24$5	24$5	25$5
Gás e Electricidade cup	186$	186$	186$5
Alto Alentejo cupão. ..	144$	143$5	144$5
Industrial Aliança... ...	420$	415$	425$
Portugal e Colónias ...	—	395$	400$
Nac. de Navegação T.p.	—	1.340$	1.370$
Colonial de Navegação	465$	464$	465$
Port.ª de Pesca T. p....	1.130$	1.130$	1.140$
Port.ª Tabacos cupão...	465$	464$	465$
Tab. de Portugal, cupão	—	617$	630$
União Electrica Port.ª..	218$	217$	220$
Cassequel..	—	1.475$	1.485$
Agricola das Neves.. ...	—	1.290$	1.310$
Agricultura Colonial ...	945$	940$	950$
Açucar de Angola... ...	—	3.430$	—
Buzi	272$	271$5	272$5
Cabinda...	—	225$	230$
Ilha do Principe	—	1.670$	1.690$
Zambézia T. de 25.. ...	127$	126$5	127$
Moçambique..	174$	173$5	174$5
Eléctrica das Beiras ...	—	1.450$	1.475$
Obrigações			
Norte de Portugal 5 %	—	—	110$
União Eléc. Port.ª 4 1/2	—	97$	99$

J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO
Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

A reacção francesa

ao ultimato de Foster Dulles

(Continuação da 1.ª página)

Uma dessas ameaças consiste em dizer que os Estados Unidos no caso de o Parlamento francês não ratificar o tratado que criou a C. E. D., se refugiarão na chamada estratégia periférica. Os Franceses pensam que essa ameaça é, há muito tempo, uma realidade e que os dirigentes americanos já optaram por esse método de garantir a sua própria segurança.

A esse respeito, o comentador diplomático de um jornal parisiense recorda uma série de factos inequívocos: a escolha do almirante Radford, para presidir á comissão conjunta dos chefes do Estado-Maior, o projecto de redução dos efectivos americanos que actualmente se encontram no continente europeu, a colaboração dos acordos entre os Estados Unidos e a Espanha, etc.

Por outro lado os Franceses estão convencidos de que, se os dirigentes de Washington desejam rearmar a Alemanha, é para substituir, por contingentes alemães, os contingentes americanos que actualmente aqui se encontram. Esta perspectiva bastaria, se outras razões não houvesse, para orientar a opinião publica francesa num sentido contrário ao da Comunidade Europeia de Defesa.

Essa opinião publica é cada vez mais contrária ao rearmamento alemão, qualquer que seja a forma por que este se realize, pois para a França é preferível que os Americanos fiquem na Europa, mesmo que não haja exército alemão. De qualquer forma, o rearmamento da Alemanha, mesmo no quadro de um Exército Europeu, implica graves riscos que os próprios partidários desta solução reconhecem.

Uma estratégia impossível

Há, porém, outro aspecto da questão que convém considerar devidamente. Pergunta se, com efeito, se bastará que os Americanos queiram adoptar a estratégia periférica para poderem pô-la em prática. A verdade é que essa estratégia está em contradição com toda a política dos Estados Unidos na Alemanha.

Aparentemente, as forças alemãs a recrutar destinam-se a substituir os contingentes americanos que actualmente se encontram na Europa. Ora o principal argumento invocado para justificar o rearmamento alemão é a necessidade de defender a Europa no Elba. Essa necessidade constitui, de resto, a razão que leva certos meios franceses a admitirem a hipótese de rearmar a Alemanha, embora reconhecendo os inconvenientes e os riscos desse passo. Se a França admite que os Alemães voltem a pegar em armas, é para que a Europa seja defendida o mais longe possível do Reno.

No caso de os Americanos resolverem pôr em prática a apregoada estratégia periférica isso constituirá a prova insofismável de que, no fundo, os não anima o desejo de defender a Europa no Elba. Nesse caso, não teria sentido o rearmamento alemão, pois não seria ás forças alemãs, que incumbiria a tarefa de defender o continente.

Isto é de tal forma evidente, que os próprios Alemães não desejam que os Americanos deixem a Europa, mesmo depois do rearmamento do seu país. Tanto mais que a existência de um exército alemão não deixaria de agravar as relações entre os países da Europa Ocidental e a U. R. S. S., aumentando, assim, o risco de guerra. Enquanto, por outro lado, a falta de um Exército Europeu colocaria a Alemanha á mercê dos Russos, em caso de emergência.

A situação modificada

Mas há mais. Pode perguntar-se se, no caso de a Assembleia Nacional Francesa se recusar a ratificar o tratado que criou a C. E. D., os Estados Unidos se não verão obrigados a reforçar a sua posição na Europa, em vez de a abandonarem. Esta eventualidade parece ser, com efeito, a unica conclusão a tirar das declarações do sr. Foster Dulles e da sua segunda ameaça: a criação de um exército nacional alemão estranho á C. E. D. Se os Americanos estivessem tão decididos como dizem a ir até essa extremidade então parece que, em vez de deixarem a Europa, cada vez se veriam mais na necessidade de a proteger.

O corolário do rearmamento alemão, sob a forma de um exército nacional, seria uma aliança militar germano-americana. Nos termos dessa aliança, os Americanos seriam obrigados a defender as fronteiras actuais da Alemanha. Obrigação tanto mais imperativa quanto seria certo que, isolada, a Alemanha ficaria directamente sob a ameaça de um ataque soviético.

E' evidente que os Alemães nunca aceitariam os riscos desta política, desde que tivessem de renunciar, simultaneamente, ao auxílio das forças do Exército Europeu e do Exército americano, pois nem umas nem outras estariam mais presentes no seu território. O problema da segurança da Alemanha punha-se então em termos tais para os Alemães, que só a presença reforçada dos Americanos na Europa seria capaz de os tranquilizar, como desejam.

O trunfo da França

Destas considerações é fácil concluir que a posição da França está longe de poder considerar-se desesperada, e que os Franceses têm todas as razões para não tomarem muito a sério as ameaças do sr. Foster Dulles. De facto, a França tem no seu jogo um valioso trunfo, no qual geralmente se não pensa. Esse trunfo dificulta o jogo normal da diplomacia americana. Toda a política americana na Europa assenta no reconhecimento da necessidade de reconciliar a França com a Alemanha. Foster Dulles foi o primeiro a reconhecê-lo. O que nos interessa, disse ele, não são as doze divisões alemãs mas a reconciliação franco-alemã. Ora se os Estados Unidos criassem um Exército nacional alemão, essa reconciliação seria impossível. A Europa não ficaria apenas dividida no Elba, mas também no Reno. Os dirigentes americanos não podem encarar, sem inquietação, esta eventualidade.

A França acabou por compreender que tem também a sua palavra a dizer neste debate e que está em condições de se fazer ouvir. Essa convicção explica a sua atitude dos ultimos tempos.

ATTICUS

Previsões de um astrólogo

para o ano que começa amanhã

(Continuação da pág. central)

nista terão maior intensidade e as autoridades lutarão com maiores dificuldades para manter a ordem. Nos Balcãs haverá manifestações contra o regime comunista e o estado de alguns chefes politicos tornar-se-á precário, sendo outros liquidados. Na Indochina, os rebeldes serão liquidados.

—Outros acontecimentos...

—A conjunção de Venus com Jupiter, em Lua cheia, augura um noivado real.

—Não admira. Jupiter e Venus em conjunção haviam de acabar nisso.

—No final da Primavera, as flutuações do cambio serão mais acentuadas; o preço dos metais preciosos baixarão sensivelmente. Em contra-partida, serão mais caros os transportes, a borracha e os jornais?

—Parece-lhe que sempre autorizam o aumento?

—Ocorrerão vários incidentes politicos e tumultuosos com mudanças ministeriais inesperadas...

—Onde?

—...Na India.

Epoca de Verão

—O Sol, que entra no signo de Cancer ás 22 e 55 de 21 de Junho, estará em oposição com Marte, em conjunção com Jupiter e em trigono com a Lua. O movimento turistico excederá todas as previsões e aprontar-se-ão os planos para uma nova expedição solar.

—Mas o polo já não tem segredos... Se nos falasse de uma expedição á Lua ou a Marte, ainda podiamos acreditar.

—E no plano politico, haverá mais alguma coisa a assinalar?

—O problema da Malásia melhorará...

—Ainda bem...

—...Um dos mais idosos estadistas ingleses —é escusado dizer o nome—vai adoecer com gravidade e retirar-se-á definitivamente da politica.

Um Outono perturbado

Chegará por fim o Outono.

—O Sol entra na Libra ás 13 e 56 do dia 23 de Setembro. Jupiter e Urano estarão em conjunção, na Lua nova, enquanto Mercurio e Neptuno ficarão em quadratura. Por isso mesmo se pode prever que a cena politica vai azedar-se.

As novidades:

—No Congo, recrudescerão os crimes sociais e um chefe comunista será assassinado. Em principios de Novembro, a Lua estará em quadratura com Marte, indicando que, na Russia, se darão discordias e ameaças de rebelião contra o Governo, que irão aumentando a pouco e pouco. Recear-se-á pela saude de uma figura muito querida em todo o Mundo, e, também, de uma alta figura da Igreja protestante.

—E em matéria desportiva, não haverá nada de importante?

—Se lhe interessa, registe: em box, os Europeus baterão os Americanos.

—E em Portugal? Quem ganhará o Campeonato Nacional de Futebol?

A pergunta ficou sem resposta. Os astros têm mais em que pensar do que nas nossas miseráveis desavenças desportivas. Mas podemos fazer-lhes, por conta do astrólogo, uma boa previsão:

—Quer em Portugal, quer no estrangeiro, todas as provas de natação em que tomar parte Baptista Pereira serão ganhas por ele.

—Que nos reserva o fim do ano?

—As experiências sobre televisão transatlantica darão bons resultados. Uma disputa entre a Itália e a Jugoslávia por causa de Trieste causará graves inquietações em todo o Mundo.

—Já agora, podia dizer-nos se o ano de 1954 lhe será propicio?

—Posso dizer-lhe que a minha profissão, no nosso País, sofrerá bastante. Algumas leis hão-de regulamentar as actividades profissionais dos quiro-astrólogos portugueses.

—Ainda não se organizaram em sindicato?

—Por enquanto não.

E aqui têm o que nos disse um abalizado astrólogo português. Ninguém é obrigado a acreditar nas previsões, pois os astros podem não estar pelos ajustes e, quando menos se esperar, são muito capazes de nos pregar partida grossa. Uma coisa é certa: 1954 será futuro até se transformar em presente e passar, depois, ao dominio do passado, antecedendo um novo futuro e uma nova interrogação sobre o berço de um ano novo.

—Isso não é, certamente, o que ele pensa...

—Os negócios internos do Egipto causarão inquietação, descobrindo-se algumas conspirações que abalarão o actual regime.

—Faruk?...

—Liquidado. Noticias sobre horriveis envenenamentos encherão as primeiras páginas dos jornais... franceses, que também se preocuparão com descobertas de novas minas de ouro na Africa do Sul, e na Austrália (estes são os Ingleses). Deve aumentar talvez por isso a emigração para esses países, o que sucederá também em relação á Nova Zelandia.

—E é tudo quanto a acontecimentos primaveris?

—A conjunção de Mercurio e Jupiter, na Lua nova, chamará as atenções do Mundo para os acontecimentos do Próximo-Oriente, enquanto as desinteligências politicas entre a Russia e a China aumentam.

Por fim, uma nova que encherá de contentamento as donas de casa:

—Há possibilidades de baixar o preço do petróleo.

A cultura do canhamo

na região de Torres Novas

A Cooperativa Agricola dos Produtores de Canhámo do Rebatejo, em Torres Novas, reuniu-se em assembleia geral para apreciar a situação criada por uma recente decisão. Em virtude do alarme provocado por essa situação, os produtores de canhamo resolveram solicitar ao Governo disposições imediatas que obstem ao aniquilamento da cultura e morte da sua organização.

A cultura do canhamo, que aproveita a cerca de 300 explorações agricolas, com predominancia de pequenos produtores, reveste-se do maior interesse, não só sob o ponto de vista económico, mas, especialmente, social, pois dela vivem alguns milhares de trabalhadores, que têm colocação certa exactamente nas épocas de crise de trabalho e que auferem de salários, por cada campanha, cerca de 2.500 contos.

Notícias de Abrantes

ABRANTES, 28—Sob o alto patrocinio do Instituto de Alta Cultura e da Junta de Provincia do Douro-Litoral, realizou-se no ginásio do Colégio de Nossa Senhora de Fátima o 1.º concerto pro-arte da época de 1953-1954.

—Os quinquilheiros ambulantes Inácio Vicente Salgueiro, solteiro, de 21 anos, de Galveias, concelho de Ponte de Sor, e José Nunes da Silva, solteiro, de 19 anos, que regressavam de um mercado em Ponte de Sor, travaram-se de razões em Bemposta, devido ao futebol, do que resultou o primeiro agredir com uma facada o segundo. Este, transportado ao Hospital do Salvador, desta cidade, faleceu ali pouco depois. O agressor, que fugira após a prática do seu nefando acto, apresentou-se já ás autoridades, que o entregaram á G. N. R., sendo enviado ao tribunal.

—Foi preso, pela G. N. R., João Jacinto Silvestre, casado de 48 anos, filho de José Jacinto Silvestre e de Maria Farinha, natural de Vale Prazeres, concelho de Fundão e evadido da Colónia Penal de Sintra, onde se encontrava por ser considerado delinquente habitual, o qual praticou um importante furto de calçado e outros objectos em estabelecimentos de Amémico Augusto Gonçalves, no Bairro da Liberdade, 209, em Lisboa.

PARA OS NOSSOS POBRES

Também recebemos e agradecemos 20$00 que nos foram enviados, para o mesmo fim, pelo nosso prezado leitor, sr. Leão Gambeta Gomes.

A MOLDURA NACIONAL
LARGO DO CONDE BARAO, 43-45 — LISBOA
TELEF. 64312 TELEG.: MOLDURACIONAL
Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.

Lusomax
SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LDA.
Deseja aos seus Ex.mos Clientes e suas Ex.mas Familias um Ano Novo cheio de prosperidades.
RUA DOS CORREEIROS, 123, 3.º, D.
TELEF. 30674 LISBOA

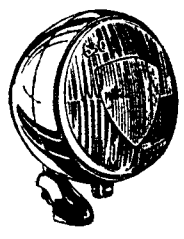
DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clínica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias Venero—Sífilis
Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas. Telefone 2 9062

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
R. Madalena, 182, 4.º, esq. (elevador) — Telef. 22029
Das 14 ás 18 horas

LEIAM O «SEMPRE FIXE»

Sindicato Nacional dos Construtores Civis
Assembleia Geral (ordinária)
AVISO
Em conformidade com o art.º 24.º do Estatuto e mais legislação aplicável, convoco a Assembleia Geral, para reunir ordinàriamente no dia 29 de Janeiro de 1954, pelas 21 horas, em primeira convocação e com a seguinte
ORDEM DE TRABALHOS
ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O TRIÉNIO DE 1954/1956
Não havendo numero legal de sócios, fica a mesma desde já convocada para as 22 horas daquele dia, reunindo legalmente com qualquer numero de sócios presentes.
Lisboa, 30 de Dezembro de 1953.
O Presidente da Assembleia Geral—Alfredo da Costa Lopes.

ANDAR - ALUGA-SE
3.º andar c/ 20 div. no antigo Hotel Franco (Praça da Figueira), c/ grandes salas para pensão ou outro comércio.
Trata M. COSTA
Rua Nova do Almada, 80-3.º

Projectores

MARCHAL
A ILUMINAÇÃO PERFEITA
PARA LONGO ALCANCE
OU PARA NEVOEIRO
C. SANTOS LDA.
29 - AV. DA LIBERDADE - 41 - TEL. 2 6242
LISBOA

Pastelaria MARQUES
Desejam um novo ano próspero aos seus Ex.mos clientes e amigos. Recomendam o jantar do dia 1 de Janeiro de 1954.

ESTORIL
Vende-se linda e boa moradia muito bem situada junto Casino 4 quartos de cama e 3 casas de banho Grande Hall sala e casa de jantar e quartos de criada. Preço muito em conta. Grande jardim e garage. Resposta a este jornal ao n.º 432. Favor não responderem intermediários.

LEIAM O «SEMPRE FIXE»

Leite a ferver

utilizado por uma mulher para agredir outra

Um fim de ano animado. mas pouco divertido, ficou assinalado na vida desta hóspeda e desta hospedeira da Rua José Pinheiro de Melo, 55, 2.º, andar. Há muito que entre ambas se davam constantes atritos—os provocados pela vida dolorosa, feita em comum por pessoas estranhas e sempre á roda de gastos de luz ou água, limpeza ou não limpeza, abusos e represálias de parte a parte.

Hoje, de manhã, quando se encontravam na cozinha. a Maria da Conceição Matos, de 34 anos—a hóspeda—e a Maria Emilia Martins—a hospedeira—discutiram por um desses motivos futeis e ao mesmo tempo graves do governo da casa. E sem se poderem conter, atiraram-se uma á outra—e a hospedeira com vantagens sobre a hóspeda. A verdade é que. sobre o fogareiro, estava a cafeteira com o leite fervente.

A Maria Emilia Martins agarrou na cafeteira com o leite e atirou-a á cara da hóspeda. E, não contente com isto, deu-lhe com a grelha em brasa, na cabeça.

Resultado: foram ambas parar ao banco do Hospital de S. José. a Maria da Conceição com uma ferida na cabeça e graves queimaduras, a Maria Emilia com ligeiros ferimentos nas mãos. A agredida passará o Ano Novo no hospital; a agressora na prisão, para onde foi levada. depois dos curativos.

O ano musical

Há sete anos—sete anos!—o «Diário de Lisboa» inseria uma resenha musical satisfatória, mas queixava-se de que não estava resolvido o caso dos concertos populares. Entretanto, a acção da Camara Municipal de Lisboa deitou raizes cada vez mais fundas—e fecha-se o ano de 1953 com a apresentação, no Pavilhão dos Desportos precisamente, de uma nova orquestra, há tanto tempo desejada e indispensável, apresentação coroada de exito retumbante.

Bom fecho de ano, portanto, cujo decorrer foi assinalado, em Lisboa, pelas representações em S. Carlos de «A Flauta Mágica» de Mozart, e «Salomé», de Strauss; e no Porto pela 1.ª audição mundial da Sinfonia para grande orquestra de Fernando Lopes Graça.

Para 1954, esperamos um feliz ano musical. E pela nossa parte, prometemos mais pontualidade.

O grande «Réveillon» do Avenida Palace

É esta noite que, nos acolhedores salões do Avenida Palace, se realiza o «Réveillon» do fim do ano, promovido por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor dos pobres do Governo Civil de Lisboa.

Esta festa, que é ansiosamente aguardada pelas mais distintas familias da nossa melhor sociedade, que rapidamente esgotaram os bilhetes com direito á ceia, vai constituir um acontecimento mundano de primeira grandeza nos ultimos tempos.

Os atractivos que este «Réveillon» reune são de grande valia e traduzem um desvanecedor acolhimento pela louvável e simpática iniciativa. As adesões são constantes e ainda ontem se verificou a do consagrado agrupamento «Rapazes do Ritmo» a juntar aos nomes prestigiosos de Herminia Silva, Maria Domingas, Mary Merche, Fernanda Peres, Adelina Ramos, Vasco Santana, Ribeirinho, Costinha, Salvador, Max, Humberto Madeira, Álvaro Pereira, Alberto Ghira e Artur Ribeiro, que serão apresentados por Henrique Santana.

Em presença destes nomes e sabido que o baile é abrilhantado pela famosa Orquestra Copacabana, quem poderá duvidar da animação com que a encantadora festa vai decorrer, tornando-se, por certo, inesquecível?

A circunstancia de se encontrarem completamente esgotados os bilhetes com direito a reserva de mesas para a ceia levou a comissão organizadora a estabelecer novos bilhetes, ao preço de 100$00, que permitirão assistir aos numeros de quem vão desempenhar-e tão categorizados artistas e ao baile, sendo-lhe, ainda, facilitado o aproveitamento de um magnífico serviço de bar e ceias volantes.

Podem ainda ser prestados esclarecimentos no Avenida Pálace e pelo telefone 49525.

VIDA RELIGIOSA

«Bodas de prata» paroquiais

Uma comissão promove; no domingo. uma festa comemorativa das «bodas de prata» paroquiais de mons. António Fernandes Duarte, páraco de Santos. Ás 9 e 30. haverá recepção á porta da igreja; ás 10. será celebrada missa solene; ás 12 e 30, realizar-se-á um almoço. em honra dos pobres no Patronato de Cristo-Rei; e ás 17 e 30, com a presença do sr. cardeal-patriarca, serão inaugurados alguns melhoramentos na Assistência Paroquial. Ás 18 e 30, no Cinearte, o sr. cardeal-patriarca presidirá a uma sessão solene, terminando as celebrações com um «Te-Deum», ás 19 e 30.

Prior e coadjutor de Almada

COVA DA PIEDADE, 30 — O prior de Almada, padre Carlos Manuel Mateus, foi transferido para a freguesia de Alcoentre, concelho de Azambuja, sendo substituido pelo vice-reitor do Seminário, padre António Gonçalves Pedro. Para a freguesia de Almada foi nomeado, como coadjutor, o padre Guilherme Simões.

A FESTA DE NATAL

da União Eléctrica Portuguesa, em Setúbal

Um aspecto da festa levada a efeito pelo pessoal da União Eléctrica Portuguesa

Constituiu mais uma nota de enternecedora beleza a festa de Natal da União Eléctrica Portuguesa, realizada no Grande Salão Recreio do Povo, em Setubal, que se encontrava totalmente cheia de um publico entusiástico, constituido pelo pessoal da referida empresa. As crianças punham no ambiente a nota dominante da sua ingenuidade e da sua irradiante alegria.

Estes passatempos que, por principio, são destinados ás crianças, constituem ainda actos de solidariedade entre dirigentes e dirigidos que não é demais enaltecer. A prová-lo está o acolhimento que a gerência da U. E. P. dispensa a estas tradicionais festas e o redobrado entusiasmo que se verifica anualmente.

Como sempre, a festa teve a assisti-la o sr. eng. Paulo de Barros e sua esposa a sr.ª D. Maria Antónia de Barros—grande animadora destas festas e um nome querido por todo o pessoal. Assistiram, ainda, vários engenheiros e chefes da U. E. P. e fizeram-se representar as entidades oficiais da região.

O programa principiou pela grandiosa distribuição de brinquedos ás crianças que miravam embevecidas as duas gigantescas árvores de Natal, colocadas no palco. Num ritmo crescente de entusiasmo, todos, a pouco e pouco, iam vendo satisfeitos os seus sonhos infantis. No final, foi sorteada pelas meninas uma lindissima e valiosa boneca e, pelos rapazes, um belo triciclo.

Seguiu-se a apresentação da parelha de palhaços Armand & Anhuk, que tradicionalmente anima estes espectáculos e que ouviram, mais uma vez, fartos aplausos da assistência.

O acto de variedades, constituido por artistas da Rádio, teve este ano a colaboração dos categorizados nomes de Maria José Valério, Gina Maria e «Conjunto sem nome». Todos se houveram com a sua peculiar categoria e entusiasmaram a assistência em alguns numeros de bastante agrado.

A terminar a parte artistica, exibiram-se vários numeros de fantasia, interpretados pelas filhas dos empregados e operários da U. E. P. e que constituiu mais um assinalado exito, pela beleza e encanto que irradiaram. Quer pela graciosidade e inocência das mais pequeninas, quer pelo aprumo e habilidade natural das mais crescidas, este acto acentuou de novo a preferência dos assistentes. Nele se revela o esforço extraordinário de um punhado de pessoas, das quais se destacam o sr. eng. Armando de Medeiros, a sr.ª D. Renée Guedes e o sr. Celestino Rosado Pinto.

Em numeros extraordinários exibiram-se, também, Maria Perpetua Baptista, César Pratas e João Lucio, que completaram a parte a que, propriamente, se poderá chamar da U. E. P. A primeira arrancou da assistência fartos aplausos com o popular canção «Maria Antónia», uma inspirada composição musical do maestro Celestino Pinto, com versos do operário João Silva e dedicada á esposa do engenheiro-gerente. O publico vibrou mais uma vez, tendo Maria Perpetua Baptista de bisar o numero. O segundo, dizendo versos da sua autoria, escutou justas ovações; e João Lucio houve-se com a sua habitual sobriedade e segurança, quer dirigindo o espectáculo, quer cantando ou declamando.

Como apoteose de tão magnificos momentos, subiu ao palco o sr. eng. Paulo de Barros, que principiou por agradecer todas as valiosas colaborações, pondo em destaque a personalidade do sr. eng. Armando de Medeiros, como bondade extrema e como grande arquitecto das festas da empresa. Referiu-se, depois, á magnifica obra em que a U. E. P. está interessada e que constitui um dos seus maiores desejos: a Colónia de Férias. Disse estar esperançado na sua rápida realização, continuando, assim, o caminho traçado para uma grande obra social.

Sob os maiores aplausos e «vivas» á U. E. P., a festa de Natal terminou apoteóticamente e vincou mais uma jornada gloriosa na vida de tão conceituada empresa.

—0-0-0—

As festas do fim do ano

(Continuação da pág. central)

gidas pela Comissão Republicant de Beneficência «5 de Outubro».

Além do presidente da comissão, sr. Celestino de Vasconcelos, cooperaram várias senhoras tendo a petizada saudado o presidente e cantado em coro o hino nacional.

O programa da manhã na Emissora Nacional

Como em todas as datas festivas, o programa da manhã da Emissora Nacional apresenta, amanhã, uma emissão especial, com a transmissão de «O Novo Ano», de Faria de Seixas, ás 9 e 5, «Imagens da vida parisiense», de Janine Schmidt, ás 9 e 30, «Espectáculo 54», de Rui Ferreira, e «Paradas de êxitos de 1953», do dr. Frederico Alves, quatro produções de Pedro Moutinho e Maria Manuela de Sousa.

Cinema gratuito para as crianças de Lisboa

As crianças de Lisboa terão, amanhã, dia de Ano Novo, uma tarde de cinema gratuito, oferecida pela Câmara Municipal no Pavilhão dos Desportos.

Os bilhetes são distribuidos, como de costume, antes de se iniciarem as sessões, ás 15 e ás 16 horas, sendo o programa constituido por filmes culturais, desportivos e desenhos animados.

Bodo no Sport Algés e Dáfundo

Amanhã, ás 14 horas, o Sport Algés e Dafundo oferece um bodo aos seus protegidos, para o qual a direcção daquele clube teve a amabilidade de nos enviar uma senha, destinada aos nossos pobres.

Conferências no Lavradio

LAVRADIO, 31.—Prosseguindo nas suas actividades, em prol da cultura musical, a Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense, realiza no domingo, pelas 15 e 30 horas, na sua sede, no Lavradio, mais uma conferência da série «A influência da musica na educação do povo». Esta conferência estará a cargo do sr. Henrique Tavares Belo, que ilustrará o seu trabalho com audições de musica gravada de Lalande, Pooi, Prokofieff e Britten.

GABARDINES
IMPERMEAVEIS e SOBRETUDOS
O melhor sortido do País aos mais baixos preços
CASA INGLESA
EM LISBOA
RUA DE SANTA JUSTA, 95, 1.º
(Esquina da Rua do Ouro)
NO PORTO
RUA DE SANTA CATARINA, 84
(Esquina da Rua Passos Manuel)

Na baía do Funchal

estão fundeados 9 barcos incluindo 5 transatlânticos

FUNCHAL, 31.—Os excursionistas que chegaram ontem á tarde a bordo do paquete «Santa Maria» atravessaram o cais e entraram na cidade por entre alas de povo, que os acolheu com manifestações de alegria e simpatia. Todos se mostram sensibilizados pela maneira como decorreu a viagem, que foi uma «viagem de rosas», em constante festa, segundo as suas próprias afirmações.

A's 16 horas de ontem foi inaugurada, no Museu das Cruzes, a exposição de desenhos da autoria de von Derconel, com a presença das autoridades e numerosos convidados.

A cidade, cheia de luz, ostenta iluminações feéricas e lindas decorações, cuja imponência é alvo da admiração geral. O seu idealizador, Leitão de Barros, tem sido muito cumprimentado pelo seu admirável trabalho.

Os excursionistas do «Santa Maria», que não se cansam de tecer elogios ás belezas da Madeira, realçadas por um tempo maravilhoso, já ontem deram alguns passeios e hoje tomarão parte em várias digressões pelos pontos mais pitorescos da ilha. Esta noite, juntamente com os outros milhares de excursionistas que se encontram aqui para ver as festas do fim do ano, assistirão á apoteose do fogo de artifício, encontrando-se fundeados na baía nove barcos, incluindo cinco transatlanticos.—(Lusitania).

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Vai reunir-se em Lisboa o X Congresso de Otorrinolaringologia

Com o alto patrocinio do sr. presidente da Republica, realiza-se em Lisboa e no Estoril, de 5 a 8 de Abril do próximo ano, o X Congresso da Sociedade Latina de Otorrinolaringologia, para o qual estão já inscritas numerosas sumidades cientificas de todos os países latinos, europeus e da América Latina.

E' a primeira vez que se realiza no nosso País um congresso daquela especialidade, sendo presidido pelo sr. prof. Carlos Larroudé, da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Mais um curso médico-sanitário

A secção regional de Lisboa da Ordem dos Médicos vai promover o VI Curso de Aperfeiçoamento médico-sanitário, cuja utilidade é desnecessário encarecer. Destinado a médicos dos meios rurais, este curso, que como os anteriores é dirigido e organizado pelo sr. dr. Andresen Leitão, coadjuvado pelo sr. dr. Pimentel Barata, constará de lições teóricas e práticas e decorrerá de 4 a 16 do próximo mês de Janeiro. Nele intervirão nomes consagrados no nosso meio médico.

Um parecer sôbre transgressões

do horário das tabernas

O conselho consultivo da Procuradoria-Geral da Republica votou o seguinte parecer, que esclarece duvidas acerca de transgressões ao horário de funcionamento de tabernas:

«1.º O § único do artigo 39.º do Regulamento Policial do distrito de Coimbra que não foi revogado pelo Decreto-Lei n.º 37.837, de 24 de Maio de 1950, estabelece uma presunção *juris tantum*, e, consequentemente, ilidível por prova em contrário;

2.º Para que a referida presunção seja ilidida será necessário provar que as pessoas presentes no estabelecimento ali se não encontravam na qualidade de clientes ou de frequentadores».

NOTICIAS DE VOUZELA

VOUZELA, 30.—Reuniu-se o conselho geral do Grémio da Lavoura para aprovação do orçamento ordinário do ano de 1954 e eleição dos corpos gerentes que ficaram assim constituídos: presidente Guilherme Ferreira Coutinho, vice-presidente Guilherme José de Figueiredo e vogais Mário Rodrigues de Carvalho e Bernardino de Almeida e Costa.

—Já está formada a comissão que se propõe levar a efeito a homenagem a prestar ao filho adoptivo desta terra, há pouco falecido, sr. João Gonçalves de Figueiredo. Dela fazem parte os srs. capitão Januário Simões da Silva, António F. Martins, António Correia de Figueiredo, dr. Telmo Teixeira de Figueiredo e Joaquim Souto e Melo.

Como subdelegado da Junta de Produtos Pecuários, nesta vila, foi colocado o sr. dr. Manuel Ferreira Caiado.

TURISMO DE OVAR

O presidente da Junta de Turismo de Ovar, sr. Oliveira Gomes Ramos, endereçou, em nome daquele organismo, um agradecimento ás entidades que colaboraram no êxito da sua campanha no ano findo. Nesse sentido nos agradeceu também a colaboração que lhe prestámos, quando das excursões e outros actos levados a efeito pelo mesmo organismo.

VIDA MUNDANA

VIAJANTES

Vindo da Dinamarca, onde esteve como bolseiro da Organização Mundial de Saude, regressou ontem o sr. dr. Leopoldo de Figueiredo, adjunto do delegado de Saude de Lisboa.

PRATEX
Desoxidará e embelezará as vossas pratas!

A luta na Indochina

O comando francês ignora

onde pára o grosso das forças rebeldes

PARIS, 31.—O Governo de Laos anunciou que estavam a fazer-se «infiltrações comunistas» 150 quilómetros a Leste de Savannakhet, a principal base de defesa francesa no rio Mekong, que é a fronteira com o Sião.

Num comunicado aqui citado, o Governo anunciou movimentos do Vietminh ao Norte de Muongphine, a 150 quilómetros de Savannakhet e próximo de Tchepon, 50 quilómetros mais a Leste. Ambas as localidades estão situadas na estrada principal a Leste de Savannakhet para Quangtri, na costa do Annam, no Vietnam. Foi também comunicado encontrarem-se tropas a meio caminho entre Savannakhet e Thakhek, que foi conquistada num avanço fulminante dos rebeldes através da parte mais estreita da Indochina.

Patrulhas francesas e do Laos estavam ainda a fazer o seu jogo mortífero de escondidas com o Vietminh, na selva do Laos, e o general Franchi ignora ainda o paradeiro do grosso da força do Vietminh.

Com reforços a serem enviados para o ameaçado reduto francês de Dien Bien Phu, nas montanhas entre o Laos e o Tonquim, e a intensificação de ataques do Vietminh ao delta do rio Vermelho, no Tonkim, é hoje muito difícil ver onde será vibrado o próximo golpe.—(Reuter).

A marcha das operações

HANOI, 31.—Pela terceira vez em 48 horas, o Vietminh manifestou a sua presença nas imediações do centro entrincheirado de Dien Bien Phu, a 300 kms. a Oeste de Hanoi. Ontem pela manhã travaram-se combates violentos durante uma hora a poucos quilómetros ao Sul de Dien Bien Phu. Intervieram caças Bear-cat, apesar do mau tempo, e largaram napalm sobre o adversário, refugiado na selva, enquanto a artilharia de Dien Bien Phu lhe cortava as vias de retirada.

Parece que o dispositivo do Vietminh em torno do centro de resistência de Dien Bien Phu está a consolidar-se.—(France Presse).

*

HANOI, 31.—Os observadores militares pensam que outras unidades do Vietminh, sem contar as da divisão 316, estão postadas em torno de Dien Bien Phu, nas montanhas cobertas de vegetação, entre o Laos e o Vietnam. Dizem os círculos oficiosos que esses reforços, destacados para apoiar a divisão 316, que ocupou Laichau, capital do Thai, perto da fronteira chinesa, devem contar uma parte da famosa divisão pesada, equipada com canhões de 120, de 75 sem coice e de 105, fornecidos sem restrição pela China comunista desde que terminou a guerra na Coreia. Esses reforços compreenderiam ainda elementos das divisões 308 e 312.

E' possivel, entendem os observadores, que nos primeiros dias de Janeiro se travem renhidos combates pela posse de Dien Bien Phu, que domina o acesso ao Norte do Laos e sobretudo á capital do Laos, Luang Prabang.—(France Presse).

As perdas franco-vietnamianas

SAIGÃO, 31—As perdas franco-vietnamianas desde o começo da ofensiva do general Giap contra o Laos, não vão além de 150 homens. Com efeito, dos 450 homens que faltaram á chamada, uns 150 conseguiram juntar-se e, guiados pela rádio, aproximam-se de Se No, enquanto que outros 150, actualmente isolados, poderão em breve alcançar as posições franco-laocianas.—(F. P.).

Comentários britânicos

à Conferência de Berlim

LONDRES, 31.—O redactor diplomático do «Daily Mail» escreve que a marcação de uma data-limite para as deliberações da Conferência de Berlim estaria a ser discutida pelos governos de Londres, Paris e Washington. E acrescenta: «O Departamento de Estado empenha-se tanto mais em evitar as lentidões da mesa da conferência quanto é certo que Foster Dulles deve contar com um programa legislativo rígido no Congresso americano... Dulles é de opinião de que há que acelerar a ratificação da C. E. D., se as conversações de Berlim se revelarem inuteis». O jornalista crê, no entanto, que a resposta ocidental a Moscovo não proporá data-limite, mas que esta será anunciada, «nos primeiros dias da conferência, se a Russia impedir que os trabalhos desta prossigam normalmente».

O redactor diplomático do «Daily Herald» vaticina que Eden tratará sem duvida com Molotov, durante a conferência, da questão das três mulheres soviéticas casadas com cidadãos ingleses e que ainda não foram autorizadas a juntar-se aos maridos.

O editorialista do «Daily Express» afirma que não haverá «reconciliação espectacular» no termo da reunião de Berlim. Mas esta poderá constituir o «inicio de nova fase da História» se os antagonistas se aproximarem um bocadinho. O fundista lembra os envios maciços de oiro para Londres com o fim, diz, «de comprar géneros de consumo destinados ao povo russo—o que constitui uma mudança completa relativamente á politica estaliniana e permite legitimamente ter, para 1954, esperanças que pareceriam descabidas em 1953».—(F. P.).

Os novos rumos

da política egípcia estão a definir-se no Cairo

CAIRO, 31.—No final do Conselho de Ministros, realizado ontem, o comandante Salah Salem, ministro da Orientação Nacional, declarou que durante a reunião foi examinada a politica geral do Egipto em relação aos Estados árabes: Inglaterra, ao Oriente e Ocidente, «no ambito dos trabalhos encetados, há dias, pelos principais dirigentes do Conselho da Revolução quanto á futura politica do Egipto, trabalhos nos quais tomam parte os embaixadores egipcios em Londres e Washington ,além do ministro dos Negócios Estrangeiros, Mahomé Fawzi». Sabe-se, por outro lado, que o ministro dos Negócios Estrangeiros deu instruções ao embaixador em Moscovo para abreviar o seu regresso ao Cairo e não esperar pela chegada á capital soviética da missão económica egipcia.—(F. P.).

Comentários britanicos

LONDRES, 31—Com o titulo «A Geografia não é neutral», o «Times» dedica o seu editorial de hoje ao Egipto, e escreve: «Vai levantar-se o veu de sobre aquilo que seguramente deve constituir a ultima etapa das intermináveis negociações entre o Governo egipcio e o Governo britanico ácerca do futuro da zona do canal de Suez. O resto das negociações será, sem duvida, rodeado dum silêncio discreto... As questões ainda pendentes, entre os dois governos, são pouco numerosas e têm sobretudo caracter tecnico. Por esta razão, seria falso dar-se demasiada importancia ao facto de terem sido chamados ao Cairo os embaixadores egipcios nas diversas capitais, incluindo Moscovo, ou á explicação oficial de que estes diplomatas devem tomar parte na redefinição da politica egipcia».

O «Times» diz depois que a «neutralidade que surgiu no Egipto é incompativel com a própria Geografia» e acrescenta: «O Egipto é uma via de passagem mundial e, rompendo os laços que o prendem ao Ocidente, só o porá na necessidade de aceitar novos laços e, mais fortes, com o comunismo. O interesse fundamental do Egipto é chegar, com a Inglaterra, a um acordo que satisfaça as suas aspirações nacionais e lhe garanta a segurança. O acordo que, uma vez mais, é objecto de negociações no Cairo, oferece-lhe esta solucão».—(F. P.).

Um ciclone devastador

TANANARIVE, 31 — Um ciclone que provocou grandes precipitações e rajadas de vento a 100 quilómetros á hora causou a derrocada de um edificio militar em Diego Suarez; 15 atiradores sofreram ferimentos. As aldeias de Vohemar, Majunta e Nessive também registam grandes estragos materiais bem como as plantações dos arredores.—(F. P.).

O «Réveillon» em SALVATERRA

Na Adega Típica do Café-Restaurante Ribatejano, abrilhantado pela **Orquestra Diana** e **exibição de fandanguistas.**

Ainda se marcam mesas

Dia de Ano Novo: almoços com fados e guitarradas e exibições de fandanguistas num ambiente puramente regional

Salvaterra de Magos — Telef. 14

Café Portugal

Ceia do fim do ano, ementa escolhida, marcação de mesas desde já, sem mais encargos. Almoço e jantar no dia de Ano Novo

RESTAURANTE CHAVE D'OURO

REVEILLON

MUSICA * DANÇA
— ATRACÇÕES —
ATÉ DE MADRUGADA

Dia 1 de Janeiro de 1954
JANTAR - ESPECIAL
COM
CONCERTO

MARCAM-SE AS MESAS RESTANTES

Aquário

RESTAURANTE «GENRE PREMIERE»
REABRE HOJE
com o famoso pianista internacional
ADOLFO WAIZMAN e seu conjunto
NOVAS DECORAÇÕES — Gerência M. O. COSTA
Telefone 34782 — R. Jardim do Regedor, 34-50
Brevemente, o grande cantor espanhol
RAFAEL MAIA

CASA BRANCA

Restaurante — Bar — Salão de Chá
ESTRADA MARGINAL
CAXIAS
Telefone 282 — P. Arcos
O «NIGHT CLUB» DA ELITE terá o mais animado «REVEILLON» DE S. SILVESTRE
Colaboração das grandes atracções **Selvaggio-Paula Ribas-Fernando Pinto**
e do CONJUNTO DE JOÃO G. MACHADO
Esgotada a lotação do «REVEILLON»

RESTAURANTE E CERVEJARIA LEÃO D'OURO

O estabelecimento da especialidade com tudo que de melhor o Mar produz
Reservam-se mesas para passagem de ano

RESTAURANTE ALVALADE

TELEFONE 79151
AMANHÃ, DIA DE ANO NOVO
CHÁ-DANÇANTE

Feliz Ano Novo...

COM LICÔRES

Ancora

1953 - A VIDA NACIONAL

A serenidade de ritmo

caracterizou durante doze meses

a evolução dos acontecimentos

O general Ridgway com sua esposa no aeroporto de Lisboa

A' semelhança do que fazemos todos os anos, neste dia 31 de Dezembro, publicamos a seguir uma resenha dos principais acontecimentos da vida nacional que ocorreram durante o ano que hoje finda.

JANEIRO—O chefe do Estado dirigiu a todos os Portugueses a costumada mensagem do Ano Novo, deu recepção em Belém e visitou os palácios do Parlamento e do Município de Lisboa; publicou-se um importante decreto que aumentou substancialmente os quadros do pessoal da Armada; monsenhor Ciriaci, nuncio apostólico em Portugal prestou juramento, em Lisboa, como novo cardial e recebeu, na Nunciatura, a visita do sr. presidente da Republica que lhe fez entrega do barrete cadinalicio; chegaram a Portugal os primeiros aviões de jacto fornecidos pelos Estados Unidos; inaugurou-se a nova estação automática telefónica da Graça e esteve em visita ás nossas forças aéreas o marechal do ar Saunders, um dos chefes militares da N. A. T. O.

FEVEREIRO—Partiram de Lisboa, por vias aérea e maritima, socorros de Portugal ás vitimas das trágicas inundações na Holanda; reuniu-se em Lisboa a Conferência Internacional do Milho, Hibrido; passou no Tejo e foi alvo de homenagens o capitão Carlsen, que se celebrizou no comando do «Flying Enterprise»; deram-se graves incidentes com indígenas em S. Tomé, para onde foi mandado seguir o aviso «Afonso de Albuquerque»; visitou o nosso País uma missão militar da N. A. T. O. e começaram as comemorações do 150.º aniversário do Colégio Militar.

MARÇO—Entrou no Tejo uma frota britanica depois de ter efectuado ao largo exercícios com unidades portuguesas; visitaram Lisboa cadetes da Armada sueca; partiram para Angola as primeiras famílias destinadas a experimentar nova modalidade de colonização; realizou-se o julgamento do brigadeiro António Maia, do capitão Henrique Galvão e de outros militares e civis implicados numa conjura revolucionária e partiram para Paris, a fim de tomarem parte nos trabalhos da União Europeia de Pagamentos, o ministro da Presidência e o subsecretário de Estado do Tesouro.

ABRIL—Faleceu no Estoril o rei Carol, cujo corpo ficou depositado no panteao de S. Vicente; o chefe do Estado inaugurou o Museu de Arte Portuguesa, oferecido ao património nacional pelo dr. Ricardo Espírito Santo; visitaram Lisboa cadetes da Armada holandesa; partiram para Paris, a fim de tomar parte na reunião do Conselho do Atlantico, o ministro da Defesa e o subsecretário de Estado do Tesouro e houve, em todo o País, grandes homenagens ao sr. dr. Oliveira Salazar pela passagem do 25.º aniversário da sua entrada para o Governo, incluindo a inauguração de importantes melhoramentos entre os quais o Hospital Escolar de Lisboa.

MAIO—O ministro do Interior inaugurou o hospital de Albergaria-a-Velha; assinou-se a escritura de concessão das linhas aéreas nacionais; reuniu-se em Lisboa a Conferência Internacional de Oleicultura; o sr. presidente da Republica visitou oficialmente a Espanha e foi hóspede de Franco, durante cinco dias, em Madrid, e o ministro dos Negócios Estrangeiros partiu para Londres, a chefiar a delegação portuguesa á coroação da rainha Isabel II.

JUNHO—Visitou o Tejo uma esquadra francesa que veio efectuar exercicios conjuntos com unidades portuguesas, e o cruzador brasileiro «Almirante Barroso»; esteve de passagem por Lisboa o famoso piloto americano Lindbergh; a União Indiana encerrou a sua legação em Lisboa; regressou da sua viagem á Guiné o subsecretário de Estado do Ultramar; estiveram em Lisboa, em visitas oficiais, o almirante Mc Cormick, comandante-chefe naval aliado no Atlantico, e o general Ridgway que veio apresentar despedidas por ter cessado as funções de comandante-chefe dos Exércitos do Pacto do Atlantico; os intelectuais prestaram homenagem a Ferreira de Castro; o chefe do Estado visitou Guimarães, por motivo das comemorações do milenário da fundação e do centenário da fundação da cidade e inaugurou a nova barragem hidroeléctrica de Salamonde e, na serra de Monsanto, inaugurou-se a nova Central Receptora Naval da Armada.

O capitão Carlsen contando a sua aventura ao «Diário de Lisboa»

A viagem do sr. general Craveiro Lopes a Madrid foi, pelo seu significado, um dos acontecimentos mais salientes da vida portuguesa durante o ano que hoje se conclui

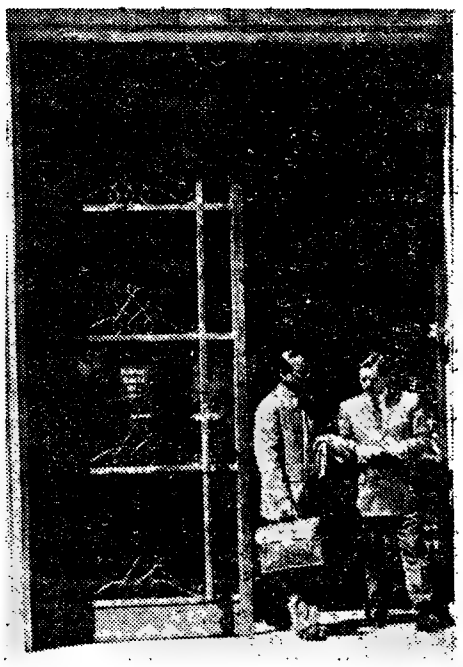
JULHO—Voltou a Portugal o marechal do ar Saunders, um dos chefes militares da N. A. T. O.; o ministro do Ultramar inaugurou os trabalhos da Comissão de Cooperação Técnica na Africa; o ministro do Interior visitou a ilha da Madeira; inspeccionou bases portuguesas o marechal Steveson, chefe das forças aéreas da N. A. T. O., e o príncipe Alberto, da Bélgica, irmão do rei Balduino, visitou Lisboa, como oficial de um navio de guerra do seu país.

AGOSTO—A guarnição de Lisboa efectuou importantes exercícios de conjunto; partiu para uma visita a Angola o subsecretário de Estado do Ultramar; o cardeal-patriarca entregou ao chefe do Estado o colar da Ordem do Santo Sepulcro; afundou-se nos mares da Terra Nova o lugre bacalhoeiro «Lousado», cuja tripulação se salvou; chegaram á Metrópole, em visita cultural, raparigas de todos os nucleos ultramarinos da M. P. Feminina; o aviso «Gonçalves Zarco» foi calorosamente recebido em Nova York, em viagem de guarda-marinhas; o ministro do Interior visitou o arquipélago dos Açores; foi adjudicada a um grupo português a construção do maior hotel português, junto ao Parque Eduardo VII; inaugurou-se a Central Telegráfica de Lisboa; o ministro dos Negócios Estrangeiros partiu para um cruzeiro de turismo ao Mediterraneo a bordo do paquete «Vera Cruz»; chegou ao Tejo o «Ponta Delgada», primeiro dos novos draga-minas cedidos a Portugal pelos Estados Unidos; inaugurou-se uma nova linha portuguesa transatlantica de navegação, entre Portugal, a Espanha e a América Central, servida pelo paquete «Serpa Pinto».

SETEMBRO—Partiram por mar e por terra socorros portugueses ás vítimas do terramoto nas ilhas da Grécia; reuniram-se em Lisboa os congressos internacionais de Neurologia, de Cirurgia, de Angiologia e de Arquitectura e a Conferência Internacional da Família; assinou-se no Ministério do Ultramar o contrato para as grandes obras no rio Cunene; visitou o nosso País o primeiro-ministro da Irlanda, De Valera; uma explosão de fogo de artifício, num arraial próximo de Vila Real, causou 12 mortos e muitos feridos; regressou de Angola o subsecretário do Ultramar; o arcebispo de Goa foi nomeado vice-camerlengo do Vaticano; o ministro das Obras Publicas visitou o arquipélago dos Açores, e a Marinha portuguesa tomou parte no grande exercício aero-naval inter-aliado «Mariner», para cooperar no qual esteve instalada na base do Montijo, durante duas semanas, uma esquadrilha aérea da R. A. F.

OUTUBRO—Uma parte do nosso Exército participou nas grandes manobras militares no campo de instrução de Santa Margarida, assistindo a uma fase o ministro da Exército de Espanha, e ás fases finais o chefe do Estado e membros do Governo; reuniram-se em Lisboa os congressos internacionais de Filatelia e de Turismo; foi entregue á Sociedade Geral de Transportes o novo navio-motor «Rita Maria»; começou a propaganda eleitoral para as eleições a realizar no mês seguinte; visitou o Tejo uma esquadra americana; foi entregue á Companhia Colonial de Navegação o novo paquete «Santa Maria», e inauguraram-se as novas enfermarias do hospital Miguel Bombarda.

NOVEMBRO—Realizaram-se as eleições para a Assembleia Nacional, triunfando a lista da União Nacional; o ministro da Marinha partiu, a bordo do paquete «Santa Maria», para a sua visita ao Brasil, Argentina e Uruguai; o presidente do Conselho inaugurou, em Loulé, o monumento a Duarte Pacheco; uma explosão de munições, na fábrica de Braço de Prata, causou 13 mortos e muitos feridos; abriu solenemente a 6.ª legislatura da Assembleia Nacional.



No dia em que se encerrou a legação da India em Lisboa...

DEZEMBRO—Realizaram-se em Lisboa os trabalhos da Organização Internacional do Trabalho; visitaram o nosso País peritos militares da N. A. T. O.; regressou da sua viagem á América do Sul o ministro da Marinha; os ministros da Presidência, dos Negócios Estrangeiros e da Defesa partiram para Paris, a fim de tomaram parte na reunião do Conselho do Atlantico; sob a presidência do chefe do Estado procedeu-se á trasladação da urna de Sidónio Pais para a Sala do Capítulo, nos Jerónimos; chuvas e inundações em Lisboa e nos arredores causaram dois mortos e muitos prejuízos.

VIDA citeciric

O PRETO NO BRANCO

Diálogo do «Ano Bom»

Dizia-me o Malaquias Raposo:

—Termina hoje um ano e, como sempre sucede de 365 em 365 dias—de vez em quando, para acertar as contas o ano que acaba tem mais um dia —como sempre sucede desde que eu me conheço e ando cá por este Mundo, começa o outro ano que tem o numero de ordem de 1954. Para ver se convencem os anos que entram a ser bons, os homens começam também por lho chamar. Mas os anos não se importam com isso e são o que lhes apetece. Em regra, maus. Dizem os que sabem destas coisas que Deus quando criou o Mundo criou também o Tempo. Deve ter sido assim. Porque se já houvesse o Tempo—nesse tempo—não se explicava a razão por que Deus criou o Mundo naquele momento de um tempo preexistente e não o criou antes ou depois. Assim explica-se: foi tudo de uma vez.

Tu sabes o que é o Tempo?—perguntou-me, por fim, o Malaquias. Eu respondi-lhe:

—Sei. Tenho um relógio de pesos que regula como aquilo que é—uma pêndula—e que me diz o tempo com uma razoável precisão. Tenho, além disso, um relógio de bolso, antimagnético e cronómetro, que me custou um dinheirão e ora se adianta, ora se atrasa, como compete a um cronómetro. E no meu quintal tenho um relógio de Sol que não funciona de noite nem nos dias em que não há Sol. Para ter uma razoável certeza sobre o Tempo gostaria, se fosse possivel, de ter um relógio de lua e outro de chuva. E é tudo quanto sei sobre o Tempo.

—Fala sério—pediu-me o Malaquias —Explica-me o Tempo cientificamente.

Encolhi os ombros e retorqui-lhe:

—Eu não vou agora reavivar-te o que aprendeste no liceu.

—Aprendi—mas já estou esquecido. Gostaria que tu me reavivasses as ideias sobre a eclítica, os equinócios e os solstícios, o zodíaco e os seus signos.

—Nem tinha eu mais que fazer do que ensinar meninos do teu tamanho! Fica-te com esta, se queres: «O Tempo é a impressão que deixa na memória uma série de acontecimentos acerca dos quais nós estamos certos de que a existência foi sucessiva»—respondi-lhe com entono.

—Quem to disse? — fez o Malaquias surpreendido.

—Foi o Laplace...

—Era teu colega?

—Não. Era sábio. Se fosse meu colega o Tempo para ele era o dos prazos que vêm regulados nos vários códigos de Processo. E sempre te digo que esses prazos são imprerrogáveis e imprescritíveis. E há outros prazos, marcados pelos juizes. E eu antes queria ficar sem o meu cronómetro que me custou um dinheirão do que deixar passar um desses prazos. E se quiseres saber mais, lê o Einstein ou o Bergson. Também não são meus colegas mas tenho ouvido dizer que sabem disso a fundo. E o certo é que estamos á porta de um novo ano—de um Ano Bom, como os outros. Oxalá não haja guerra quente em substituição da fria. Se o numero de desempregados aumentar no Mundo, o caso é sério. A guerra é uma forma de acabar com o desemprego.

E depois de dizer isto é que reparei que o Malaquias estava de ponto em branco, em traje de cerimónia, e perguntei-lhe:

—Onde é que vai, tão bem vestido?

—Vou dar os parabens a um amigo meu que muito estimo e que foi agraciado há poucos dias com uma condecoração importante.

—A Jarreteira, como D. Alvaro Vaz de Almada, conde Avranches, na Normandia?—disse eu para dizer qualquer coisa.

—Não brinques — censurou Malaquias. E acrescentou repreensivo:

—Tu és um iconoclasta. Ris-te destas coisas...

Confesso que dei sorte, como vulgarmente se diz, com esta apostrofe do Malaquias e, sobretudo, com o tom empolado com que ele o disse.

—Eu rio-me? Ora ficarás sabendo que não me rio nada nem tenho nada que rir. Eu tenho em minha casa as veneras de meu bisavô António da Silva, veterano da Liberdade, grã-cruz da Torre Espada e de Avis por feitos heróicos em Santa Maria de Almoster e noutros sitios. E o meu tio Augusto era comendador várias vezes. Rio-me! Essa tem graça! Há condecorações que representam muito. E' certo que há outras que representam menos. E há erros na sua distribuição, ás vezes. Mas isso não tira nem põe. O erro é inerente á natureza humana. A Jarreteira, a Ordem de Calatrava, tão bela, com mantos brancos e a cruz de Malta! Tomara eu tê-las merecido! Malaquias olhava para mim admirado e desculpou-se.

Eu não sabia que tu pensavas assim...

—Pois está claro que penso! E desinteressadamente, porque estou convencido que não mereci nenhuma.

E contei-lhe:

—Olha: uma das coisas que, era eu rapaz, me impressionou e me deu muito prazer foi o facto de um homem publico português, Hintze Ribeiro, ter merecido uma dessas veneras que só se dão excepcionalmente. Eu ainda ouvi falar esse homem no Parlamento e guardo nos olhos a impressão de severidade, de rigidez solene do seu porte majestoso. Era um homem de talento. Chamavam-lhe os humoristas dessa época: o Casaca de Ferro. Tu não sabes a história de Jasão e dos Argonautas em demanda do «Velo d'Oiro»? E' mitológica. O «Velo d'Oiro» era um carneiro cuja lã era do precioso metal e estava sempre a crescer. Daí vem uma condecoração que pesou no peito imperial de Carlos V. Pois esse homem foi condecorado com tal condecoração cheia de História. Deram-lhe o colar do Tosão d'Oiro figura-te! E foi uma honra para ele e para o País!

Creio que falei com convicção—porque, na verdade, a tinha. Tanto que Malaquias perguntou-me:

—Gostavas de ter uma coisa dessas?

Novamente tornei a encolher os ombros e disse:

—Perdoarás, mas essa pergunta é idiota! Então eu não havia de gostar, no fim da minha vida, se tivesse feito alguma coisa que justificasse essa honra, de ter tal distinção?

Malaquias apertou-me a mão em despedida e, sorrindo-me, disse:

—Oxalá o mereças no ano que entra...

Eu sorri também e respondi-lhe:

—E' tarde. Esqueci-me de fazer coisas notáveis que o justificassem. Bom ano, Malaquias!...

RAMADA CURTO

Riqueza interior

Como num dia enevoado e triste,
Subito, o Sol põe toda a luz dum canto,
A cada hora me alumia e assiste
Esta certeza de querer-te tanto.

E nada é estranho ao meu Amor de quanto
Á minha roda sobre a Terra existe:
—O que há de mais alto ou de mais santo,
—O melhor que eu senti ou tu sentiste.

Passei a Vida a entezoirar beleza.
Guardo em mim quanto cabe na estreiteza
Da minha humana condição... E sou,

No Amor com que te quero e de que vivo,
Tanto mais livre quanto mais cativo,
Tanto mais rico quanto mais te dou.

AUGUSTO CASIMIRO

LER E ESCREVER

Recebemos do sr. Domingos Pereira, «Jornada Maravilhosa», devaneio ictiologico, com prefacio do sr. dr. Raul Eduardo Ribeiro. O autor em amenos versos, de vários metros, consegue citar todos os peixes conhecidos.

OS NOSSOS CONTOS

ANGUSTIA

Uma chuva miudinha caía molhando-lhe o rosto e misturando-se com as lágrimas que lhe brotavam dos olhos. Mas ela nada sentia, nem a chuva nem a cegueira daquele choro silencioso. A seu lado passavam vultos embuçados, de passo apressado e indiferente. Como um filme, desenrolavam-se-lhe ante os olhos as cenas da sua vida tão agitada: primeiro criança, a mãe beijando-a com ternura inquieta por aquele temperamento sensitivo e triste, depois, ainda adolescente, a sensação de abandono, de solidão numa ansiedade crescente de amor, de sofrer, de viver...

E viveu, viveu como ninguém a alegria de amar. Quantos sorrisos, quantos sonhos, quantas ilusões!... No entanto, ele não a merecia, não merecia esse amor exclusivo, exuberante, total. Ria-se e troçava, incitando-lhe o amor e o ciume. E surgiu a tragédia, aquela tragédia que todos ignoravam mas que existia bem viva, dentro dela. Mas, não, não, ela não queria ver, não queria sentir...

Parou de repente como um autómato a que faltasse a corda; lentamente as suas mãos esguias rebuscaram nos bolsos uma chave e, em poucos segundos, entrava na sua casa. Beijou meigamente a criança que veio ao seu encontro e dirigiu-se a um quarto. Aí, olhou com piedade aquele vulto estorcendo-se com dores, aquele vulto que ela tanto amou e que, agora, não era mais do que um farrapo.

—Donde vens?

A voz dele, ofegante, desconfiada, cortou o silêncio numa censura áspera:

—O teu lugar era aqui, junto de mim!... Não vês que morro?... Guida, Guida, porque me abandonas? Porque me deixas só?...

Branda, aconchegando-lhe a roupa, ela respondeu:

—Sabes bem onde fui... Descansa, anda... Não vês que te faz mal?...

Mas não, ele não estava disposto a sossegar. Tal como antigamente, ele gostava de a fazer sofrer. E, agora, mais do que nunca, sentia o ciume a roê-lo ao vêr como lhe ficava bem o halo de sofrimento que a envolvia. Olhando-a, descobria perfeições que nunca notara, pensando nas tentações que ela teria. E, por tudo isso, explodia todas as ofensas, todas as insinuações que o cérebro desvairado lhe ditava.

Ela sofria, sofria apertando a filha nos braços como um refugio e vendo diante dos olhos alguém que, tal como ela, chorava um amor perdido. Artur aparecera na sua vida ainda ela era solteira, quando trazia nos olhos a loucura de um sonho feliz que nunca se chegou a realizar e, apesar de toda a compreensão que os unia, ela riu-se e afastou-se ao ouvir a confissão daquele amor.

Hoje não ria mas, pelo contrário, sentia a ternura silenciosa em que ele a envolvia, pressentindo-lhe o sofrimento. E era dele que se lembrava admirando a constancia daquele afecto que repelira, tão bruscamente, há tantos anos... Ela amava seu marido, sim, mas com amor que se tem a uma recordação morta, amor feito de saudade, de carinho piedoso mas a que falta a paixão e o arrebatamento.

Quando, há pouco, ele lhe tomara as mãos e lhe dissera com voz comovida:

—Minha pobre Guida! Como sofre...

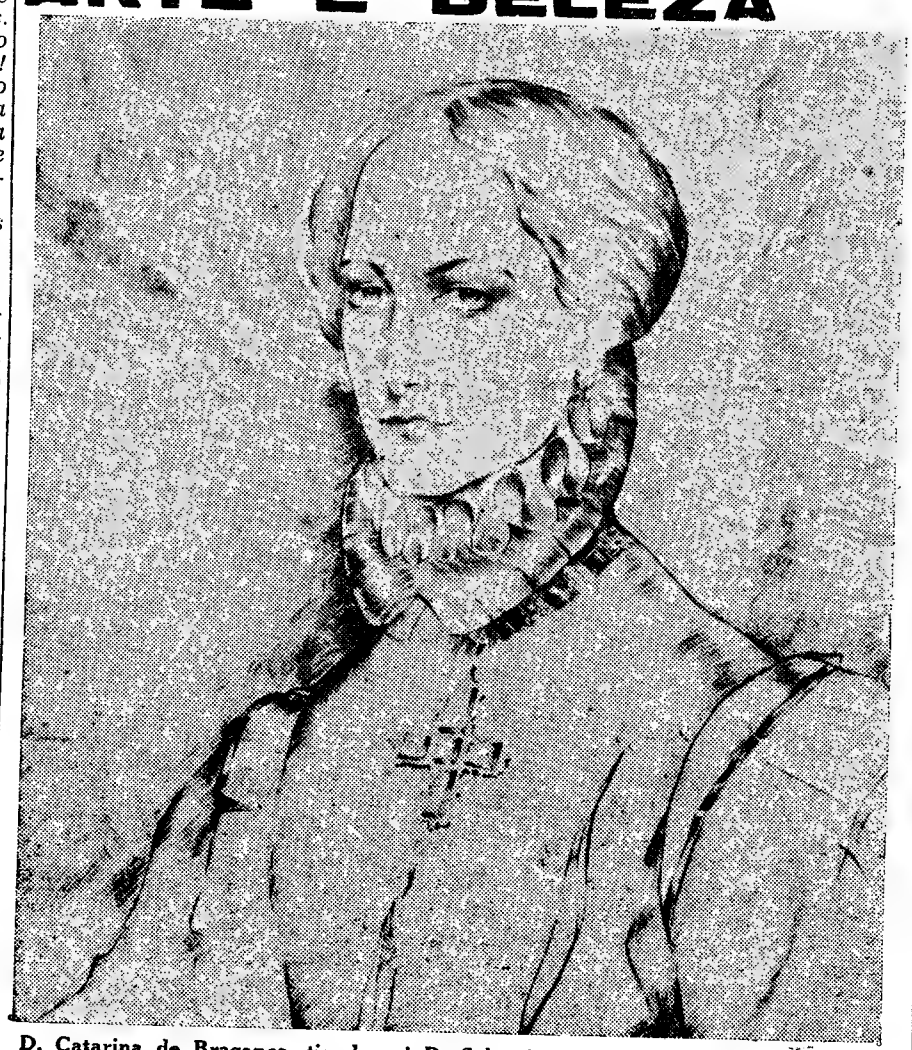
Quis reagir, quis gritar-lhe que não, que era feliz mas só pôde articular numa voz rouca:

—Artur, eu...

Libertou-se e fugiu, fugiu para que ele não visse toda a amargura que lhe ia na alma nem a necessidade de protecção que sentia. Teve medo... e fugiu. Fugiu não fosse ele perceber que nesse grito ia toda a sua alma que tremia com o receio de se revelar e de pecar, vtima de tanto sofrimento.

ODETTE NARCISO ANDRÉ

ARTE E BELEZA



D. Catarina de Bragança, tia do rei D. Sebastião, admirável desenho do pintor Jardim Portela

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

ROMANCE

FOGO MORTO

de José Lins do Rego

Pelo visto, o romance brasileiro ainda nos reserva grandes surpresas — e, porque não dizê-lo? — admiráveis lições. Os que aqui há dez ou quinze anos, julgaram ser uma mera explosão de sentidos, ambientes, casos humanos, num acordar para a vida literária, devem ficar deveras surpreendido com este extraordinário romance «Fogo Morto», de José Lins do Rego. O caudal continua a correr com o mesmo volume. Nas suas águas revoltas e rugidoras, como que se adivinha a força imperiosa do seu destino, e por isso mesmo indómável. Alaga e destroi, marcha e salta, dardeja ao Sol, e traça á navalha o seu próprio leito, por entre fragas, que vai despedaçando, ou inunda, na sua pletora eroziva, os recessos da selva humana, em muitas partes, ainda obscura e misteriosa. Numa palavra, uma força, em marcha, que desenha a sua própria fisionomia, —talvez melhor— a sua geografia literária.

José Lins do Rego não tem parentesco literário na Europa. No Brasil, sim, pelo seu impressionismo directo, a sua verdade torrencial, a sua etnografia característica, o seu poder transfigurador e fantasmagonico. Quem? Jorge Amado, sobretudo, no «Jubiabá». Mas este não é um romancista puro. Tem tendências, que, de certa maneira, o limitam, porque muitas das suas obras constituem a expressão social de um panfleto. José Lins do Rego é diferente. Dir-se-ia que o seu contacto com a vida e as terras brasileiras é mais profundo e desinteressado, porque não postula quaesquer ideias; pretende, apenas, dar-nos a alma dos individuos, com o quer que seja de sensivel, agudo, angustiante. Para José Lions do Rego o presente, como neste «Fogo Morto», não existe, mas, sim, o passado, com as suas ressonancias da infancia, num clima dramático que, embosa excessivo, não cansa, nem deprime. Dir-se-ia que escreve em estado hipnotico, recordando o que foi, o que existiu, entre sombras densas, fantásmas, até mesmo espasmos do subconsciente—apesar de nunca se afastar da realidade.

Este «Fogo Morto» é um livro impressionante. Quase todas as suas personagens não se contém fisicamente. Como se desprendem numa aura de mistério. Nós vêmos-lhe a maneira,, mas nem sempre a sombra. Parecem envoltas na noite—tão misteriosa, dubia, complexa, é a sua existência. José Lins do Rego sabe reunir, como nenhum outro, os elementos dramáticos não só das almas, o que eles segregam ou reflectem, mas chega ao ponto de tornar a natureza antropomorfica. Neste conjunto, em que há sempre algo de imamente, de inrrevelado, de acontecivel de imperscrutante, José Lins do Rego, como que nos mergulha numa espécie de limbo trágico. Os seus espectros vivos saem do livro e debruçam-se sobre o nosso peito. Tocam-nos a carne com dedos de ferro e de fogo. A certa altura, é já a hipnose. Um mundo estranho de real e inconcreto, rodeia-nos, e o que é mais estranho é que nós não podemos gritar, nem rebelar-nos, tão poderosa é a sugestão. Os homens os acontecimentos refrangem-se, fantásticamente, como que deformados por espelhos parabolicos. Estas imagens, porém, não são de caricatura, mas de terror, loucura bizarra ou anomalia — e tudo isto, num plano real, perfeitamente, mersuravel aos nossos sentidos. Como que nos têm num estado doloroso de vigília a escutar os rumores que vêm da treva, a ver as metamorfoses dos pensamentos obscuros que se agitam, cotubretudo, nos primários, e não sabem, ou podem traduzir-se em palavras.

A par de tudo isto, que se pode considerar a atmosfera do romance, José Lins do Rego dá-nos, admiravelmente, o substrato trágico da alma brasileira, as suas variadas estreias do magma racico, nos quais as predominantes são a portuguesa e a afro-indigena. Nós demos-lhe a saudade, a tristeza undivaga do mar, a solicitude do homem perante a natureza, tudo quanto passámos e sofremos pelo Mundo; o africano, os ritos encantatórios, da selva, e o tupi, algo de doce, suave, confiado, mesmo inocente, como se tivesse nascido no Paraiso, e os seus mitos fossem as estrelas.

«Fogo Morto», mesmo nas suas imperfeições, é grande. Ao principio José Lins do Rego, põe-nos, em contacto com as mais variadas personagens, sem sequer no-las apresentar. Custa a distingui-las, mas quando o romance ganha extensão, elas recortam-se, com nitidez, tangiveis, não feitas, literariamente, no papel, mas arrancadas á vida. Vê-se que o autor, em torrente, tem pressa em contar, e daí o quer que seja de mais conversado, e, portanto, mais natural, na primeira e terceira partes da obra. A segunda podia não existir, não faz falta a sua economia, mas é, literáriamente, a mais perfeita, embora não seja a mais vigorosa. O romance tem, linearmente, como plano, uma entrada nordestina, e passa-se pouco tempo depois da abolição da escravatura. Naquela estrada, passa a vida num cortejo infindavel de figuras e acontecimentos. O sertão chega até ás suas bermas e o rumor das cidades também. Os tipos locais, como que esculpidos em terra, são os mais valiosos de psicologia e de

JOSÉ LINS DO REGO

caracter. A maior parte deles fogem ao comum. O mestre José Amaro, por exemplo, com a sua oficina de bate-sola, silencio e hostilidades recalcados, arvore humana, como que imovel, no meio da paisagem. Fisicamente, é um ser aparte, estranho, sombrio, mesmo impenetravel, que não acredita nos deuses, nem nos homens. Outra personagem, admiravel, que nos parece até certo ponto, um simbolo (um critico brasileiro emparou-a a D. Quixote) é o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, um velho, de feitio extravagante, meio louco, que anda empenhado nas mais alucinantes cruzadas. Troçam-no, batem-lhe, mas ele, liberto de alma, luta sempre, com qualquer coisa de invencivel e, ao mesmo tempo, de truculento. E' o tipo de aventureiro idealista, que tanto afronta o poder do dono da sensala, o bula da Holanda, outra personagem esquipatica, como corre a defendê-lo, generosamente, contra os soldados, as leis ou os juizes do Governo.

José Lins do Rego dá-nos uma fotografia exacta de todas estas existências, os seus costumes, a sua linguagem, de tal maneira que a ficção, se existe, não se chega a identificar. De facto, por vezes, «Fogo Morto», atinge, através da intensidade narrativa, a epopeia e os seus herois, surpreendem-nos pelos contrastes. Dir-se-ia que ainda não haviam sido sequer referenciados. Vê-se que Lins do Rego gosta das almas sombrias ainda primárias, se não embrionarias, como a de José Amaro, para depois nos dar, estridentemente, esse prototipo de sonho e aventura que é o fabuloso capitão Cunha. Romance, especificamente, brasileiro, «Fogo Morto», pode considerar-se universal. Mesmo nos seus defeitos, um dos quais é a exuberancia indomável do autor, muita coisa bela de verdade, de emoção, de angustia patetica, nos faz vibrar e estrmecer. Nem todos os dias se lê um livro como este. Onde foi buscá-lo? A' sua infancia no sertão—tudo o que viu e sentiu se converteu, afinal, em saudade literaria (Livros do Brasil).

POESIA

TORMENTA

de Nariade Galvão

É, por vezes, dificil tocar num livro de versos. Dir-se-ia uma alma que se retrai como uma flor que, mal cai o dia, cerra as suas pétalas, para ficar imóvel, adormecida, num sonho misterioso, segregando raras essências. Ou então, como uma ninfa, surpreendida nos bosques, que rebuça a lactea brancura do corpo, com veus de névoa. E ainda, se quiserem, qual sereia de longinquo apelo, no horizonte distante, que fizesse ressoar as cordas de oiro da sua voz, atraindo os marinheiros de um navio fantasma que, por mais que a procurem, na imensidade do mar, guiados pelo seu cantico fascinante, jámais a encontram, se não para além da morte.

A poesia feminina é quase sempre uma confissão mais ou menos patética e emocional. Quere-nos parecer até que as mulheres, sentimentalmente felizes, não precisam desse meio de extroversão. A vocação lirica surge nelas, geralmente, com as primeiras lágrimas, o alvoroço da paixão, o sofrimento provocado pela ausência do ente querido—numa palavra, todos os elementos intimos de que, na velha linguagem dos trovadores, se chamavam «coytas de amor». A poesia é para elas um espelho, onde se reflectem, inteiramente, de corpo e alma, senão em diário culto, onde vão escrevendo todas as suas emoções e sensações. Pode ser mais ou menos bela, o que não deixa de ser profundamente, é verdadeira. Daí o que tem de autobiografia, mesmo quando transfigurada. Podem as poetisas desconhecer o valor do ritmo, a cor e a musicalidade de uma rima, gravar em breves palavras a sintese de um pensamento, atropelar, em torvelinho, gritos, lamentos, invocações, perdendo assim aquela serenidade que faz do lirismo, arte suprema, um mármore, de linhas definidas, perfeitas, que só pode ter essa unica expressão—que elas, nem por isso, deixarão de arremessar ao vento e ás estrelas, os seus carmes veementes, num arrebatamento, em que os nervos e a sensibilidade, mais do que o poder da beleza, se tornam dominantes, e, por vezes, até mesmo empolgantes.

Florbela Espanca, entre outras, faminta de amor, fez da carne, da paixão e da desilusão, as forças criadoras e dolorosas da sua obra. Crucificou-se nos seus sonetos, que são quase um diagnóstico da sua alma abrasada e possessiva. Por eles, quase que registamos os seus triunfos como mulher, numa embriagante entrega á vida—na sua totalidade feminina. Compreendem-nos? Cremos que, sim, para não revelar, abertamente, como ela, o incêndio violento dos sentidos ansiosos e rebelados. Era feit e amante, essa emocional poetisa, quando nos dizia que o Sol deixava cair, no ocaso, rosas de fogo sobre o mar... e de sangue, acrescentamos nós, se os seus beijos doentes a queimavam de sede, sabiam a cinzas, e a morte, porque não encontravam réplica. Foi com eles que se envenenou, acariciando a própria epiderme para sentir a ilusão de que as mãos que a tocavam, eram outras... as do irrevogável ausente.

Tudo isto, vem a propósito—e a despropósito, até, porque a pena, fugindo, correndo, parece volitar, asa ligeira de andorinha, batida pelo vento—do livro de sonetos «Tormenta», de Nariade Galvão. Vemo-la como uma adolescente, frequentando, porventura, o ensino universitário, que entregou o seu coração e o seu destino ás páginas deste livro, tão pessoal e sincero, mesmo nas suas adoráveis ingenuidades. Não será o tema, um caso de amor? O seu enleio, a ternura, a confiança, dos primeiros tempos, quando o Mundo dir-se-ia que cabe na mão dos namorados e a vida, toda a vida, a boa e a má, surge como que envolta no esplendor da felicidade que sentimos? Nessa parte de «Tormenta», Nariade Galvão canta feliz, em surtos altos de alegria, promete, sorri, sonha, com a alma transbordante de felicidade, depois, sucedem-se os dias de tristeza, de amargura, de pranto, de infinito desalento, em que tudo sossobra—e o que, antes, era esperança e afirmação, se convertem em negação e angustia passional.

Fechar os olhos e dormir ausente
E quando alguém viesse despertar
Este meu sono morto e singular
Ficasse preso a mim, tranquilamente.

Trata-se de uma estreia literária, e como tal a devemos tratar. Nariade Galvão acendeu agora a sua luz, qua ainda é pequenina e, por vezes, vacila. Tem, sem duvida, dons poéticos, embora, no geral, um pouco retóricos, tumefactos de palavras rebuscadas, ou até mesmo, semanticamente deslocadas. Mas entre isto sente-se um bater de asas inquieto e febril, a querer desprender-se da terra. Questão de tempo, de disciplina artistica, de serenidade interior, de contensão temática. Esperamo-la para o próximo livro, e que depois da «Tormenta», venha a bonança. Vem com certeza!

Investigação

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DEMOGRAFIA PORTUGUESA

pelo prof. Luís Schwalbach

Este ilustre professor dá-nos sempre curtos, mas uteis estudos. Mais uma vez se prova que não são os livros de centenas de páginas e de maciça erudição, são os que mais atraem o leitor, e, até, os que melhor o informam. Nesta época rápida e vertiginosa, os problemas científicos e literários, para serem compreendidos pela grande massa, têm necessariamente de ser sóbrios, claros, concretos. A prolixidade, as muitas citações, o estendal erudito, não interessam o homem da rua. O que ele pretende é que lhe dêem conclusões, não o impelindo para labirintos, dos quais se uma vez alcança a saída, não volta, por curiosidade sequer, a meter-se de novo, com receio de perder-se, ou de fatigar-se com o «jogo».

O prof. Luís Schwalbach em «Considerações sobre a demografia portuguesa, referência especial ás migrações infernas», diz-nos que a nossa população está aumentando. Já vamos em cerca de oito milhões e meio. «Em cinquenta anos o aumento foi de 3.018.180 pessoas» e mais seria se não fossem a nossa contribuição de sangue na Grande Guerra e a gripe pneumónica.

Para quando os 12 milhões que, dizem, absorverão todas as possibilidades agrícolas do solo, se até lá não criarmos os elementos de uma industrialização intensa, que permita o emprego de tal aumento de braços?

Este comentário é nosso. O sr. prof. Luís Schwalbach acusa o decrescimento da mortalidade, que coresponde ao avanço da medicina, higiene e outros factores. E' curioso que, ao contrário do que muitos pensam, estão nascendo, desde 1944, mais varões do que femeas em Portugal. Tornar-nos-emos um país de homens sós? Desolador! Mas, não, a desigualdade das cifras estatísticas não é assim tão alarmante. Em 1952, nasceram menos sete mil indivíduos do sexo feminino (numeros redondos) que do masculino.

O ilustre professor estuda depois a distribuição dos agrupamentos humanos, e suas razões, em várias zonas do País.

A certa altura, escreve:

Essa irregularidade (...) dentro do solo pátrio, é provocada por multiplos factores. Podem influir a natureza do solo e do subsolo, o relevo, a rede hidrográfica, os diferentes quadros climatológicos, a situação geográfica, as paisagens botanicas e zoológicas, o sistema da propriedade, as energias e as predilecções de cada nucleo populacional, os impulsores históricos...»

Lisboa, Porto, Braga e Setubal, com seus concelhos são os maiores fixadores de gente. A capital e o seu termo já ultrapassaram um milhão e duzentas e vinte e duas mil almas; e, por seu turno, o Porto, um milhão e cinquenta e três mil.

Refere-se depois o prof. Luís Schwalbach ás percentagens de naturais em cada circunscrição de Portugal continental. Verifica-se que na capital, é, apenas, de 44,2. Isto é, metade de Lisboa, não é dos Lisboetas, mas dos provincianos, que para aqui vieram e se aclimaram. Que importa, se todos somos Portugueses?

(Separata da «Revista da Faculdade de Letras»).

HISTÓRIA DO PENSAMENTO SOCIAL

POR

Howard Becker — Prof. da Universidade de Wisconsin
Harry Elmer Barnes — Prof. da New School for Social Research
Tradução do Dr. Nataniel Costa

«Uma obra indispensável como introdução ao Pensamento social contemporâneo. Compreensiva no seu ambito, unica em concepção e esplêndida em execução».—Howard E. Jensen, em **The Annals of the American Academy of Political and Social Science.**

«Esta obra é uma notável contribuição para as ciências sociais, que servirá, durante muitos anos, como livro-texto padrão na história do pensamento social».—Theodore Abel, **Prof. da Universidade da Columbia.**

CADA FASCICULO: 20$00 UM FASCICULO POR MÊS

Esta obra consta de 18 fasciculos, impressos em papel *vergé*, de grande formato, com 80 pags.

Acaba de sair o 1.º fasciculo que está á venda em todas as livrarias e nos distribuidores gerais:

SOC. INTERCAMBIO CULTURAL LUSO-BRASILEIRO, L.da

Av. Duque de Avila, 20, 1.º — LISBOA — Telef. 5 4989

DISTINÇAO NECESSARIA

Tem que fazer a sua apresentação? E quer fazê-la distintamente? Mande executar imediatamente a sua placa de cobre para bilhetes estampados em relevo. E' de rigor e revela a sua posição sócial. Verá que não o confundem. ANIBAL GRAVADOR — Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA. Casa especializada.

Narrativa de Fim do Ano

na casa do Monte Velho

por Antunes da Silva

Os caçadores já tinham voltado, cansados da andaima, com muitas peças de caça a tiracolo e, quase ao meio-dia, Nicolau Bermudes chegou com um embrulho debaixo do braço. Junto á grande casa apeou-se da égua baia e disse, num desafogo:

—Amanhã o pessoal não trabalha!

Ao fundo do monte o Sol mal rompia a neblina mas, riscando mesmo assim de um oiro pálido os prados cheios de cacimba e da cor verdusca das ervas livres.

Os ganhões iriam para a vila mais contentes, em visita ao talho do sr. Salvador e comprariam raros bocados de carne para fazerem a ceia do fim do ano agora que bem era, possível comprá-la, visto não haver falta de trabalho, por via da abundancia da azeitona.

—Sim senhores, é como lhes digo. E virando-se para o feitor:—Amadeu! Já sabes. Amanhã, por minha ordem, o pessoal não trabalha!

—Entendido, patrão.

O homem recebeu a sentença, pôs o chapeu e abalou carreiro fóra, em visita de inspecção ás lavouras.

Nicolau Bermudes falava hoje como quando proibira a entrada de automóveis no monte. «Aqui, enquanto eu for vivo, não consinto que estas terras sejam pisadas pelos pneus dum tractor, dum automóvel, ou mesmo duma simples e reles bicicleta». Ascoava-se, erguia mais o busto, prantava um pé no poial e prosseguia: «É que fique dito duma vez para sempre! Enquanto eu fôr vivo, ouviram? os carregos quero que sejam feitos por parelhas e para as viagens ás feiras a vender queijos, azeitona ou lenha e á vila a comprar mantenças, há por aí muito poldro na boa vida!».

Como de facto. Havia na herdade uma autêntica manada de cavalos, criados á solta, léguas á vista, tantos, meus amigos, que chegariam para um povo inteiro correr mundo em cima das garupas das belas estampas de raça «Alter».

Há dias que a chuva parara e, em seu lugar, viera o frio e o nevoeiro. Um nevoeiro espesso, pingado, que só abalava por volta das onze horas, deixando a terra encharcada de melancolia. Algumas sementeiras de tremezes estavam feitas e no Monte de Nicolau Bermudes, tudo se conjugava, como de costume, para a Festa do Fim do Ano.

De muitos lugares acudiram compadres montados nas suas cavalgaduras, alguns fazendo gala dos trimbolins, em companhia das familias, corpos direitos, olhares leoninos, sorrindo calmamente para a rapaziada do Monte. Outros, pareciam berberes, de largos olhos iluminados de mistério, sózinhos com as montadas, de garruça nas cabeças e samarra ás costas. Vinham todos cumprir as belas tradições na Casa do Monte Velho, há séculos pertença de abastados agrários, em cuja arvore geneológica abundavam as bravatas de guerra e aventuras, a assinalar a raça daquela gente audaz e imaginativa.

Ora o hábito destas festas de Natal rustico remontava ao tempo dum tal Gonçalo Gregório Bermudes, filho de uma lindissima cigana de Málaga e de Cristovão Bermudes, capitão de veleiros de el-rei D. Manuel I. Este Gonçalo, tipo singular e resoluto, tinha no entanto o costume abominável, lá de tempos em tempos, de dormir durante o dia e fazer serenatas durante a noite em companhia de quatro comprades, moradores no mesmo chão concelhio, já nesse tempo gente de lavouras gradas, muita atreita a jogos de bisca e conversas patuscas, á beira das mesas molhadas de água-pé e da gordura de presuntos e paios, de fabricação caseira. E daí, desse antepassado longinquo, vinha o hábito de se fazer a Festa do Fim do Ano na Casa do Monte Velho, com alvoroços de teatro e requintes de comesainas que só ultimamente se tinham ido desmoronando, devido ao desleixo e á pouca sagacidade das pessoas que formavam a cabeça desta abastada e antiga familia dos Bermudes.

Mas viera Nicolau, filho de António e de Maria Sebastiana e, ou por que estudasse necessáriamente a arvore geneológica dos seus maiores com certo aprazimento e acrisolada estimação ou ainda devido a que, nos grandes homens, como nos grandes sábios se repetem, ciclicamente, ás vezes de seculos a séculos, as mesmas tendências temperamentais de raça, o certo é que a tradição mais antiga da Casa ia ser mantida neste Fim do Ano do século XX, com todos aqueles sérios e picarescos detalhes que tinham feito a fama do antepassado Gonçalo Gregório Bermudes, filho bastardo dum capitão de veleiros.

A Casa do Monte Velho, por conseguinte, como se terá adivinhado, é uma construção antiquissima, com vago castelo cimeiro posto no alto dum cabeço, espécie de emblema feudal namorando as estações do ano com a braveza das suas paredes comidas pela hera e pelo escomilho—e a audácia do seu perfil mourisco virado para os cardenhos e a planície como se parecesse, cá de longe, uma estátua de neblina, erecta no esconso da terra erma.

Pois Nicolau Bermudes, com os encontrões da fortuna, farto das leis e dos homens, quase se fizera um asceta. Espirito contumáz e imaginador, passava mês após mês agarrado aos cartimpázios da adusta biblioteca familial, decifrando narrativas portentosas da terra e do mar e bebendo, á compita, com dois amigos ilustrados, o sr. Fausto e o sr Pompeu, excelentes vinhos regionais e petiscando a caça das suas coutadas durante grande parte do ano. Vivia na esperança graciosa, pueril de que as pessoas do Mundo se tornassem iguais a si em misantropia, gostos bizarros e indiferença pelas vaidades e ambições do século voraz e impertinente. Lá de tempos a tempos, perseguido pela doideira dos seus pensamentos e do ripanço dos seus aposentos medievais, escrevia a amigos de liceu pujantes cartas de convite para uma festa original e quase sumptuosa, com cantadeiras e estrelas de cabarés acompanhadas á guitarra na cave do Monte, que tinha electricidade e aquecedores e então oferecia régios repastos de carne de porco, molhados com os mais variados vinhos regionais e, como pano de fundo, punha um homem analfabeto, de nome João Silvestre, que era o poeta oficial da Casa, poetrastro assás contundente, indivíduo criado na livre campina e perspicaz amador de intrigas, que sabia versejar rápidamente enlevos soalheiros em décimas escorridas e deslavadas, sobretudo dedicados ao Entrudo ou a comemorações do Fim do Ano.

Como unica e imprescindivel condição para visitar a sua casa, o dono do Monte Velho exigia que não viessem de automóvel ou quaisquer outros meios motorizados. Bem do fundo do coração, abominava tais transportes, criados unicamente para servirem de desavenças e concurso de vaidades, entre os humanos. Então, mal chegavam os convivas, uma quantidade de criados os esperavam, vestidos de cotim azul e chapeu braguês e apoderavam-se das alimárias, levando-as para as grandes cocheiras do Monte, enquanto a fina flor da lavoura do concelho, quase toda formada por homens obesos com seus filhos fardados á lisboeta, apresentava cerimoniosamente os seus cartões de identidade a dois lacaios de libré e no terreiro do Monte, entre a chuva de verdura dum pinheiro gigantesco, pregado em frente da casa e os lumes altos de uma fogueira acendida na véspera e que se prolongaria até para lá do fim do ano, cantava um rancho coral, mulheres, homens e crianças vestidas com algum preparo e que pela noite dentro entoavam os hinos mais patéticos ouvidos em solo de camponeses.

Os convivas desciam á cave secular, depois de deixarem os seus abafos nas mãos de outros figurantes. Desciam por uma escada de caracol, ao som de sinetas e de musica de harmónio. A escada de caracol tinha passadeiras vermelhas e ia dar a uma adega espaçosa, feéricamente iluminada a luzes de *néon* e com disticos em verso, como num sonho, também luminosos, alusivos á cristandade. Ao fundo da adega, mesmo em frente das escadas, via-se a figura enorme, de Nicolau Bermudes, vestido á lavrador com um fato de saragoça, um monóculo de oiro assestado na direcção da entrada, sentado numa rica cadeira de espaldar, forrada de setim roxo. Ao lado de Nicolau, também numa cadeira semelhante, via-se a esposa, a dona Gilda, vestida com rara simplicidade, saia de estamenha até aos pés, blusa cinzenta com botões de madre-pérola, em contraste com o luxo estranho do aposento. Os sete filhos do casal mantinham-se de pé, silenciosos e hirtos, simbólicamente fardados de aguariços, até mesmo o primogénito Ricardo, moço de mais de vinte anos, quase calvo, que parecia sorrir de angustia com as pantomimas do pai, mais a mais andando a estudar para doutor.

Tudo isto parecia um ritual, em que Nicolau fazia de sacerdote e a restante familia de acólitos.

Ao lado esquerdo da entrada, entre um monte de palhas, estava então o Presépio feliz: uma bezerra, uma ovelha, um cão de monte, três reis magos como se fossem gente e aconchegado a rolos de sumauma, um boneco de cristal dormindo.

Vinham os chefes de familia, trope, trope, trope, com as suas botas caneleiras e paravam mesmo ao fundo da escadaria, pasmados com o espectáculo bizarro.

Antigamente, no tempo de António e de Maria Sebastiana, a festa era de rezas, de comes e bebes e pouco mais. Contavam-se no intervalo do banquete algumas anedotas, falava-se de cortiças, gados e searas. Era tudo um mundo de interesses e, paradoxo dos paradoxos—de poesia. Agora, aquele homem de enorme estatura exibia um estadão de novidades caprichosas, que espantavam os ignorantes e embeveciam os sentimentais.

Os homens, mal desciam o ultimo degrau, ajoelhavam, ao som de lindas cantatas de oboés, e de fanfarras e o resto das famílias também. Alguns pensavam voltar atrás, confundidos, mas, já que tinham vindo, deixavam-se ficar, empolgados com o espectáculo que aos seus olhos se deparava.

Então, por ordem do dono da casa, todos oravam recolhidamente em louvor do Menino-Deus, salvador dos homens, dando inicio á inenarravel apoteóse nocturna que todos depois haviam de aplaudir com denodado entusiasmo, uns chorando, outros simplesmente perplexos, quando rompessem as bonitas surpresas do festvial. Nicolau Bermudes seria um lunático, amigo de mistérios e da loucura, mas era também um consciente adepto da paz de Cristo, que deveria reinar entre os homens.

Mas adiante. Depois de todos estarem sentados, fechavam-se as luzes, só se notando ao fundo da casa o Presépio deslumbrante e, uma ou outra vez, balia a ovelha, ladrava o cão e escoicinhava a bezerra. A seguir, aquilo que a principio pareeia ser a parede da cave, toda caiada de branco com florzinhas lilazes e faunos tocando em flautas, abria-se, como num sonho das mil e uma noites e aparecia aos olhos de todos os circunstantes varados de emoção, um palco cheio de estrelas chamejantes, com três estátuas humanas no meio. A figura da esquerda era um vagabundo, a da direita um camponês e a do centro era Cristo, já homem, sorrindo para os companheiros.

No palco, durante alguns minutos, só aquelas três figuras simbólicas se mostravam iluminadas por flocos de luz azul, incarnando a irmandade humana, até ao momento em que, por um microfone invisível, se fazia ouvir a voz de um locutor falando ternamente da vida e do 1 do ano como a data mais séria do calendário universal, ao mesmo tempo que um coral distante entoava as mais lindas estrofes da paz e da terra.

Enquanto isto se desenrolava; o locutor esvaía a pouco e pouco a sua voz e o coral extinguia-se num vozeirame de suplicas. O dono da Casa do Monte Velho, empunhando uma tocha, mandava acender as luzes novamente. Nicolau Bermudes, como se nada tivesse acontecido, erguia-se de subito da sua cadeira de espaldar e, a passos lentos e miudos, vinha cumprimentar os seus confrades, tratando-os confiadamente e incitando-os a comer as iguarias expostas na mesa.

E, por algumas horas, todo aquele pessoal fartava os estomagos, olhinhos luzidios, consciências desvanecidas e falava, cheia de gabanços, dos seus teres e haveres, elevando a voz á medida que as garrafas se esvaziavam culpando os homens e o fisco, mais do que intempéries e o cansaço da gleba, das más colheitas e da morrinha do gado. Era assim que davam uma nota de certa ilustração, quase todos os convivas de Nicolau Bermudes. As mulheres, essas, diziam, simplesmente: «Mas que bonita festa!...»

A dado momento, tocavam campainhas e os sinos punham-se de novo a bimbalhar. Apagavam se as luzes e era a vez do poeta João Silvestre contar uma décima, na sua voz seca de charnaquenho:

«Quem me dera ser rafeiro
Da matilha do patrão...»

Versos tão fora de propósito deixavam um pouco surpreendidos os convivas. Mas tudo era silêncio e o camponês, apontando no escuro o Presépio feliz, findava:

«Para dormir em fofa cama
E não ter mesa sem pão...»

Mesmo que se quisesse, o que não era o caso, que o homem continuasse a recitar as suas baboseiras, tudo acabava, porquanto dois lacaios tinham levado o poeta de escantilhão, dizendo: «O marmanjo hoje não estava bom e pôs-se a vomitar...»

As pessoas, todavia, ficaram um pouco escandalizadas com este ligeiro incidente.

Mas o espectáculo estava no auge. Respirava-se um ambiente festivo. Alguns senhores já não se podiam levantar das cadeiras, aquecidos pelo vinho e davam «vivas» ao Mundo com algum despropósito. Outros, mais circunspectos, assopravam: «pschiu!...»

Aos olhos pasmados da assembleia, o palco abriu-se de novo e o estrado era um mar de milhentas folhinhas verdes, folhas de árvores mortas com a ventania. Figuras, das mais variadas, assomaram na cena: escudeiros de el-rei, de enormes barbas, com chanfalhos em riste ameaçando a civilização vádios, pobrezinhos, crianças chorando de fome, lavradores guiando charruas, filósofos preocupados discutindo, pombas brancas esvoaçando para uma lírica oliveira e bandos de anjos cantando lindas avenas em louvor dos campos, da inteligência e da virtude. Ao fundo da cena, despontou a sombra de um ébrio que ria desabaladamente para toda aquela humanidade ofegante e os anjos calaram-se. O ébrio trazia um bandolim e um garrafão e pôs-se a beber pelo gargalo e a tocar uma musica varonil, perto da oliveira, olhando o céu. Ao lado, rastejando como um reptil, entrou um ladrão de boina basca na cabeça e uma navalha segura entre os dentes. Parou atrás do ébrio, tirou a navalha da boca e aproximando-se furtivamente, bramiu: «Dá-me o bandolim!» O ébrio ficou um pouco surpreso. Depois ganhou coragem e abraçou-se ao ladrão, com grandes demonstrações de ternura. Os dois confraternizaram cantando para o povo:

«Eu passei á ribeirinha
Puz o pé, molhei a meia...»

E outro:

«Quem me dera ser soldado
Dum general sem fardeta...»

O ébrio cantou e riu-se, optimista. Iria pôr na chaminé o bandolim para o filho. Bebera porque era Fim de Ano o dia dos homens bons. O ladrão cantava para as estrelas mas, de repente, ficou triste. Nada tinha para pôr na chaminé, simplesmente porque não possuia casa, nem família, nem ninguém... Quando os dois amigos estavam nestes preparos, entra em cena um louco a gritar: «Eu mato por prazer! Eu mato por prazer! Ah! Ah! Ah!...».

Todos ficaram calados. O medo apoderara-se de todas aquelas vidas suspensas. E o louco dava medonhas gargalhadas, possesso, dominador, assustando até as pombas que se acoitaram nos ramos das oliveiras. Todos os figurantes, no palco, estavam estarrecidos, fitando o tresloucado que arvorava agora um punhal ao alto da cabeça e avançava para o grupo de toda aquela humanidade heterogénea, bramando: «Descobri o raio da morte e matarei por prazer, toda a gente da terra!». E continuava a rir, demente que era, senhor da natureza.

Porém, do meio da turba, um homem ainda novo se ergueu, como um exemplo. Pôs o peito branco frente ao punhal e disse, suavemente: «Não matarás, Cláudio!». E tirando o punhal das mãos do louco, atirou-o a uma valeta. Era Cristo. Cristo feito homem, que defendia os humildes. O louco recuou, de olhos esbugalhados, mais sereno e ajoelhou-se, a chorar. O ébrio e o ladrão ajoelharam-se também. Toda a gente se ajoelhou. E Cristo proferiu, como um homem bom: «Haverá prados para os animais pastarem, pão para todos os homens comerem, livros para os sábios estudarem, escolas para todas as crianças. E assim, a humanidade será feliz e todos serão irmãos uns dos outros!».

«...E todos serão irmãos uns dos outros...!» —repetiram em coro todos os comparsas.

Neste instante o pano caiu. Cá fora, a Casa do Monte Velho era açoitada pela neve e o vento e apupava a noite com a sua torre cimeira desafiando o vendaval como uma ilustração de Inverno. Lá dentro, toda a gente se comovera, apesar de alguns não entenderem bem a parábola.

Mas, contra tudo o que estava previsto, ouviu-se nitidamente na cave, o potente ronco de um motor. Não havia duvidas: era um automóvel. O lavrador das Lages pregara uma partida ao vizinho. O irmão vinha buscá-lo de »pó-pó», sómente pelo prazer de ganhar uma aposta.

A' porta da rua, com o vento a ladrar, apareceu Nicolau Bermudes. O homem parou, quieto, ao umbral, petrificado, lívido. Passados alguns segundos, rouquejou:

—Biltres!

Vieram acudir outros convivas, que se mostraram cheios de pesar pelo importuno acontecimento. Nicolau olhou-os como se fossem pessoas estranhas e repetiu, entre dentes: «Biltres!».

Ninguém fez reparo na exclamação e só D. Gilda tremia como varas verdes, ao lado do marido.

Então, Nicolau Bermudes, teve um acesso de indignação e gritou para o meio da noite e apontando todo aquele pessoal compacto:

—Rua! Tudo daqui para fora!

O automóvel foi o primeiro a desaparecer, sem levar o lavrador das Lages.

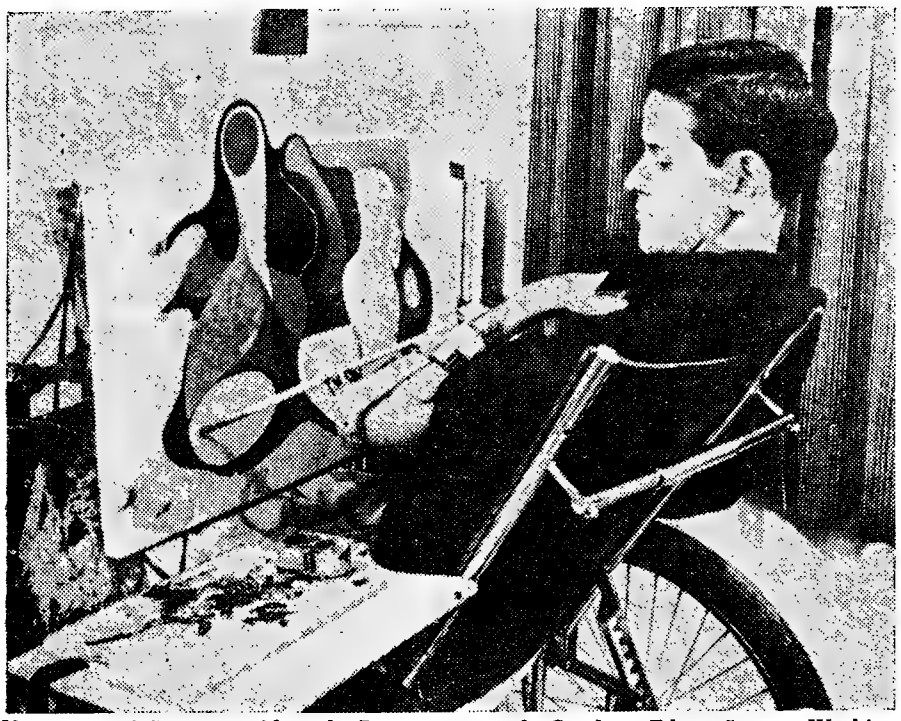
Lojas das Chitas

PAPELARIA CARLOS

de CARLOS FERREIRA, Ld.ª

Aos seus Clientes e Amigos particulares os mais cordiais cumprimentos, votos de festas felizes e sinceros desejos para muitas felicidades e prosperidades no novo ano.

LISBOA — Rua do Ouro, 36



Numa exposição promovida pelo Departamento de Saude e Educação, em Washington, despertou particular atenção da critica um quadro pintado, em circunstancias estranhas, por um jovem artista americano. Gilbert Provencher ficou paralitico aos catorze anos, devido a um acidente de natação, mas, graças á aplicação de um dispositivo especial, pode dedicar-se á pintura. Enfileirando francamente na escola modernista, parece ter encontrado o caminho da celebridade, não obstante as consequências visiveis da sua incapacidade fisica

A «Ode à França»

por *HENRY HASSELIN*

Eramos bem uns trezentos, comprimidos nos salões e antecamaras da Casa Internacional dos P. E. N. Clubs, em Paris, procurando ver e ouvir o ilustre poeta, ensaista e romancista inglês, Charles Morgan, hóspede do P. E. N. Clube francês.

O Centro Francês P. E. N. e a Casa Internacional dos P. E. N. Clubs organizara, aproveitando a estada em Paris do seu novo presidente internacional, uma «Homenagem a Charles Morgan». O programa da noite—a 13 de Novembro—compreendia dois discursos: um de René Lalou, outro de André Chamson, além de leituras ou interpretações de alguns excerptos da obra romanesca ou teatral do autor de *Sparkenbroke*, com o discurso de Julien Bertheau, da Comédie-Française, Jean Mercure e mlle. Jandelyne.

René Lalou, um dos mais notáveis conhecedores franceses da literatura inglesa, falou-nos de Charles Morgan, servindo-se de todo o seu espirito, saber e cordialidade: soube, em termos felizes, situar o homem na sua ordem de grandeza e desenhar os contornos de uma obra que contém todas as subtilezas da alma humana. André Chamson, presidente do P. E. N. Club de França, saudou em Charles Morgan o autor dessa incomparável e inesquecivel «Ode á França, que os «Cahiers des Editions de Minuit» publicaram na clandestinidade, desta Ode magnifica, dum sopro pujante e elevado, escrita em plena guerra por um Inglés para lembrar ao Mundo que o país da Liberdade não devia, não podia morrer, e aos Franceses que nunca seriam abandonados, que muitos corações estrangeiros pulsavam por eles.

Já d'Annunzio, creio, dissera: «França, sem ti, o Mundo seria só!». Charles Morgan acrescenta que a França é inseparavel da ideia de civilização

O escritor inglês tomou, por fim, a palavra: agradeceu aos oradores e actores e a todos os membros presentes do P. E. N. Club Francês, entre os quais se encontrava François Mauriac e Jean Schlumberger: fê-lo no francês mais correcto, em termos sóbrios e bem medidos, sem enfase, sem efeitos eloquentes, com uma emoção que pouco a pouco se comunicou a todos nós. Admiramos a sua simplicidade, a sua modéstia e timidez de grande senhor. Disse-nos que lhe perguntavam ás vezes: «Porque é que gosta da França?». A esta pergunta, desejava responder uma vez mais, naquela noite. Mas não o fará, por falta de tempo, evocando grandes razões conhecidas: as suas amizades francesas, a sua amizade profunda por um país que deu ao Mundo grandes pensadores e grandes artistas, que contribuiu de mil maneiras para o desabrochar da consciência do homem e o embelezamento da vida. Não, ia limitar-se a uma recordação de viagem, a uma anedota, a uma pequena razão que podia passar por acessória, mas que, a seu ver, abrangia o essencial. E, com um humor cheio de finura e bem próprio do seu país, contou-nos a pequena história que reproduzo sem de algum modo a alterar, quase nos termos de que ele se serviu:

«Logo após a Libertação, fui convidado a vir a Paris para fazer uma leitura, no palco da Comédié Française, da minha «Ode á França». A Administração-Geral marcara-me encontro, nessa noite, a uma das portas do teatro, depois de precisado bem o lugar onde encontraria a porta. Naturalmente, fui incapaz de a descobrir. Depois de ter errado e girado á volta do edificio pensei que o mais simples seria, sem duvida, entrar pela porta principal.

«Infelizmente, um cordão de policia proibia o acesso pois esperava-a a vinda do chefe do Governo. Depois de duas ou três tentativas infrutuosas, resolvi pôr do meu lado um agente que, apesar de tudo, parecia boa pessoa.

Disse-lhe:

—Monsieur, sou obrigado a entrar, porque esta noite represento um papel, quer deixar-me passar?...

—E' actor?—perguntou-me ele.

—Sim—respondi eu: esta noite.

—E qual é o papel que representa?

—Tenho de ler uma ode, ou, se quiser, um poema.

—E de quem é esse poema?

—De mim mesmo.

—Então, é ao mesmo tempo autor e actor?

—Sim, esta noite...

Ele pareceu hesitar e depois tomou uma decisão:

—Nessas condições, pode entrar—declarou ele. E desviou-se para me deixar passar. Mal acabara de entrar na Comédie-Française, ouço alguém chamar atrás de mim:

—Monsieur! Monsieur!

Volto-me. Era o meu agente de policia. Voltei atrás.

—O que é?—perguntei, um pouco inquieto.

—Posso-lhe perguntar, Monsieur, qual é o titulo dêsse poema que vai ler logo?

—Com certeza. Intitula-se «Ode á França».

—Oh! Então, Monsieur, pode passar, pode passar!...

E, desta vez, mostrou-me o caminho com um gesto largo e inclinando-se com cortesia.

«Pois bem, senhoras e senhores, pergunto: haverá algum país no mundo, sem ser a França, onde semelhante aventura se pudesse passar com um homem decidido a forçar uma barragem de policia?

HENRY ASSELIN

HÁ 30 ANOS

Apontamentos

Com o titulo «Apontamentos» o «Diário de Lisboa» de 31 de Dezembro de 1923 publicava uma página em que o nosso colega Sá Pereira dizia:

«Estamos mergulhados em trevas. Trevas nos espiritos, animalidade nos corpos—que é o seu equivalente. E' claro que as luzes voltarão a brilhar; é claro que rumo desconhecido será descoberto. Mas, até lá, até ao momento em que na Europa, á semelhança duma caravela quinhentista, de perdida rota, mas buscando teimosamente desconhecidos mundos haja quem grite, seguramente, acertadamente: «ideia á vista!» Tudo o que por aí surja com ares redentores será ainda um adicional ao tremendo enigma. Uma venda voluntáriamente posta sobre os olhos por homens de boa vostade, mas que produzirá treva tão igual como aquela em que o resto do Mundo, os que não se querem preocupar, mergulharam. Os que não lhe pediram os préstimos tentarão ver, obstinadamente. E isso já será alguma coisa—como sintoma de reflexão na conclusão internacional.

PRATEX

Tornará eterno o prateado das vossas casquinhas, alpacas, etc.

A crise política

e o desenvolvimento económico

da Guiana britânica

LONDRES, (B. N. S.)—A presente situação de tensão na Guina inglesa surgiu porque o Partido Progressista Popular, que se achava no Poder, estava em vias de transformar o país num estado comunista, tendo mesmo começado a dar andamento a esse plano. Os oponentes do Partido Progressista Popular temiam fortemente uma tentativa, visando explorar a constituição recentemente concedida ao país pela Grã-Bretanha. Tinham havido choques entre os comunistas e outros grupos, razão por que as tropas britanicas foram enviadas para o país a fim de manter a ordem.

Eu estava na Guiana inglesa no momento da campanha eleitoral que colocou o Partido Progressista Popular no Poder, na Primavera dêste ano. A nova constituição deu ao povo o direito de votar pela primeira vez. Os operários e os pequenos camponeses estavam a passar maus momentos; havia um numero considerável de desempregados, e mesmo os que tinham emprego achavam o custo de vida alto demais para suas posses.

Apesar disso, uma grande maioria estava pronta para ouvir o Partido Progressista Popular que, durante quatro anos, fez uma campanha brilhantemente organizada em antecipação á nova constituição.

Os seus «leaders» persuadiram o povo de que ele estava a ser explorado, e que era preciso colocar o Partido Progressista Popular no Poder para governar o país em beneficio das massas.

Com essa propaganda, dirigida na maior parte a um povo analfabeto e ignorante, o Partido Progessista Popular voltou ao Poder com uma pequena maioria de votos, mas com um preponderante numero de membros no Parlamento.

Viu-se claramente, logo depois, que suas intenções ultrapassavam os limites comuns de acção democrática parlamentar e tinham por objectivo alterar inteiramente a estrutura do Estado. Já se sabia então que alguns «leaders» de partido estavam ligados a organizações comunistas russas, parecendo então que tentavam pôr em prática a teoria.

Os mentores do partido o dr. Cheddi Jagan e sua esposa, os quais tive o ensejo de conhecer quando me encontrava na Guiana, pareceram-me inteiramente resolvidos a ganhar as eleições, abafando a oposição e governando o país de acordo com suas próprias ideias.

O que o partido poderia realmente ter feito em beneficio do povo da Guiana britanica é muito duvidoso. Mesmo se os seus dirigentes tivessem conseguido comunizar o país, não teriam podido alterar a séria questão económica, pois é muito dificil no momento, elevar o padrão de vida do país. Na verdade, expropriando os industriais que começam a prosperar na Guiana inglesa, os comunistas, embora possuam muitos advogados e oradores capazes, teriam sem duvida piorado ainda mais a questão económica.

Por que está a Guiana inglesa a atravessar um momento dificil no que se refere á economia? Simplesmente porque a sua produção actual (principalmente açucar, além da bauxite e outros minerais que aumentam em importancia) não proporciona um rendimento suficiente para desenvolver o país e elevar o nivel de vida.

Os habitantes da Guiana—muitos de origem africana e indiana—descendem de pessoas trazidas para o país como escravos, ou como «coolis». Embora o Governo tenha empregado grandes reforços para melhorar as condições de vida do povo, dando-lhe melhores oportunidades, estimulando o desenvolvimento industrial, o sistema de irrigação, etc. nunca dispôs de fundos suficientes para explorar completamente o srecursos da Guiana em beneficio da população.

Esses recursos são imensos. Além das industrias de açucar e de arroz, sujeitas a risco, que florescem na estreita faixa de terra ao longo da costa onde vive a maior parte do povo—e que depende de um longo sistema de drenagem e irrigação do tipo holandês—possui grande riqueza mineral—baixite, ouro, diamantes e muitas outras coisas que jámais foram avaliadas. Possui excelentes rebanhos no interior e poderosos rios que poderiam ser aproveitados como força eléctrica para a industria, além de grandes florestas que cobram quatro quintos do país. Essas florestas, que são hoje uma barreira para as comunicações e o desenvolvimento, poderiam ser uma das maiores fontes de progresso, pois contêm grandes quantidades das mais finas madeiras conhecidas no Mundo.

A Guiana inglesa tem muitas outras possibilidades, aguardando desenvolvimento. O país poderia ser próspero. O que acontece é que nunca pôde obter recursos para a tarefa de desbravar a selva. Não vejo como o Partido Progressista Popular poderia agir melhor do que as administrações anteriores do país. O desenvolvimento virá, mas sómente com a ajuda do exterior, do dinheiro, plano para a exportação e habilidade técnica.

Uma nova providência, visando êsse objectivo, já foi tomada por uma missão de oito técnicos do Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento que, a pedido do Governo da Guiana viajou por todo o país em Fevereiro e Março ultimos. A missão propõe um programa de desenvolvimento de cinco anos, além dos planos já planeados e em execução, no montante de 13 milhões de libras. Essa despesa será feita, parte pelos fundos e rendas do Govêrno, parte por novos empréstimos e fundos de desenvolvimento e bem-estar proporcionados pelo povo da Grã-Bretanha.

Eu, pessoalmente, simpatizo imensamente com o povo da Guiana inglesa, que tem tido uma vida dificil no seu belo país, e que parece ser agora vítima de propaganda.

Achei o povo muito hospitaleiro, amigo e interessante e até mesmo alegre e sociável, apesar da vida de necessidades que levam muitas pessoas. Cêrca da metade da população é composta de indianos e a outra metade dividida numa mistura de Portugueses e de nativos, descendentes de europeus e de negros. Mas, qualquer que sej a a sua raça o povo em geral parece muito amigo, mesmo no auge da campanha eleitoral. Há também um numero reduzido de Europeus e, bem para o interior do país, um numero pequeno de habitantes primitivos do país. A esses, naturalmente, as divergências politicas não atingem.

Estou certo de que um grande futuro aguarda a Guiana inglesa e espero que esso futuro não seja estragado por lutas e incompreensão. - COLIN WILLS.

Um apêlo a favor

do hospital da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 23.—A convite da Misericórdia, reuniram-se naquele modelar estabelecimento de beneficência, os representantes da Imprensa diária e local, com o provedor sr. dr. José Francisco Nico, que expôs os vários problemas relacionados com a vida do hospital e esclareceu o publico, através dos jornais, sobre a sua situação e os beneficios que vem prestando.

O sr. dr. José Nico, depois de saudar a Imprensa, falou, especialmente, sobre algumas modificações introduzidas no hospital, destacando a melhoria dos serviços de enfermagem; o aumento dos ordenados e outros beneficios, aos enfermeiros, o que os coloca a par dos de todo o País, o mesmo sucedendo aos médicos que recebem, agora, remuneração. Quanto a doentes, foram beneficiadas as instalações que lhes dizem respeito e melhoraram as suas condições de alimentação.

Referindo-se ás receitas, afirmou não ser verdadeira a informação posta a correr, de que toda a gente paga, ali, consultas e internamento, pois os doentes são divididos nas categorias de pensionistas, porcionistas e indigentes, e assim pagando ou não o seu internamento ou curativos, segundo as suas possibilidades. Esta disposição não é, porém—disse—exclusiva do hospital local e foi instituida de acordo com o subsecretário da Assistência, em 1946. Através do Centro de Assistência Social, para serviço exclusivo do hospital, procede-se ao inquérito para apuramento das classes já mencionadas. Doentes como trabalhadores ou serviçais, pagarão pouco, facilitando-lhes a Misericórdia o pagamento em prestações.

Este hospital—declarou o sr. dr. José Nico—é ainda dos poucos que fornecem antibióticos, sem distinção da classe dos doentes que os recebem, pois, há a considerar que, acima de tudo, se pretende salvar vidas. No entanto, a mesa administrativa vê-se, porém, na contingência de suprimir tal beneficio, porque a sua situação financeira é precária e sem a devida ajuda dos beneméritos, não poderá continuar a manter a sua acção benéfica.

Continuando, o sr. dr. José Nico disse que foi há pouco adquirido na Alemanha, por 187 mil escudos, um moderno aparelho de Raios X com uma potência de 500.000 amperes, indispensável, para que os doentes se não desloquem a Coimbra, contando-se que será posto a funcionar logo que sejam terminadas as diligências, junto de um competente radiologista.

Falando sobre o novo hospital, disse o sr. dr. José Nico que vai ser construido no actual campo de futebol, estando o respectivo projecto já concluido. Para tão importante obra, orçada em 6.000 contos, a Santa Casa não tem possibilidade de obter a verba que falta, não obstante o Estado contribuir com 4.500 contos, a não ser—acrescentou—que os beneméritos da Figueira, do concelho e muitos figueirenses, ausentes no estrangeiro e no Ultramar, a ajudem. Nesse sentido, por intermédio do «Diário de Lisboa» apelava para todos eles.

O sr. dr. José Nico teve, ainda, palavras de justo elogio para o prof. dr. Bissaia Barreto, a quem a Figueira muito deve e que, desinteressadamente de há anos a esta parte, vem a este hospital, como ainda há pouco veio, para operar 22 doentes, com alguns deles gastando oito horas consecutivas.

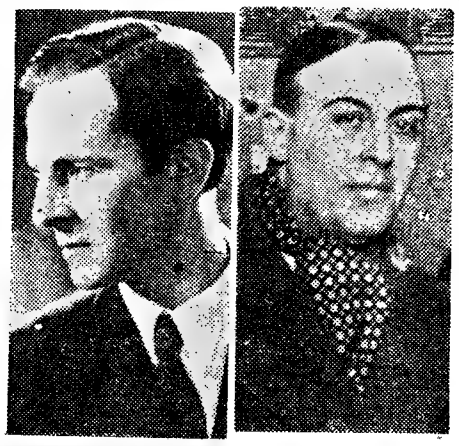
Tomámos nota de alguns dados estatisticos pelos documentos que nos foram facultados e dos quais extraimos os seguintes: 1952, efectuaram-se 168 operações de grande cirurgia e estiveram internados 2.728 doentes, dos quais 70 indigentes; estiveram ocupados 11 quartos particulares e registou-se uma despesa de cerca de 875 contos e uma receita de 767, contribuindo o Estado, anualmente, com 180.

No final desta exposição, os representantes da Imprensa fizeram uma demorada visita ás dependências da instalação hospitalar, que mereceram de todos as mais elogiosas referências.

Breve balanço do ano que finda

O teatro, a ópera e o "ballet"

No mês de Dezembro de 1953 e neste mesmo dia, terminávamos com pessimismo o inventário do ano teatral que findara. Os votos que se faziam, para que fosse brilhante a nova página que se abria diante do Teatro, não se concretizaram. E pode até lembar-se, com desanimo, que a temporada de Inverno, finda em Junho ultimo, se fechou com uma sombria página de numeros. Os «deficits» que afligiram as seis empresas em funções—uma excepção para Vasco Santana, o unico que se pôde gabar de não perder dinheiro—subiram a cinco mil contos, não faltando quem visse os seus modestos arranjos de casa penhorados pelos credores de uma ou outra sociedade artistica.



Alvaro Benamor, em «Castelos no ar»; Erico Braga, em «Rapaziadas»; e Amélia Rey-Colaço, nas duas mesmas peças, foram três dos melhores intérpretes da temporada. Maria Lalande, tantos meses ausente, regressou em «E' proibido suicidar-se na Primavera». Mas poderíamos aumentar a lista destes nomes com Gina Santos na «Menina tonta», e «Entremez da muda casada», e Laura Alves, na comédia« Ela não gostava do patrão»

Um fraco ano

para o teatro infantil

Que poderia fazer-se, entretanto, para preparar novas camadas de publico futuro, se a pequena assistência de crianças não anima os empresários a erguer grandes montagens compensadoras? Falta-lhes, evidentemente, um estímulo financeiro. E o fraco panorama registado na ultima temporada assim o prova, com promessas ainda mais desoladoras para 1954. No começo do ano, o «Diário de Lisboa» dizia que nessa hora grave, não obstante estarem a funcionar quase todos os teatros de Lisboa, o publico debandara, em parte devido á lei que regula a entrada de menores em espectáculos. E, em Março, faziamo-nos eco do que corria lá fora: iamos ter, com continuidade, teatro para crianças.

Efectivamente, o ano mostrava-se promissor: no Monumental representava-se «Não vale a pena ser mau», de Aníbal Nazaré, imagem do Far-West americano, seguindo-se-lhe «Uma aventura em África», do mesmo autor e Carlos Lopes, duas peças que, aliás, não reuniam as condições essenciais aconselhadas para o pequeno publico a que se destinavam. Depois, não se anunciava só «O carroussel da petizada», espectáculos da tarde, apresentados no Politeama: havia, sobretudo, «O mundo maravilhoso das crianças», espectáculos de cinema, teatro e musica que os profs drs. Vítor Fontes, João dos Santos e Delfim Santos, com os drs. Salazar Carreira, João Carlos, Celestino Gomes e João de Freitas Branco, coadjuvados por Joly Braga Santos e Almada Negreiros, se propunham levar ao Império, «para ensinar á criança a arte de viver em casa e na rua». A lição, porém, não agradou e nem sequer foi folheada, sumindo-se pelo cacifo do ponto. O mesmo sucedeu á fantasia «A velha ferrunfunfunfelha», de Abreu e Sousa e Ataíde Perry: sumiu-se, apesar de o seu êxito, tão subtilmente como aparecera a companhia que a apresentara no Avenida...

Depois, ainda no Monumental, Vasco Morgado insistia no seu projecto louvável de criar hoje o publico que há-de amanhã aplaudir o seu Vasquinho: em 18 de Outubro, para uma curta série de espectáculos, apresentava a fantasia «Era uma vez uma princesinha», texto literário de Eduardo Damas e musica de Manuel Paião.

Veremos qual será o destino da deliciosa fantasia «A história da Carochinha», de mestre Schwalbach, agora reposta, com brilho, no Nacional.

Se quisessemos enfim, dar algumas outras imagens da situação que vai cavando entre nós a crise teatral, não bastaria lembrar que o Secretariado há 8 anos que não atribui o prémio «Gil Vicente», para o melhor autor, certamente, porque os tempos não vão propicios ao fabrico de peças... Poderiamos, ainda, recordar o divórcio da gente moça e do teatro, não revelado, apenas, nas plateias, mas, também no desinteresse pela profissão: no ano que finda, só duas raparigas concluiram, no Conservatório, o curso da arte de representar. Maria Wanda e Maria Octávia Mourão irão, quem sabe, enfileirar na lista enorme dos que sairam do Conservatório e ainda aguardam a sua hora de revelação. Depois, não é verdade que o Ginásio já não existe como teatro e que sobre o Trindade pairam negras nuvens?

O «Diário de Lisboa», num permanente e apaixonado interesse pela arte de representar, não deixou nunca neste ano que finda, de estigmatizar as causas da desolada situação a que chegou o Teatro. Através das suas criticas, das suas nótulas, de artigos anónimos ou assinados, sempre aqui se pugnou pela revisão das velhas ou novas leis e regulamentos de outras. O funcionamento do Fundo do Teatro, já tão bem nutrido de capitais, está na base das observações gerais. E mais do que uma vez se pediu que se nomeasse nova comissão de redacção do regulamento, se é certo que, há três anos, dorme, numa gaveta ministerial, o trabalho apresentado pela comissão actual, feito em termos de não agradar superiormente.

Vejamos, entretanto, o que foram as actividades teatrais, neste ano que finda, pelo simples enunciado de nomes e lugares onde ocorreram.

Muito teatro e pouco publico

Quando rompeu o dia 1.º de Janeiro de 1953, Lisboa tinha em cena «Sonho de uma noite de Verão», no Nacional, «A maluquinha de Arroios», no Apolo, «Cânta Brasil», no Variedades, «Esta noite em Samarcande», no Monumental, «Dias felizes», no Avenida, «Já daqui não saio», no Maria Vitória, circo no Coliseu e, á tarde, duas pecinhas infantis de Simões Müller, no Monumental. Depois, «Meia noite» e «Casamento e mortalha» assinalam, no Nacional, o centenário do nascimento de D. João da Camara; «Sete gritos no mar», de Casona, marca uma das maiores presenças no cartaz do mesmo teatro, aqui readquirindo a representação um nível de equilibrio que não lograra alcançar com Shakespeare. Ainda no mesmo palco: uma curta reaparição de Palmira Bastos, na reposição de «As árvores morrem de pé»; «O senhor roubado», de Chagas Roquette, para assinalar a chegada do Carnaval; «A menina tonta», de Lope de Vega, com duas felizes interpretações de Gina Santos e Helena Felix; «O entremês da muda casada», em «matinées» clássicas, onde Gina reedita o seu estilo anterior; uma curta reposição de «A voz da cidade», de Ramada, e, por fim, «O regente», de Marcelino Mesquita, com uma grande montagem e encenação de Pedro Lemos e Donnat que voltam a dar-se o braço em «Castelos no ar», a primeira peça de Jean Anouilh representada em Portugal... O publico, o grande e o pequeno publico das torrinhas, «descobre» o verdadeiro significado de «O regente» e as interpretações de Erico Braga, Raul de Carvalho e Luís Filipe. Mas não sabe ou não pode compreender a graça e o pitoresco da francesissima peça de Anouilh, representada com tão fina intuição por Amélia Rey Colaço, Aura Abranches, Marianinha, Carmen Dolores, Helena Felix, Alvaro Benamor, Raul de Carvalho e, verdadeiramente, por toda a companhia.

No Maria Vitória, entretanto, representa-se «A carta anónima», uma tradução de João Bastos, Felix Bermudes e Ernesto Rodrigues que o talento de Maria Lalande num esforço incompreensível para o publico do Parque Mayer, ia buscar á poeira dos velhos tempos. Depois, só mais uma tentativa, a estreia de «Um drama em casa do diabo», comédia de moldes originais, vinda de Espanha com as assinaturas de Lara e Manzanares, que não chega, afinal, para fazer justiça á arte e á boa-vontade de Lalande, Assis, Rogério Paulo, Susana Prado, Constança Navarro e Armando Cortês.

Aliás, não se pode dizer que o seu caso fosse unico: no Trindade, Alma Flora, com Bramão, Beatriz de Almeida, Sacramento, José Amaro e outros, reedita os sacrificios gerais: não concitam o publico ao aplauso geral «Um beijo na face», de Tristan Bernard; «Feitiço», de Oduwaldo Viana; «Chuva de Somerset Maugham que constitui uma honrosa palma de ouro para a titular da companhia, em confronto com Dulcina de Morais; e «Encruzilhada», de Joracy Camargo, que fecha a temporada da companhia, em festa dedicada a Alma Flora, agora com a esperança de refazer em África o sonho que perdera na Metrópole. Para lá parte, de facto, com os seus camaradas, sob os auspícios do Ministério das Colónias.

«As mulheres de quem se fala», de Iriarte, que Irene e Laura representam no Monumental ao lado de Tomás Alcaide e Barroso Lopes não chega, por sua vez, a obter a maioridade dos aplausos. Depois, vem a deliciosa comédia cinematográfica de Giannimi, «Ela não gostava do patrão», um dos poucos verdadeiros êxitos de bilheteira da temporada. E vem Agosto e é Verão. Vasco Santana que nos dera «O Costa do Castelo», no Variedades lá anda pelas ilhas; a companhia de revistas e operetas com Irene e António Silva segue para África, onde algumas vezes há-de ter-se esbarrado com o teatro de declamação de Alma Flora; e Alves da Cunha anda numa das suas peregrinações pela Província, representando as «Duas Causas»...

Não há lugar para o mestre nos palcos de Lisboa: representara, em «fim de festa», «Ceia dos Cardeais», no Monumental e chegaram a anunciá-lo para a «Maria da Fonte»...

Vale a pena voltar atrás e lembrar com mágua, como se perdeu, no começo do ano, a iniciativa do «Grupo de jóvens com talento», tendo á frente Madalena, Maria José e Sara Vale? A falta de orientação artistica aconselhou a apresentação de «Um anjo entrou pela janela». Mas em condições de tal natureza, que o anjo logo fugiu com armas e bagagens.

De facto, o Avenida só em Setembro voltaria a dar-nos teatro declamado. Alda Garrido, grande figura da cena brasileira, chegara a Lisboa em fins de Setembro, com o intuito de se demorar o tempo que o publico lhe pedisse. Mas «Dona Xepa», de Pedro Bloch, a peça de estreia, logo satisfazia algumas curiosidades e, daí em diante, era dificil chamá-lo de novo. «Se Guilherme fosse vivo», de Carlos Llonis, «A tia Faustina», de Paulo Orlando e Américo Garrido, «Toma que o filho é teu», de Bisson e Vas Ricinard, sucedem-se vertiginosamente no cartaz. De modo que, quando «Madame Sans Gêne», coroa de glória da artista, apareceu para sua despedida — já

(Continua na página seguinte)

-0-0-0-

Breve resenha

do teatro ligeiro

Laura Alves

No ano que finda, o teatro ligeiro acentuou a sua propensão para o luxo das grandes montagens. E o publico insistiu na sua preferência pelo teatro de aguarela portuguesa e de «piada» á antiga. Daí o êxito da «Lisboa antiga» e a queda da maravilhosa «feérie» de «Eva no Paraíso»—ambas no Apolo e esta a assinalar o regresso de Eva Stachino que, durante 15 anos, trabalhara e enriquecera no Brasil. Essa falência do espírito e da bilheteira levá-la-ia a regressar definitivamente á sua pátria—o México—depois de algumas tentativas inuteis para formar um «ballet» que mostrasse á Espanha as danças portuguesas.

«Acho-te uma graça» e «Balança mas não cai», as revistas apresentadas este ano no Variedades pela companhia de Salomé, Jane Gray, Juju e Almeidinha que por cá ficaram, depois, de, em Fevereiro, a companhia regressar ao Brasil, mostram, efectivamente, que o publico quer novidades e diversões alegres... Mas isto, evidentemente, na medida que lhe parece sê-lo. O exotismo nem sempre lhe interessa. E, daí, o relativo êxito que alcançaram Sarita Antuñez, o «anjo do Paraguay», no Apolo («Lisboa antiga») e Canelina, «a mulata de fogo», no Maria Vitória («Cantigas, oh! Rosa!»). Esta revista que marca o grande êxito de Salvador como director de companhia e primeiro intérprete, registou larga presença no cartaz, com Helga Liné como «estrela».

Seguiu-se-lhe «Saias curtas», ainda em cena, com um elenco já bastante renovado: a atraente Helga foi substituida pela atracção Salomé. E esta—onde irá já?

«Viva o luxo!» estreada a 12 de Abril no Monumental, com Irene, Laura, Assis, António Silva, não fez mais do que confirmar a experiência: o publico prefere uma revista modesta de bom sabor português. E' mesmo a conclusão a que chegou quem assistiu ao êxito clamoroso de «Agora é que são elas», representada apenas com elementos femininos e apresentada em Junho no Avenida. Os grandes triunfadores não foram os plasticidadores do espectáculo mas os autores da musica e do texto: Carlos Dias, Anibal Nazaré e Carlos Lopes. E' claro que Milu, Gina Esteves, Juanita Cuenca, Clarisse Belo e, sobretudo, Elvira Velez, não foram estranhas ao grande êxito da temporada...

Ainda assim, outras tentativas se figuram todas de êxito relativo—pelo menos do ponto de vista material. Recordemos, por exemplo, a chegada ao Coliseu, da companhia de Joaquin Gaza, que se estreou em fins de Maio, com «Chegó el ciclon», seguindo-se-lhe «De Cuba a Espanha», com certa indiferença do publico. Não obstante estarem lá Maruja Tamayo, Carmen Segarra, Carlito Pons e Mary Santpere. E' certo que a transferência de «Eva no Paraiso» para a mesma casa de espectáculos, não teve melhor destino. E nem o prestigio de Herminia nem a presença de Maria Domingas e Max, salvaram a «feérie» da derrocada... Aliás, não foi apenas isso—derrocada—toda a temporada de 1953?

O publico teatreiro há-de recordar-se que, no Avenida, a companhia de Artur Kaps, com o «Carrossel Vienense»—por sinal que trazia muitos espanhois á mistura—teve um destino tão triste, como o «ballet» americano Alária. E por sinal, que este tenha também bastante cor e novidade!

Elvira Velez e Maria Domingas, dois nomes que o publico distinguiu entre os melhores intérpretes do teatro ligeiro

40 peças de teatro declamado
foram representadas durante o ano
em seis teatros de Lisboa

(Continuação da página anterior)

não havia publico de estreias que chegasse para encher o Avenida.

A nova época 53-54

O Nacional marca sempre, evidentemente, os pontos cardiais de cada temporada. Depois das férias, voltam a abrir-se as portas do nosso primeiro teatro com a partida das andorinhas dos seus beirais. E Amélia Rey Colaço revelou, com a sua voz autorizada, a linha geral desta nova temporada, em que avultavam os originais de Olavo de Eça Leal, Romeu Correia, Isabel da Nóbrega, Costa Ferreira, Francisco Mata e Manuel Fragoso—sem contar com uma dezena de bons autores europeus e americanos.

«A taça de oiro», de Olavo, abriu a temporada, como pretexto de reaparição de Palmira Bastos e algumas ironias de café; «O casaco de fogo», de Romeu Correia, eleva á nossa primeira cena o moderno teatro experimental português e um novo autor; e «Rapaziadas», de Iriarte, que possibilitou as magníficas criações de Amélia Rey Colaço e Erico Braga, merecem as três notas altas da temporada, em que deve assinalar-se o ingresso de Rogério Paulo no nosso primeiro agrupamento teatral.

O Monumental, num parentesis do teatro ligeiro, deu-nos, no mês passado, o caso mais amargo da grave crise que vai minando o pobre teatro—as dissenções publicas entre um empresário e um actor que não quis ou não pôde representar «...E o patrão enloqueceu», peça de Jacques Deval que não merecia tantas teimas. O Variedades reabriu, em Outubro, com Vasco Santana, repondo «Andam maridos no ar», de Armont e Nancey, seguindo-se-lhe «O pato», de Feydeau, também em reposição. Agora, lá está com o «Conde Barão», servido por um naipe de primeiros artistas—Ribeirinho, Costinha, Maria Helena e Hortense Luz.

No Avenida, mestre Alves da Cunha conseguiu, finalmente, um lugar ao Sol. Lá o vimos, a partir de Novembro findo, com Berta de Bivar e Maria Paula, desbaratando ingloriamente o seu enorme talento—primeiro com a peça «No nosso tempo», de Laura Chaves; depois, celebrando as 25 mil representações de «Duas causas»; e, agora, representando «O Principe», do dr. Alfredo Ary dos Santos, enquanto se prepara para repor «O preço da verdade», de Pirandello.

Entretanto, o Sá da Bandeira, no Porto, reabria pela mão de Vasco Morgado, com a peça de Casona «E' proibido suicidar-se na Primavera». Lalande, a grande pequena Lalande, reaparece; Samwell e Adelina Campos também. E, para breve, na reposição de «Está lá fora um inspector», veremos também de novo o tantas vezes ausente Villaret, recem-chegado do Brasil, á espera, com toda a companhia, da sua vez de aparecer em Lisboa.

Alguns factos ligados
á vida teatral do ano findo

Vamos fechar esta resenha que, apesar de breve, vai já bastante longa, assinalando alguns factos que ficaram ligados ao teatro ou á sua gente, começando por lembrar a viagem de António Lopes Ribeiro a Bruxelas, em Maio findo. Foi representar o S. N. I. no I Congresso de Directores de Teatros Populares, anunciando, á partida, que, talvez em 1954, se efectuasse um festival internacional com a possivel participação do Teatro do Povo.

O Centro da História do Teatro Português, com sede no Instituto Francês, promoveu mais uma série de conferências em que participaram Luis de Oliveira Guimarães, Eurico Lisboa, Gino Saviotti, Claude Henri Fréches e Andrée Cabré Rocha.

Em Março, o Instituto de Cultura Italiana traz a Lisboa o «regista» Giulio Bragaglia, cujo nome anda ligado ao movimento pro-futurista em Itália. Faz no Conservatório e no Teatro Nacional uma série de notáveis conferências sobre a arte de encenação e outros problemas de teatro, sendo as suas opiniões muito discutidas. Em Julho, este pequeno movimento de divulgação pode dizer-se que fecha com a série de artigos notáveis, publicados no «Diario de Lisboa» pelo dr. Vasco de Mendonça Alves, sob o titulo genérico de «Quem acode?».

Mas, para que nem tudo seja negativo, o teatro português faz a sua apresentação em Paris e Espanha, onde se representam «Jacob e o anjo», de José Régio (Theatre Studio dos Champs Elysées) chegando a ser um acontecimento nos meios literários e artisticos parisienses; e «O dia seguinte», de Luis Francisco Rebelo (Theatre de La Huchette) que faz depois a sua aparição no Teatro Serrano, de Valência.

Sem nos podermos referir a todos os artistas que passaram por Lisboa—lembraremos os nomes de Marie Dubas, que anda pelo Mundo a celebrar os seus vinte e cinco anos de «music-hall» (passou desapercebida do grande publico, ela que ainda há 13 anos triunfara clamorosa e justamente no Tivoli...); o de Olga Preguer Coelho, que Lisboa conheceu igualmente, ha 13 anos, no Politeama, interpretando com a sua garganta e o seu violão as modinhas populares brasileiras; a decamadora Margarida Lopes de Ameida, que nos deixa, depois de uma larga estadia em Portugal; Berta Singerman, que recdita os seus êxitos anteriores no São Luiz; Maurice Chevalier, que quer, ainda, uma vez mais, dizer adeus ao publico fiel.

Maria Dulce e Rogério Paulo, no Avenida, fazem uma tentativa de teatro para dois, representando, a favor de obras de beneficência, a peça espanhola «Não!», original de Juan Fernandez Martinez; o Teatro do Povo vai a Guimarães dar um espectáculo comemorativo do centenário da bela cidade minhota, representando «Arremedilho de Guimarães», segundo os cancioneiros galaico-lusitanos, actualizados por Francisco Laje, António e Francisco Lopes Ribeiro.

Da saudade e da admiração pela memória de Maria Matos nasce o propósito de o Sindicato dos Artistas Teatrais descerrar, na casa onde nasceu a grande actriz, á Calçado do Eng.º Miguel Pais, uma lápida que perpetue o facto feliz para o teatro português. Em Maio seguinte, no Teatro Aveirense, era descerrada uma outra lapida votada á intérprete de «Maria Cachucha» e, em Novembro ultimo, com a presença do embaixador do Brasil, descerrava-se, no jazigo da artista, uma lápida de bronze, oferta de Brasileiros e Portugueses do Brasil.

E já que se fala no culto dêsses que partiram para a sua ultima viagem- evoquemos os dois viajantes desta grande jornada: Alberto dos Reis e Mendonça de Carvalho que foi, como o primeiro um actor de merecimento e um empresario que ajudou a forjar muitos dos êxitos de sua mulher, Maria Matos, e de sua filha, a actriz Maria Helena.

Há outras perdas, porém, que para o Teatro representaram neste ano a própria morte—a despedida de dos artistas queridos. Foi assim, em Abril, com Cremilda de Oiveira, que se despediu do seu publico já esquecido de si própria, no Teatro Variedades. Foi assim, um mês depois, com Lucilia Simões, ao despedir-se do teatro, no São Luiz. O seu publico mais fiel onde ficou que não foi em peso levar flores áquela que tantas horas de emotiva beleza lhe cedera?

Ah! como é versatil a «aura popularis...».

-o-o-o-

Os espectáculos de «ballet»
triunfaram na última temporada

«Petrouchka», um dos mais belos bailados que o «Ballet» do Marquês de Cuevas revelou ao publico de Lisboa

A temporada do «ballet» em Lisboa pode dizer-se que, no ano que finda, não desmereceu nada do valor de outras anteriormente cumpridas dentro e fora de S. Carlos. Mas é preciso colocar num alto plano a apresentação do grande «Ballet» do Marquês de Cuevas, que nos trouxe alguns dos mais notáveis bailarinos do mundo ocidental. Serge Golovine, George Skibini, George Zoritch e Skouratoff, ao lado de Rosela Eightower, Marjorie Tallchieff, Ana Ricarda Jacqueline Moreau, Denise Bourgeoise e Joceline Volmar, foram os primeiros intérpretes das grandes peças clássicas e modernas apresentadas. Enunciemo-las, nesta ligeira recapitulação: «O cisne negro», «O moinho encantado», «Sonambula», «Dessins pour les six», «Rondó Capriccioso», «Le beau Danube», «Inês de Castro», «Ballet Imperial», «Silfides», «Scaramouche», «Annabel Lee», «Piège de Lumière», «Petruchka», «Giselle», «Les trois Soeurs», «Dom Quijote», «L'Aigrette», «Le spectre de la rose», «O prisioneiro de Caucaso», «La femme muette» e «La tertulia». Foram, ao todo, 43 figuras que, durante cerca de 15 dias chamaram multidões a S. Carlos, onde se insistiu pela apresentação de espectáculos á tarde, para evitar os grandes cerimoniais das «toilettes».

Esse mesmo publico acorrera, na época transacta, com grande furia, aos espectáculos da Chauviré, no Monumental. Mas esqueceu-se de ir ao mesmo teatro aplaudir uma companhia de grande categoria, encabeçada por Janine Charrat que se estreou em meados de Janeiro, depois de uma serie de adiamentos e percalços que a inexperiência da empresa fomentou. Talvez por isso, o publico amuou e não foi, como devia, aplaudir «Jeux d'eau»; Simphonie clasic», «Massacre des amazones», «Le rêve», «Concert», de Grieg; «Le cygne noir», «Gestes pour un génie», «Danseuses d'autrefois», «Pas de quatre», e «Une etrangère á Paris». Charrat, uma verdadeira intelectual do «ballet» excelente intérprete—é sobretudo uma corégrafa e uma orientadora de novas formas de alta distinção. A seu lado, dançaram grandes nomes do «ballet», como Hélène Trailine, René Bon, Wladimir Oukchtomsky, Maria Fris, Peter Van Dijk e um valioso corpo de baile.

Finalmente, a encerrar o ano e a abrir a temporada de 53—54, Margarida de Abreu sem Anna Maria, que partira integrada no corpo de baile do marquês de Cuevas, apresentou em S. Carlos uma nova série de bailados magnificos, tendo á frente Sabine Leblanc, Fernando Lima, Lunna Andermatt e Bento José da Camara. Além dos «ballets» já apresentados pelo corpo de baile do S. I. C., Margarida de Abreu deu-nos, agora, «Piquenique», «Miragem», dois «Pas de deux» e, sobretudo, nas reposições, uma ideia mais nitida do seu progresso como corégrafo e do progresso das suas alunas, como intérpretes.

Pedro Lemos e Lucien Donnat foram com Pinto de Campos os cenotécnicos mais em evidência durante o ano de 1953

Três temporadas de ópera
em S. Carlos e no Coliseu

O dr. José de Figueiredo, fiel aos seus propósitos de administrador do Teatro de S. Carlos, inaugurou a temporada de 1953, com a companhia de ópera alemã e austríaca. Cantou-se «Freischütz», de Weber; «A flauta mágica» e «Rapto no serralho», de Mozart; «Salomé», de Strauss; «O navio fantasma», de Wagner; «Fidélio», de Beethoven, e, ainda — a abrir a temporada — «Parsifal», de Wagner. Foi uma temporada brilhantíssima, a que ficaram ligados os nomes dos maestros Fritz Rieger, Hugo Balzer, Freitas Branco e Pellegrini, e o dos intérpretes Vilna Lipp, Anton Dermota, Peter Klein, Jorge Dorkh, Franz, Klarwein e Margarita Kanney.

A temporada de ópera italiana seguiu, evidentemente, na esteira dos êxitos da companhia austro-alemã. Assim, com grande brilho, se ouviu cantar «Nabucodonosor», «Aida» e «Othelo», de Verdi; «Manon», e «Dom Quixote», de Massenet; «Boémia» e «Sansão e Dalila», grandes peças musicais interpretadas por Tito Gobbi, Fiorella Carmen Forti, Tajo, Ramon Vinay, Constantina Araujo, Lucia Kelston e Giacinto Prandelli, sob a direcção dos maestros Oliviero Fabritiis e Freitas Branco.

A companhia de ópera italiana, que no Coliseu do Porto não conseguiu interessar o publico portuense, apresentava-se em Lisboa, a 2 de Maio, no Coliseu das Portas de Santo Antão com um êxito que ficou memorável. Cantou «Cavalleria rusticana» e «Palhaços», «Butterfly», «Barbeiro de Sevilha», «Tosca», «Carmen», «Rigoletto», «Werther», «Lucia de Lammermoor» e «Traviata», sob direcção de Ino Savini e Rino Castagnino. Acima de todos os intérpretes, de alto merecimento, o publico de Lisboa conheceu e apreciou a jovem Franca Ottaviani. E, tal como o Verde Gaio interviera na temporada de S. Carlos, o «ballet» de Margarida de Abreu teve também apreciável actuação na temporada de ópera do Coliseu, a que a Orquestra Sinfónica Nacional deu igualmente, nas três temporadas, uma valiosa cooperação. Só foi pena que, uma vez mais, as montagens, nas duas casas de espectáculos, ficassem tão aquem da evolução que vão acusando os processos de interpretação dos textos musicais.

Fecharemos porém, esta rápida evocação lírica, com uma referência para a reposição de «Ta mar», de Rui Coelho, interpretada em São Carlos por Maria Teresa de Almeida e Carlos Jorge e, no mesmo teatro, «Ouro não compra amor», de Marcos Portugal, e outro de bailado, musica e canto, a fechar a temporada lírica nacional, com a Orquestra Sinfónica e o Verde Gaio.

Teatro de amadores

O teatro de amadores—referimo-nos, evidentemente, ao que tem verdadeiros intuitos artisticos e não ao que, dentro dos grupos recreativos, não reflectem qualquer tendência de arte—que chegara a criar tão promissoras raizes entre nós, não teve no ano findo um verdadeiro significado plástico e literário. Pode dizer-se que as suas actividades se resumiram á reposição—numa nova visão plástica de Julio de Sousa e Oswaldo Medeiros—da peça de Alfieri, o «Filipe II», e ás duas ou três surtidas académicas. Efectivamente, o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra trouxe á Tapada da Ajuda o «Grande teatro do Mundo», de Calderon de la Barca; e o Teatro dos Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa apresentou, no Avenida, «A razão dos outros», de Pirandello, ara além deste pouco, há que citar «L'Aiglon», de Rostand, apresentado, no Nacional, por Claude-Henri Frèches, e a intenção desfeita de representar «A ilha perdida», de Tomás Ribas. O grupo de Oswaldo Medeiros, que devia representar a peça, entrou em discordancia com o autor. Para breve, anuncia a apresentação de «O avarento», de Molière.

Lâmpadas PHILIPS
Incandescentes e Fluorescentes
RÁDIO LISBOA, L.DA
Rua Serpa Pinto, 13-A — Telef. 23811

A morte de Estaline

que ocorreu em Março deste ano

teve uma influência decisiva

na política interna e externa dos sovietes

A morte, em 5 de Março, de Estaline pode considerar-se como um dos acontecimentos de maior relevo do ano que finda agora. Com o desaparecimento do ditador soviético terminou um período, de importancia decisiva, na história do seu país e da Europa! Tendo assumido funções de responsabilidade em seguida á morte de Lenine, no começo de 1925, desempenhou durante cerca de três décadas uma acção incessante na política da U. R. S. S. e na sua evolução. A carreira de Estaline e a vida da Russia foram, nesse período prolongado, condicionadas por dois episódios capitais: a revolução industrial e a segunda conflagração mundial, em que o Exército soviético teve uma influência preponderante e sob certos aspectos determinante.

Lenine fez a revolução ideológica, mas esta ficaria, certamente, sem consequências duradouras—basta considerar o que se passou nos outros países entre as duas guerras—sem a realização dos planos quinquenais que a consolidaram. A industrialização, em larga escala, e o mecanismo eficiente de uma gigantesca máquina de repressão explicam a vitória e a consolidação do comunismo na Russia, e justificam o prestígio e a influência de que desfrutava o seu intérprete mais representativo.

Como secretário-geral do partido, Estaline agiu, entre 1925 e 1935, entre a data da morte de Lenine e a inauguração das grandes depurações que se prolongaram ao longo de três anos, no sentido de consolidar a sua posição pessoal e de instaurar a sua ditadura discricionária. Não deixa de ser curioso notar que o ano em que conseguiu libertar-se dos seus mais directos e perigosos adversários ou competidores foi precisamente aquele em que Estaline iniciou a realização do primeiro plano quinquenal. Até então, a industria e a técnica na U. R. S. S. não haviam ultrapassado a fase das tentativas e das experiências, embora realizadas em grande escala.

Influência crescente do Exército na evolução do regime russo

Com a morte de Estaline, o Poder apareceu confiado a uma equipa que, se não era nova, tendo em conta os elementos que a constituiam, representava uma nova modalidade na marcha dos Sovietes. A ditadura pessoal e discricionária do chefe falecido foi subsituida por uma ditadura de grupo em que as funções dos elementos que o constituiam apareciam nitidamente demarcadas. Malenkov, para a administração; Krutchev, para o partido; Beria, para a Policia; Molotov, para a politica externa; e Bulganin, para as forças armadas. Os elementos de informação que chegaram ao Ocidente, depois dessa transformação, permitiram afirmar que a ordem de precedência nessas funções se considerava assim organizada: Malenkov, Beria, Molotov, Krutchev e Bulganin. O velho marechal Vorochilov, reliquia do partido e do Exército a quem foram atribuidas as funções honorificas de presidente da U.R.S.S., servia como elo de ligação entre o passado estaliniano e o presente mal definido.

A fase das depurações, que é por

(Continua na página seguinte)

O chanceler Adenauer votando no acto eleitoral que o reconduziu na chancelaria federal e fez dele, para os Estados Unidos, um dos mais escutados políticos europeus

O presidente Eisenhower

encontrou dificuldades para a sua acção

criada mais pelo Partido Republicano

do que pelos seus adversários políticos

No dia 8 de Agosto de 1953 o chefe do Governo da U. R. S. S., Malenkov, proferiu um importante discurso político no qual, incidentalmente, apareceu a afirmação de que o monopólio americano da bomba de hidrogénio deixara de existir. A história repetia uma declaração idêntica, feita oito anos antes em fins de 1945, por Molotov, anunciando que o seu país teria oportunamente bombas atómicas e outras coisas mais. A afirmação do chefe do novo Governo soviético foi, de começo, posta em duvida no Ocidente.

Mas, quatro dias depois, os peritos americanos constataram que se tratava de uma realidade ao tomarem conhecimento de que deflagrara no território soviético uma arma termo-nuclear ou coisa equivalente. A confirmação veio no dia 20 daquele mês, por intermédio da Comissão de Energia Atómica dos Estados Unidos, e sob a forma de um comunicado que reforçou a noticia publicada na véspera pela Imprensa soviética sobre o assunto, cuja importancia foi universalmente reconhecida.

A competição atómica, designação que engloba as armas termo-nucleares, travada entre os dois grandes impérios extra-europeus que emergiram do ultimo conflito, entrou, assim, numa fase critica a qual modificara, radicalmente os dados em que estavam postos os problemas da segurança dos blocos de Leste e do Ocidente em que o Mundo se dividiu. Tratava-se de um acontecimento revolucionário o qual impunha a rápida aplicação de métodos revolucionários para ser encaminhado no sentido de uma solução satisfatória e eficaz.

Foi a essa tarefa que se dedicaram os dirigentes responsáveis, especialmente nos países do Ocidente. Das suas decisões resultou o discurso histórico que o presidente dos Estados Unidos proferiu no regresso da Conferência das Bermudas, perante a Assembleia da O. N. U. quatro meses depois daquele que Malenkov proferira para anunciar o fim do monopólio americano da bomba de hidrogénio.

As conversações previstas sobre matéria atómica entre os Estados Unidos e a União Soviética

O discurso que proferiu o presidente dos Estados Unidos vale mais pela constatação oficial de factos e perigos que andavam dissimulados ou mal interpretados do que pela natureza concreta das sugestões que encerrava, apesar do seu carácter aliciante e próprio a impressionar a imaginação dos povos ansiosos pelo restabelecimento de uma paz definitiva que o Mundo não conhece há quatro décadas, desde o início da primeira guerra mundial.

O dilema, posto com uma solenidade e uma sinceridade impressionantes, resume-se na opção entre a destruição irremediável da vida e da civilização que conhecemos, e a utilização, em larga escala, das novas fontes de energia descobertas pelo homem, para fins pacíficos. O segundo termo do dilema permitiria, sem recorrer a fantasias ou excessos verbais, resolver satisfatóriamente os motivos de dissidio e as razões de divergência que têm estado na origem dos conflitos travados no ultimo meio século.

No seu discurso o presidente dos Estados Unidos tomou a iniciativa de negociações secretas com a União Soviética para a realização dos objectivos fundamentais que os dirigentes americanos encaram: a criação de um «pool» atómico que teria por missão fundamental aplicar, em comum, os recursos disponiveis para melhorar as condições de vida da espécie humana, e a limitação, até á extinção, dos armamentos de destruição em massa ba-

(Continua na página seguinte)

O começo do ano de 1953 foi assinalado pela entrada em funções da nova administração republicana. Eis o presidente Eisenhower reunido com alguns dos principais dirigentes do partido, entre eles Robert Taft, que foi um dos seus mais «difíceis» correligionários. A morte fê-lo desaparecer da cena política, onde, durante alguns anos, foi figura de grande relevo

A Comunidad

apesar da vitória elei

Em que medida é que, no ano de 1953, a defesa militar do Ocidente melhorou de forma a diminuir o risco de um conflito armado com os países do bloco comunista e de restabelecer uma balança de forças desequilibradas desde o fim da ultima guerra pela desmobilização prematura das potências ocidentais, especialmente da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos? Foi este o problema crucial para o qual os dirigentes destas potências procuraram, justificadamente, soluções adequadas, nos ultimos doze meses.

Quaisquer que sejam as afirmações animadoras que procuram traduzir, com o auxilio de numeros e factos, a evolução dessa tarefa de cujo êxito dependem a sobrevivência e a segurança de uma parte do Mundo, os resultados conseguidos não correspondem nem as esperanças, que era legitimo acalentar no começo do ano nem as exigências imperativas da defesa do Ocidente foram satisfeitas.

Dois grupos de iniciais, a N. A. T. O. e a C. E. D., resumem os nucleos principais de forças que estão organizadas ou em via de organização para se desempenharem daquela missão especifica. Os progressos da primeira, postos em relevo na ultima reunião do Conselho do Atlantico, que se realizou em Paris, não bastaram para com-

A assinatura do Tratado de Paris, que c marca o ponto importante na evolução cionado em grande parte as directrizes tinentes, enquanto se aguarda que os p vem a respecti

pensar, vantajosamente, aqueles que realizou o adversário no mesmo periodo. Mais grave foi a verificação feita publicamente de que será necessário entrar num periodo de estagnação ou pausa, tendo em conta as exigências imperativas das economias nacionais dos paises da aliança atlantica duramente experimentadas pelo esforço comum de rearmamento.

Tais são as perspectivas com que se inicia o Novo Ano, num dominio essencial para o presente e para o futuro das relações internacionais e, de maneira especial, para a evolução da guerra fria e do restabelecimento de um equilibrio perdido e que se torna indispensável restabelecer como condição prévia de qualquer negociação eficaz com os sovietes, a qual se anuncia árdua e demorada.

A preparação psicológica da C. E. D. foi criada e lenta a sua preparação diplomática

Nestes ultimos doze meses, a Comunidade Europeia de Defesa não deu, práticamente, um passo, no sentido da solução desejada pelos que promoveram a sua criação. A unica vantagem que se conseguiu foi a da verificação unanime de que a questão foi mal posta, devendo encarar-se, desde já, a necessidade de a pôr em termos diferentes. A esse respeito a declaração recente do sr. Foster Dulles, afirmando que não são as doze divisões alemãs que in-

e Europeia de Defesa

stá longe de ser uma realidade

oral do chanceler Adenauer

eressam ao Ocidente, mas sim a reonciliação da França com a Alemaha, oferece um interesse capital e ode trazer consequências salutares.

Quando, em Setembro de 1950, o anecessor do sr. Dulles, Dean Acheson, ançou inesperadamente no ambiente erturbado de uma reunião do Conseho do Atlantico, a sugestão para rearnar a Alemanhai, tornou-se logo evilente que se tratava de uma iniciatia ousada mas que não deixaria de espertar enérgicas reacções nos paies da Europa Ocidental e Oriental ue sofreram, pouco tempo antes, a nvasão e a ocupação dos nazis.

Os rápidos progressos feitos pelos écnicos os quais conduziram á elaboação dos planos para o Exército Euopeu, revelaram a rapidez com que mericanos e alemães desejavam ver hegar a resultados concretos as diliências diplomáticas que entretanto aziam lentamente o seu caminho, em ontraste com a celeridade das conlusões a que os militares chegaram. las se a preparaço diplomática da omunidade Europeia de Defesa era enta, a preparação psicológica da sua aelização estava a ser erradamente rientada e esse erro podia comproeter todas as vantagens conseguidas outros dominios.

Foi isso que, finalmente acabou por e verificar, quando foi necessário

u a Comunidade Europeia de Defesa, política internacional e tem condiumidas pelos Governos dos dois conamentos dos países signatários efecti- ratificação

onseguir a ratificação do Parlamenlo francês para o tratado de Paris.

política definida pelo chanceler Adenauer e a sua consagração eleitoral

Estreitamente relacionado com a riação da C. E. D. o resultado das leições alemãs, realizadas no ano que ai agora findar, oferece um interesse ncontestável para a apreciação exaca das realidades que, no continente uropeu, condicionam a evolução dos acontecimentos. Esse resultado não constituiu própriamente uma surpresa, embora a vitória alcançada pelo chanceler Adenauer, a qual correspondeu á consagração da sua politica, excedesse os cálculos mais optimistas.

Como vai traduzir-se na prática o mandato que a população da Republica Federal de Bonn outorgou ao chanceler, que, antes dessa vitória, fora obrigado a fazer penosamente o seu caminho? A orientação que ele prourou imprimir á politica interna e externa do seu país é clara. Internamente, Adenauer deseja estabelecer um regime ordeiro e estável que sirva de exemplo e constitua uma lição para os seus vizinhos, e que ao mesmo tempo se torne uma garantia a dar á América. Externamente anima-o o desejo de propiciar a criação de uma federação europeia na qual a Alemanha, mais cedo ou mais tarde, acabaria por desempenhar o papel predominante.

Ordem e estabilidade, no interior, restabelecimento das feridas abertas pela guerra e pela derrota, no exterior, tais são os postulados da politica do chanceler alemão que reuniram á volta do seu nome a maioria dos sufrágios dos seus concidadãos. Estes compreenderam que a Alemanha precisa de se refazer e de dar garantias para poder realizar os objectivos nacionais que correspondem á sua condição de grande potência europeia.

As duvidas e as dificuldades que a sua rápida recuperação suscitou, especialmente em França e nos países satélites da U. R. S. S., constituem o principal obstáculo no caminho do chanceler.

A conferência dos «Três Grandes» ocidentais nas Bermudas está na base das negociações actualmente em perspectiva para um entendimento entre os dois blocos

O discurso histórico do presidente Eisenhower

propondo a criação em comum de uma agência atómica

Com o fim da era estalineana na União Soviética o acontecimento de maior relevo que se registou em 1953 na vida internacional foi o fim do predominio do partido democrático nos Estados Unidos. Durante vinte anos, entre 1932 e 1952, facto extraordinário e sem paralelo na história daquele pais, o partido democrático conservou-se no poder com os presidentes Roosevelt e Truman. O primeiro, falecido em Abril de 1945, quando a guerra estava prestes a terminar na Europa, deixou vago o lugar que o segundo ocupou entre aquele ano e 1953, sendo reeleito para a função presidencial em 1948.

A eleição presidencial de 1952 deu a vitória ao candidato republicano general Eisenhower, fazendo regressar o seu partido á Casa Branca e ao Capitólio, onde alcançou uma escassa maioria na Camara dos Representantes e ficou, praticamente, em igualdade com o seu antagonista no Senado. A missão do novo presidente apareceu, por esse facto, fortemente dificultada, apesar da manifestação inequivoca de apoio popular que a sua vitória representou.

De facto, a eleição triunfal do presidente teve correspondência adequada na vitória eleitoral do partido de que passou a ser chefe e intérprete. Situação delicada sobretudo numa época da vida dos Estados Unidos em que as suas responsabilidades internacionais aumentaram, tornando impossivel o regresso ao isolacionismo de velho estilo e criando para os seus dirigentes a necessidade impreterivel de apresentarem, aos olhos do Mundo, a fisionomia de uma nação unida e consciente da sua nova missão.

O apoio parlamentar do partido democrático tornou-se necessário á nova Administração republicana, que foi obrigada para o conseguir, a fazer concessões por vezes valiosas, tanto em matéria de politica interna como externa. Esta dualidade implicou para o novo presidente uma tarefa de adaptação rápida, a qual se tornou mais exigente com o desaparecimento inesperado do senador Robert Taft.

As dificuldades que o novo presidente teve de enfrentar começaram a tornar-se evidentes pouco tempo depois da sua subida ao Poder. A popularidade de que gozava não diminuiu. Dentro e fora dos Estados Unidos revelou-se uma tendência geral para ver com simpatia os seus esforços envidados no sentido de esclarecer uma situação delicada no plano externo e incessantemente agravada no plano interno. O caminho que o presidente dos Estados Unidos escolheu, o qual consistiu, em tomar resolutamente a chefia do Partido Republicano em vez de fazer uma politica bi-partida de cooperação estreita com os democráticos, não facilitou a sua pesada tarefa de dirigente.

A demissão do ministro do Trabalho, Durkin, a luta aberta em que se envolveu com o senador Mac Carthy, o apoio cada vez mais reticente, que lhe foi prestado pela ala direita republicana, nas duas casas do Congresso, foram, entre outros, sintómas evidentes de que o presidente se via frequentemente embaraçado por divergências com aqueles que tinham o dever de o apoiar. O senador Knowland, que substituiu Taft como «leader» do seu partido no Senado, não dispõe da habilidade, da experiência e do prestigio que tornavam a sincera colaboração do seu antecessor um dos trunfos principais do presidente. Além disso o senador Knowland tem sobre a politica externa americana opiniões pessoais que, por vezes, estão em conflito com a orientação do Governo. Esta divergência é, sobretudo, notória no caso dos problemas asiáticos que o senador Knowland encara, e desejaria resolver, favorávelmente ao marechal Chang Kai Chek, de quem é amigo pessoal e com quem sempre manteve estreitas relações de amizade.

O conflito com o senador Mac Carthy tem uma importancia maior para a evolução da politica interna americana, dada a popularidade de que este goza em certos meios, abertamente anti-soviéticos e partidários de soluções de força para os diferendos que separam perigosamente os dois países.

Escolhendo para secretário de Estado o perito republicano de assuntos exteriores, Foster Dulles, o presidente Eisenhower não ignorava a natureza das dificuldades que a sua acção ia encontrar. O novo secretário de Estado tinha opiniões assentes sobre a quase totalidade das questões que seria chamado a encarar e resolver, e critério assente para a sua solução. Em relação á Asia era conhecida a sua firme intenção de fazer uma politica de força no caso da intervenção chinesa na Coreia, recusando á China o lugar que este país reivindica na O. N. U. Em relação á Europa, por mais de uma vez exprimira publicamente o propósito de substituir a contenção, que fora a regra de conduta americana durante a era democrática, pelo «roll back», o que equivale a dizer por uma decisão firme de fazer a libertação dos países satélites da U. R. S. S. um artigo essencial do programa americano de acção externa.

Não era dificil prever que a realização destes objectivos arriscados podia agravar, em vez de atenuar, as repercussões da guerra fria, e foi isso que efectivamente aconteceu nas primeiras semanas que se seguiram á posse da Administração republicana. Mas, tanto no caso da Asia como no da Europa, a atitude do secretário de Estado modificou-se, com o tempo e com a evolução dos acontecimentos. O armisticio na Coreia, seguido da retirada de uma parte dos contingentes americanos que se encontram naquele país, significou o desejo da secretaria de Estado de não alterar o «statu quo».

No caso da Europa, apesar das suas expressões por vezes demasiado enérgicas para levar a França a ratificar o tratado que criou a Comunidade Europeia de Defesa, a politica americana tende a orientar-se num sentido claro e de rectificação das posições tomadas. O Exército Europeu continua em estudo, e tudo indica que a ideia original da sua criação terá de ser, mais uma vez, revista. A politica de libertação dos países satélites tornou-se uma aspiração compreensivel mas platónica perante as dificuldades insuperáveis que a sua realização certamente, acarretaria.

A agitação em Marrocos teve na deposição e deportação do sultão Mully Ben Yussef a sua nota mais inesperada e saliente

O ano internacional

As dificuldades de Eisenhower dentro e fora do partido

(Continuação da página anterior)

seados na utilização da energia atómica.

A resposta afirmativa de Moscovo permite encarar a possibilidade de se iniciarem rápidamente essas negociações, não faltando quem diga que elas já tiveram o seu começo guardando-se a respeito do facto uma reserva que se justifica inteiramente e que será de desejar continue a constituir a regra de conduta dos países interessados de cujo acordo depende a sobrevivência de todos os povos, grandes e pequenos.

A ideia da criação de um «pool» atómico não é nova. Constituia o elemento mais valioso do plano Acheson-Lilienthal, elaborado em 1946 pelos então subsecretário de Estado e presidente da Comissão de Energia Atómica dos Estados Unidos. Esse plano recebeu, quando se fez a sua adaptação política, o nome de plano Baruch e foi levado á O. N. U. Os Russos apresentaram para lhe opôr o plano Gromiko, do nome do chefe da delegação soviética naquele organismo que é actualmente um dos vice-ministros dos Negócios Estrangeiros na U. R. S. S.

Mas o obstáculo principal que o plano Lilienthal não conseguia remover subsiste depois da apresentação do plano Eisenhower e resume-se na incompatibilidade entre a tese americana da fiscalização e a tese soviética da destruição, ambas realizadas preventivamente. Os Americanos entendem que a fiscalização internacional dos armamentos atómicos é a condição necessária da sua destruição. Os Russos entendem que só depois de destruidas as armas atómicas existentes será possível passar ao estado da fiscalização das instalações onde elas se fabricam.

Esta incompatibilidade corresponde á posição respectiva dos dois países na corrida dos armamentos atómicos: superioridade quantitativa dos Americanos, possibilidades desconhecidas dos Russos. Como vai ser resolvida esta dificuldade que até hoje se revelou insuperável? Eis o segredo das próximas negociações. De momento, a unica solução que se encara é a de ladear o obstáculo tratando apenas da utilização da energia atómica para fins pacíficos e reservando para o futuro o problema crucial dos armamentos atómicos e da sua limitação.

A evolução da política soviética após a morte de Estaline

(Continuação da página anterior)

enquanto impossível dizer até onde levará, iniciou-se com a prisão e execução de Beria, a segunda personagem do regime. O seu afastamento coincidiu com a ascensão de Krutchev, um «duro» que simboliza a ortodoxia intratável do comunismo russo aos olhos dos seus compatriotas e dos estrangeiros. O papel deste ultimo tornou-se preponderante, ao mesmo tempo que diversos sintomas levam á conclusão de que o Exército passou a ter uma voz mais escutada na vida do regime, o qual nunca lhe fôra atribuido em vida de Estaline.

O reaparecimento, como vice-comissário da Defesa, do marechal Zhukov, heroi nacional da guerra, e o facto de ter sido confiada a outro heroi da guerra, o marechal Konlev, a presidência do tribunal que condenou Beria á pena ultima, são indícios seguros da influência crescente do Exército na vida da nação e do regime na U. R. S. S., depois da morte do ditador.

O regresso de Molotov á direcção da política externa da União Soviética

Como não podia deixar de ser, a morte de Estaline e os termos em que foi resolvida, de momento, a sua sucessão, tiveram repercussões exteriores dignas de registo. Embora continuasse fiel aos seus postulados fundamentais, os quais são conhecidos fora daquele país, a diplomacia soviética mostrou uma maleabilidade maior nas suas relações com o exterior. Molotov regressou ao posto de ministro dos Negócios Estrangeiros, mas com uma liberdade de movimentos maior para negociar com as potências ocidentais, cuja mentalidade, hábitos e tradições conhece mais profundamente que a quase totalidade dos dirigentes russos.

Uma série de episódios que se registaram depois da morte de Estaline serviu de fundamento para se entabularem conversações que devem marcar o inicio de uma nova fase da guerra fria em que a tensão internacional, característica da situação que esta gerou, possa atenuar-se por medidas recíprocas de compreensão e tolerancia. Isto não significa, de maneira alguma, que as concessões do Ocidente e dos dirigentes comunistas possam aproximar-se ou que entre elas seja possível estabelecer, no actual estado de coisas, uma plataforma de entendimento. Mas quer dizer que é possível encarar a eventualidade de atenuar os riscos de guerra imediata, que, nos ultimos tempos, pesaram, como uma hipótese insuportável, sobre os destinos das nações, grandes e pequenas.

A evolução das relações entre o bloco soviético e as potências ocidentais está fundamentalmente condicionada pelo que se passar no interior da U. R. S. S., onde estão a registar-se acontecimentos de indubitável importancia. Do sentido em que esses acontecimentos orientarem finalmente o regime e a nação russa, depende, em grande parte, a sorte da paz. Por isso é legítimo dizer que a morte de Estaline foi um dos acontecimentos de maior relevo do ano que finda agora.

Os mortos de 1953

Faleceram durante o ano que hoje finda: o banqueiro Alvaro Vilela, o almirante Alvaro Marta, o coronel Eduardo Viana, os drs. Arruda Furtado, Joaquim Pratas e Dias Ferreira; o jornalista Paulo Freire, o actor Alberto Reis, o antigo jornalista Carlos Fidelino Costa, o prof. Fezas Vital, o coronel Pina de Morais, o dr. Alberto Mac Bride, o jornalista Ferreira Gomes, os coroneis Vicente Ferreira e Linhares de Lima; os drs. Moreira Junior, António Ribeiro Ferreira e Ferreira de Mira; o jornalista Oldemiro Cesar, o dr. Antero de Figueiredo, o poeta Candido Guerreiro, os drs. Pacheco de Miranda e Veiga e Sousa; o escritor teatral Raul Ferrão, o general João de Almeida, o escritor Fausto Duarte, o comandante Quelhas Lima, o dr. Caetano Gonçalves, o industrial Guilherme Cardim, o actor Mendonça de Carvalho, o escritor Correia Varela, o eng.º Vasconcelos e Sá, o escultor Rogério de Andrade, o general Freitas Soares, o actor Joaquim Prata, o eng.º Rogério Cardoso, o dr. João de Deus Ramos, o coronel Meneses Leal, o jornalista Aprigio Mafra, o coronel Lima Veiga, o escritor Henrique Marques Junior, o jornalista Augusto Cordeiro, o eng.º Pedro Joyce Dinis, o conde de Agueda, os drs. Carlos Galrão, Henrique Cabral e António Craveiro Lopes, o jornalista Junqueiro de Matos, o reporter-fotográfico Armando Silva, o industrial Jaime Thompson, o professor Tiago da Fonseca, o filologo António da Costa Leão, a actriz Amélia Pereira, o pintor Alvaro Canelas, o coronel Bento Roma e dois diplomatas estrangeiros acreditados em Lisboa—o embaixador da França, Jacques Dumaine, e o ministro da Suiça, dr. Brunner.

HOOVER
O único Aspirador do Mundo que BATE, ESCOVA e ASPIRA
Em demonstração permanente na
R. Rodrigues Sampaio, 21-A

O cinema nacional evidenciou em 1953 o verdadeiro «Calcanhar de Aquiles» da sua débil existência

Antes de abordarmos a produção cinematográfica estrangeira exibida no nosso País, não queremos deixar de nos referir á própria produção portuguesa que, no corrente ano de 1953, foi assinalada pela estreia de meia-duzia de películas que, objectivamente, não deixam vislumbrar qualquer progresso, quer no aspecto técnico quer no artístico.

O mal que mina a nossa cinematografia será porventura complexo, mas o que não pode deixar de se focar é o facto de continuarmos num *statu quo* que nos inibe de, em qualquer momento, penetrar na vasta engrenagem da cinematografia mundial, já não em quantidade (isso seria impossível) mas em qualidade. O mercantilismo em que vegetamos dá ás nossas películas um sentido negativo, como não podia deixar de ser, se bem que os responsáveis já se tenham capacitado de que o publico do cinema português da actualidade não é o mesmo do «Pai Tirano», do «Pátio das Cantigas» ou do «Violino do João»...

O insucesso das mais recentes películas é bem comprovativo da atitude do publico para com obras cuja mediocridade não lhe agrada, dado que a sua consciência e cultura cinematográfica foram progredindo.

Não nos podemos alhear, evidentemente, de que, intimamente ligado ao cinema, no seu mediato condicionamento, funciona a poderosa máquina financeira. Mas daquilo que não nos podem convencer é que, num filme comercial, também pode e deve haver bom cinema, de boa qualidade plástica. O mal de grande numero dos nossos cineastas já não será o seu espírito mercantil, originado pelas imposições do «capitalista», mas também a ausência de contacto com os grandes centros da produção mundial, a sua falta de cultura geral e cinematográfica, que o inibem de atingir um nível satisfatório nas produções que dirigem. Este, quanto a nós, é que é o «Calcanhar de Aquiles», do cinema português. Se neste País se improvisasse menos e se estudasse mais, cremos que se obteriam resultados satisfatórios.

O baixo nível de filmes como «Rosa de Alfama», estilo popular de revista barata; «Planície Heroica», arranjo melodramático, estilo de cordel; ou, «Chicwembo», bom documentário estragado por um enredo impossível, são comprovativos das nossas afirmações. «Chaimite», o filme subsidiado pelo Fundo de Cinema, a que não faltaram, portanto, todos os recursos financeiros e técnicos, e no qual se depositavam grandes esperanças, também não se salientou nem ultrapassou a craveira média do mais que cá se faz.

«Nazaré», de Manuel Guimarães, embora limitado pela falta de recursos financeiros e por deficiências técnicas, pode considerar-se, todavia, a melhor produção do ano: nela há, pelo menos, uma vontade firme do jóvem realizador em não condescender e conseguir uma película séria, honesta, se bem que ainda muito imperfeita.

No campo das interpretações, não há a assinalar nenhuma revelação no que diz respeito a estreantes, mas sòmente a progressiva ascensão de um actor que poderá ainda ter um marcante papel no estilo que o condiciona: Emílio Correia.

No documentário revelou-se uma melhoria, pelo menos na qualidade técnica; e os jornais de reportagens, se bem que ainda muito pobres, tiveram uma produção mais elevada. As tentativas feitas com tecnicolor ainda se mostraram imperfeitas, mas é natural que assim aconteça pela falta de técnicos especializados que as nossas condições modestas não permitem.

A produção estrangeira

Quanto ao nível das produções estrangeiras exibidas, pode afirmar-se que 1953 primou pela apresentação de algumas grandes obras. Muitas delas passaram desapercebidas ao grande publico e a sua estadia no cartaz limitou-se a uma ou duas semanas. O grande sucesso foi, indubitavelmente, a estreia de «Luzes da Ribalta», quer pela expectativa de que se rodeava, quer por se tratar de mais uma obra de Chaplin. Lamentável, sob todos os aspectos, os inexplicáveis cortes que aquela obra sofreu no nosso País, devido á «iniciativa» de quem, por seu simples alvedrio e critério de comercialização, resolveu tornar a película «mais acessível»... O fenómeno merece toda a atenção e será necessário que, de futuro, haja processo de evitar tais abusos, porque de abuso se trata. Se as limitações impostas a certas obras já estão condicionadas por lei própria, teremos de nos sujeitar a que mais uma qualquer entidade ainda as submeta a uma subcensura caseira, particular e abusiva?...

O grande êxito de cartaz, que ainda continua, foi o filme indiano «Prestígio Real», actualmente em 22.ª semana de exibição. Podemos afirmar que a cinematografia da União Indiana entrou, pela primeira vez no nosso País, com o pé direito. Foi uma revelação para a crítica e para o grande publico. Será que os Indianos terão o segredo de agradar a Gregos e Troianos?...

Também, pela primeira vez, foi exibido em Portugal a película japonesa «Ás portas do Inferno», que, se não constituiu um êxito no cartaz, foi, todavia, uma demonstração do alto nível da cinematografia do Japão, do seu intelectualismo, e do seu apuradissimo nível técnico.

O cinema europeu arrebatou grande parte do nosso mercado importador e a quantidade de películas italianas e francesas atingiu um nível elevado.

A Itália deu-nos uma série de filmes de grande categoria, em que são de citar, entre outros, «Dez reis de esperança», de Costelani; «Amanhã será tarde», de Léonide Mogny; «Pão nosso de cada dia», de De Santis; «Policia e ladrão», de Steno e Monicheli; «O caminho da esperança», de Pietro Germi; «Umberto D», de De Sica; a admirável «Carroça de Oiro», co-produção franco-italiana de Jean Renoir; «O Capote», de Lattuada e «Europa 51» de Rosselini.

A França—cujas produções tiveram uma rápida ascensão após o declinio dos filmes do após-guerra—, deu-nos essa maravilhosa película de René Clement, «Brincadeiras Proibidas», a que o publico sòmente concedeu duas semanas de exibição. Cayatte, o advigado-cineasta, conseguiu com «Pena de Morte» *(Nous somes tous des assassins)* um filme documentarista de invulgar calibre que deixou o publico médio abalado... E, ainda, as espirituosos e francesismos «Fan-Fan La Tulippe» e «O Vagabundo dos Sonhos», de Cristian Jaque e do irreverente René Clair; «Eduardo e Carolina», «O grande cirurgião», de Yves Ciampi; e, ainda, o sucesso comercial: «D. Camilo», de Duvivier.

Da produção inglesa salientemos: «A Rainha Africana», de John Huston; «A Barreira Sonora», de David Lean; o extraordinário e maravilhoso-poético «Rio Sagrado», realizado por Jean Renoir; «Mar cruel», «Lágrimas de sangue», de Zolton Korda, extraido da célebre novela de Alan Paton; «Cry the beloved country»; e, ainda, «Tempestade no céu», de Dimitry. Embora quantitativamente o cinema inglês tenha sofrido uma baixa considerável depois do grande incremento do após-guerra, as peliculas apresentadas em Portugal, em 1953, revelam que o nivel quantitativo, no peculiar estilo criado pelos Ingleses, se manteve á altura do anterior.

O cinema estaduniense revelou-se, principalmente, pelas produções de William Wyller e Elia Kasan. O primeiro, produtor independente, deu-nos três filmes dos quais a «História de um detective» e «Férias em Roma» constituiram, o primeiro, uma pelicula de estrutura nova, e o segundo, um filme óptimamente realizado, leve, mas agradável, Kasan, com «O eléctrico chamado desejo», «Panico nas ruas» e «Viva Zapata» conseguiu três obras intensas. Assinalemos, ainda, os filmes musicais «Um americano em Paris» e «Serenata á chuva»; e «Eva», «Carrel», «O comboio apitou três vezes», de Zinneman; «Meu filho Eduardo», de George Cuckor; o excelente «Morte do caixeiro viajante», de L. Benedeck; e «Cruz da minha vida», de David Mann; e «O homem tranquilo», de John Ford. Há que assinalar na produção americana, um elevado numero de obras inspiradas e obtidas no teatro e outras inspiradas no discutivel «science-fiction».

Da produção alemã, além de alguns filmes musicais, no estilo Marika Rock, vimos «A lenda da floresta», de Paul Verhoeven, maravilho filme onde a poesia se alia á imagem e onde anões e gigantes contracenam em óptimas montagens.

O cinema sueco depois de um largo periodo de ausência, veio até nós, com duas importantes e profundas obras, num estilo cinematográfico elevadissimo: «Vertigem» e «Tortura», de Alf Sjoberg.

A cinematografia brasileira com «O Cangaceiro», premiado em Cannes, e «Tico-Tico no Fubá» foi uma revelação das capacidades produtivas dos estudios do Brasil e de uma nova era para o seu cinema que, assim, veio conquistar os grandes mercados da Europa.

O cinema mexicano apresentou-nos duas ou três produções que não ultrapassaram o nivel das que já viramos.

Na produção independente, além do filme de Chaplin, há a assinalar o «tratado» cinematográfico» de Orson Welles, «Othelo» cuja apresentação se rodeou de uma expectativa justificada.

A exibição de documentários de curta metragem que, devido a uma lei inexplicável e absoleta, do nosso País, teve uma descida brusca, foi assinalada, todavia, por quatro filmes de alto nivel artistico e plástico: «Espelho da Holanda» e «Ritmo e Luz», holandeses; «Pacific 231», ensaio cinematográfico de Jean Mitry, e «Tela mágica», inglês.

A apresentação do cinema tridimensional (3D) pode afirmar-se que foi um insucesso quer pelo baixo nivel dos filmes, quer pelas imperfeições do processo. O publico viu-o sòmente como uma curiosidade passageira.

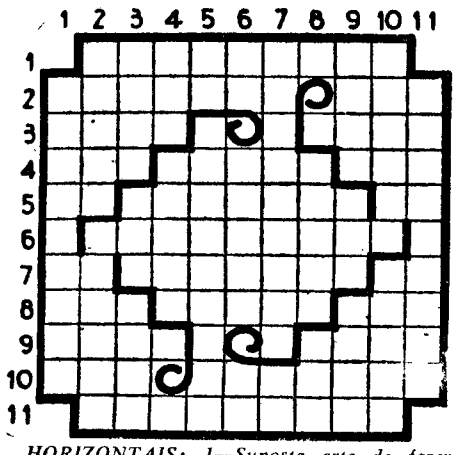
Analisando retrospectivamente toda a exibição do ano, podemos chegar, portanto, á conclusão de que ela atingiu um nivel elevado, se bem que, como é natural, não deixasse de aparecer produções mediocres.

Todavia, as honras são, como já dissemos, para o cinema italiano e francês.

Pastelaria S. João, L.da
Salão de Chá, Café e Bilhares. Restaurante
Serviço á Carta
Avenida Paris, 3-A — Telef. 78400

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4053



HORIZONTAIS: 1—Suposta arte de fazer ouro. 2—Plangente. Pedra de altar. 3—Larga. Prendas. 4—Vila e concelho do distrito de Coimbra. Animais bravios e carniceiros. Aqui está. 5—Pedra de moinho. Trabalhar. Nesse lugar. 6—Igualarás. 7—Sadia. Pequenas salas. Entre nós. 8—Senhores (abrev.). Castas. Abjecto. 9—Epocas. Ulula. 10—Conheço. Alcançar. 11—Lamentos.

VERTICAIS: 1—Bradasses. 2—Insignificancia monetária. Descrevam. 3—Rasgado. Lirio. Apareceu. 4—Furor. Plantação de favas. 5—Apenas. Extinguiram. 6—Artigo (pl.). Fiz girar. Pronome pessoal. 7—Patetas. Andar. 8—Curas. Aliei. 9—Embarcação de recreio. Chefe etiope. Cidade e porto de mar da Galiza. 10—Localidade do concelho de Marvão, onde o Sever forma a fronteira com a Espanha. Paisanos. 11—Marca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4052

HORIZONTAIS: 1—Ceda. Alisa. 2—Acerba. Idem. 3—Polar. Obeso. 4—Reima. Caias. 5—Renderam. 6—Coa. 7—Beduinos. 8—Rumor. Ibero. 9—Asila. Citei. 10—Lata. Sacais. 11—Arara. Essa.

VERTICAIS: 1—Capri. Rala. 2—Ecoe. Abusar. 3—Delir. Emita. 4—Arame. Dolar. 5—Brancura. 6—Doi. 7—Oceanica. 8—Libar. Obice. 9—Ideia. Setas. 10—Sésamo. Reis. Amos. Poisa.

Gravatas de Seda Natural
Ultimas novidades
TORRE EIFFEL
104 — Rua do Carmo — 106

Muita atenção
De 31 de Dezembro a 3 de Janeiro o famoso MAR-LINDO está ao serviço de V. Ex.ª, e apresenta cumprimentos de Boas Festas.
Restaurante com belos quartos.
Praia de Santa Cruz. Tel. 6

TOME NOTA
COMPRIMIDOS
HYPERSEX
TÓNICO MASCULINO
Alta concentração de alguns produtos basilares, compensadores organicos (não excitantes), destinados aos indivíduos que mercê duma vida de actividade física ou mental se encontram Esgotados, com Desiquilibrios nervosos, Depauperados e Inferiorizados.
Por alimentar ALGUNS ORGÃOS VITAIS este medicamento normaliza e activa as suas funções e auxilia o organismo nos casos de: Astenias, Fosfaturias, Inapetência e Insuficiências glandulares (tipo masculino).
Para maior garantia confirme com a opinião do seu médico.
Publicidade médica (grátis) da FAL.
Apartado 142 — LISBOA

HOOVER
A melhor máquina de lavar roupa que o dinheiro pode comprar
Em demonstração permanente na
R. Rodrigues Sampaio, 21-A

VIDA MUSICAL

Sociedade de Concertos de Lisboa

O açambarcamento da Orquestra Sinfónica Nacional para concertos não avulsos, durou afinal todo o seu tempo disponivel, e vai continuar embora noutro aspecto. Enfim, a poucos dias de estreia de outra orquestra portuguesa, e da vinda duma orquestra espanhola, deixemos o próximo passado em paz, depois de algumas linhas sobre a actuação do chefe de orquestra belga Edouard van Remoortel para a Sociedade de Concertos, no São Luiz.

ECVSd «aIslanmportuguesa,vbiSsi

O programa, sem complicações, constou da Sinfonia n.º 39, em mi bemol maior, de Mozart, que é uma das suas obras mais pré-Beethovenians, e que não vamos longe de preferir a 1.ª Sinfonia de Beethoven; depois, uma enorme transformação da atmosfera com o Preludio e Morte de Isolda de Wagner; por fim a Sinfonia n.º 5, em mi menor, de Tchaikovsky, para nós, de longe a melhor interpretação de van Remoortel, embora todo o programa tivesse por alicerce uma grande nitidez e clareza de cuidado técnico (que não esqueceu os graves da orquestra). O maestro Edouard van Remootel é bastante novo ainda, mas confirmou a autoridade que lhe era já atribuida.

Agora a respeito de interpretação, em Mozart a afirmação de estilo fez-se sobretudo no sentido da força, e de algum lirismo também, mas não da graça peculiar ao Mestre Sauzburguês. Aarqui-famosa página de Wagner beneficiou da clareza dos entrelaços orquestrais, mas foi pouco sensorial, não lhe encontramos o doloroso da exaltação a que se refere muito justamente a nota do programa. Nos quatro andamentos da Sinfonia de Dvorak, não só os três grupos em que é repartida a orquestra: cordas, madeiras, metais, se definiram e conjugaram com exemplar equilíbrio como todo o colorido e os valores ritmicos da obra alcançaram o seu pleno rendimento.

Circulo de Cultura Musical

Com bem elaborados programas, de boas obras desde Veracini até Stravinsky, esclarecida orientação técnica e artística, e toda a impressão de imenso amor á musica, Lola Bobesco, violinista romena, e Jacques Genty, pianista francês, trouxeram ao C. C. M. um prestigio que nos apraz realçar.

Ambos têm a sua personalidade bem vincada. Lola Bobesco, a despeito de um som relativamente pequeno, tem mais fantasia, mais chama interior do que Jacques Genty, mais exuberante, valorizando brilhantemente, — e sempre inteligentemente,—o que há de decorativo na Sonata op. 12 n.º 3, em bi bemol, de Beethoven; mas o conjunto, como equilibrio e ajuste de ritmo e inteligencia do coloquio, é perfeito.

Diziamos nós que Lola Bobesco não tira um som muito volumoso do seu violino (que nos pareceu talhado em proporção com a figura franzina da gentilissima concertista). Assim mesmo, a 4.ª corda é tão bem timbrada que pensamos — com quanta mágua e saudade!— em Ginette Neveu. Não se tratando de evidenciar as particularidades da 4.ª corda, a técnica de Lola Bobesco é tão apurada que esquecemos por completo que as cordas do violino são quatro; a arcada é de toda a firmeza, o ataque exacto e a fluência ideal.

Como caracter de interpretação, a limpida, sensivel, espirituosa Sonata em si bemol, de Mozart, transportou-nos na época em que a Sonata foi escrita—um pouco menos transparente a técnica de Genty. A fama da Sonata em mi bemol, de Beethoven, muito menos retumbante do que a da Sonata a Kreutzer, se não é nula, não impede que esta sonata nos tenha surgido como uma obra primorosa, muito menos pura do que a Sonata de Mozart, mais carregada de aspirações, por isso mesmo de feliz contraste com a obra anterior. E que prazer, um programa de três Sonatas! A Sonata de César Franck, de fama esmagadora, esta, foi redimida de muito mau trato a que se tem visto sujeita. O 1.º andamento tinha-nos deixado na expectativa, achamo-lo um pouco friamente exposto, mas no 2.º o piano, e com ele o violino anunciaram logo a brilhante desforra; o 3.º andamento e o 4.º foram sublimes, de parte de Lola Bobesco sobretudo.

Sonata

A Academia de Amadores de Musica acrescentou mais um valioso serviço á causa da cultura musical honesta e esclarecida, tomando sob o seu patrocinio os concertos de «Sonata», que recomeçaram agora com um gracioso programa, mais uma vez no Salão das Belas Artes.

Maria Alice Vieira de Almeida, acompanhada ao piano por Maria Beatriz Soares, discreta, séria, desenhou com elegancia e justas inflexões as «Cinco Canciones Negras», do compositor catalão Montsalgage, francamente espanholas as três primeiras, todas de bom teor.

Do Porto, vieram, para colaborar no programa, Berta Alves de Sousa, Maria Isabel Cerqueira e Luís Millet. Na «Meditação Hebraica», de E. Bloch, para violoncelo e piano, Luís Millet houve-se com a intensa expressão e o largo sentido melódico que a bela página requer. Berta Alves de Sousa apresentou-nos, de sua autoria, um «Lamento», pecinha modesta, seguido do mais importante «Tema com variações sobre o romance de «O conde Nilo», para dois violoncelos e piano, que demonstrou razoável capacidade de escrita, com mais naturalidade e gosto certo na primeira metade da obra. Luís Millet confirmou a sua técnica segura, a afinação, o lindo som e foi secundado correctamente por Maria Isabel Cerqueira e por Berta Alves de Sousa ao piano.

A mais larga colaboração, porém, recaiu sobre Fernando Lopes Graça, que, a abrir, interpretou, em todo o sentido da palavra—em 1.ª audição—as bem representantivas «Nove peças para piano», de Zoltan Kodaly, de exigente pianismo, ricas de invenção, profusas de efeitos, mas nunca com impressão de divagação. E, a fechar, Fernando Lopes Graça deu-nos como compositor a 1.ª audição de quatro canções populares portuguesas: «Senhora Santa Catarina», «O meu amorzinho», «Colha da azeitona e «O coletinho», dirigindo a execução do coro da A. A. M. (secção de folclore), homogéneo, obediente ao ritmo magnifico da regência, e seguro nas harmonias por vezes de encontros ásperos, mas do mais justo caracter, na sua integração do que há de conquista para o futuro nos processos musicais modernos.

Coro russo dos Cossacos do Don

O Tivoli está radicadamente em maré de musica e de publico para a ouvir. A estreia da sua dupla série de concertos encheu literalmente a casa por duas vezes, para aplaudir o reaparecimento em Lisboa do coro russo dos Cossacos do Don, sempre na direcção de Jaroff.

Pudemos verificar que o tempo passou sobre o afamado agrupamento sem modificar estética e expressivamente o que ele representa. Nem o programa tem grandes variantes, embora também não seja composto de peças de um tipo só: têm-se por igualmente indispensáveis os coros de assunto religioso e de carácter teatral, e as canções populares, sobretudo cossacas. E' naturalissimo, não poderiamos esperar dos Cossacos do Don e de Jaroff uma verdadeira documentação sobre a canção popular das tão diferenciadas regiões do enorme território russo, nem de possíveis evoluções sobre sua versão orfeónica. Contudo, como técnica de escrita, muitas das peças do repertório dos Cossacos de Jaroff obedecem a uma virtuosidade ao alcance só de um coro de perfeita preparação e constituição. E, como intérpretes, já tudo foi dito sobre a cultura vocal dos vinte e poucos componentes do grupo, a sua gama de coloridos e de graduação sonora, desde o sussurro até aos paroxismos de força, a apaixonada comparticipação de cada um no conjunto da interpretação, contando ainda com o efeito especial de coro misto provocado pela perícia do emprego das vozes em falsete, o que, diga-se de passagem, cansa um pouco quando é empregado repetidamente.

Do que ouvimos, interessaram a fundo os extractos da ópera «A vida pelo Czar», de Glinka, belo documento para qualquer programa e musica saudável na sua franca comunicabilidade. O coro «Senhor, salva o teu povo», da «Abertura 1812», de Tschaikowsky, foi das mais belas provas do grupo, com o efeito de coro duplo—vozes masculinas e vozes femininas—opondo-se cada grupo em harmonias completas tão bem matizadas que não se julgaria possível ser obtido por um numero tão pequeno de cantores. A abrir o programa, tinha-nos impressionado o desenvolvido Canto de Sexta-Feira Santa, de Borniansky, de dramáticamente exaltada religiosidade. Mas canções como o «Adeus» ou as «Duas guitarras» só valem pelos esmeros de execução a que se presta: preferimos a violência rude de «Os prisioneiros cossacos e o cúco», ou a sóbria «Lenda dos doze ladrões».

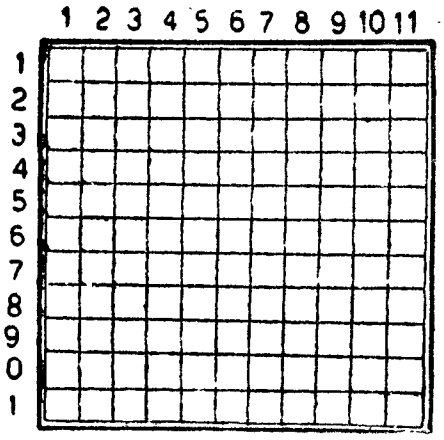
Dos solistas, mencionaremos o principal, Morosoff, pela beleza excepcional da voz e o perfeito estilo do cantor, natural, justo na expressão.—FRANCINE BENOIT.

POLICLINICA DO ROSSIO
Largo D. João da Camara, 19, 2.º—Tel. 20660
Dr. F. Martins Pereira—Medicina geral, coração e pulmões. 15 h.
Dr. Cancela de Abreu—Medicina geral. Doenças nervosas. ás 3 ª, 5.ª e sábados, 19 h.
Dr. A. Pina Junior—Doen.ª das crianças. 17 h.
Dr. Anacleto Miranda—D.ª dos olhos. 16 h
Dr. Cordeiro Lobato—Garg., nariz, ouv.ª. 14 h
Dr. Jorge Falcão—D.ª da pele, sifilis. 15,30 h
Dr. Fontoura Madureira—Rins, v urin.ª. 15 h.
Dr. Luis Leite—Operações. Sr.ª gravidez. 17 h
Dr. José Pereira de Pina—Boca e dentes, 17 h
Dr. Gentil Branco—Raios X.
Dr. Formigal Luzes—Agentes físicos, maçagens e ginástica médica.
Dr. Reis Vale—Análises clínicas.
Dr. Luis Abecassis—Electrocardiografia.

Aos Exm.os Clientes e Amigos festas felizes, Ano Novo próspero, são os desejos sinceros da
ELECTRO-LISBOA, Ltd.ª
RUA AUGUSTA 246-248 — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 771



HORIZONTAIS: 1—Ocaso. 2—Gracejara. Solitária. 3—Intima. Dirigia-se. Aparência. 4—Freguesia do concelho de Monção. Nome de mulher. Régulo. 5—Antiga medida de comprimento. Pátria. 6—Irmã do pai. Bases. 7—Pronome pessoal. Bêbado. 8—Passadas. Escudeiro. Popa. 9—Símbolo químico do gálio. Carta de jogar. Oferecer. 10—Mais mau. Camarcíras. 11—Antraz.

VERTICAIS: 1—Conjuntura perigosa. Cidade de Espanha. 2—Verseja. Integra. 3—Data célebre. Repete. Utensílio de lavoura. 4—Deus dos rebanhos e pastores. Data. Partir. 5—Nome de mulher. Debaixo de . 6—Catedral. Termina. Estrépito de desmoronamento. 7—Julguei. Víscera dupla. 8—Algumas. Misericordioso. Antes de Cristo. 9—Nota musical. Líquido gorduroso. Distrito do Estado da India. 10—Faldas. Verdadeiro. 11—Rezar. Versificação.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 770

HORIZONTAIS: 1—Samba. Calar. 2—Alia. Fada. 3—Atlantida. 4—Oil. Ora. 5—Oc. Ataca. Cá. 6—Nem. Ara. Par. 7—Caia. Aria. 8—Era. Cãs. Erg. 9—Da. Sa. Os. Ou. 10—Atribua. 11—Récua. Aliai.

VERTICAIS: 1—Sá. Conceder. 2—Ala. Ceara. 3—Mito. Mia. AC. 4—Balia. Itu. 5—Alta. Cara. 6—In. Arc. 7—Toca. Soba. 8—Afira. Sul. 9—Lada. Pré. Aí. 10—Ada. Cairo. 11—Rã. Paraguai.

Primus Inter Pares
A centenária marca de cigarrilhas e charutos Belgas preferidos pelos fumadores, pela sua suavidade e aroma inconfundiveis.
Á venda em todas as tabacarias.
Rep. Casa Caiús—Rua Chã, 111—Porto.

MIL MANEIRAS
de intrujar o próximo...

LEIRIA, 29.—(Pelo telefone).—Um individuo, vestido de soldado, apareceu numa pensão desta cidade e pediu que lhe fornecessem três jantares e uma garrafa de água mineral, dizendo que eram para o «nosso capitão». As suas indicações foram imediatamente cumpridas e, quando o individuo se dispunha a sair com as refeições, pediu que lhe arranjassem também troco de uma nota de 500 escudos, com que, na residência do tal oficial, seriam depois pagos os três jantares e a água, que importavam em 54 escudos. Para receber os quinhentos escudos acompanhou-o o empregado da pensão, Fernando Ramos, que, a certa altura do percurso, ficou sózinho, enquanto o burlão, segundo disse, ia buscar as chaves da casa.

O certo é que o fingido soldado desapareceu e o Ramos teve de regressar á pensão só com os três jantares.

Melhoramentos locais

MURTOSA, 28.—Vão bastante adiantados os trabalhos de pavimentação a paralelipípedos da estrada de Santa Luzia ao Bico, que também, faz a ligação á estrada nacional que conduz ao vizinho concelho de Estarreja. No entanto, logo que fique concluída a parte que diz respeito á Camara deste concelho, na extensão de 450 metros, não fica completa a ligação com a estrada nacional, pois o troço restante pertence á Camara de Estarreja, da qual se espera o habitual espírito de compreensão.

Brevemente, a freguesia da Torreira vai ter o seu anteplano de urbanização, de que está encarregado o sr. eng.º Miguel de Resende.

Tal obra é da mais util e flagrante necessidade, pois a praia da Torreira exige novas ruas, orientação e coordenação das construções e de outras obras que se impõem para seu embelezamento e progresso.

FRUTARIA COSTA
Cestos e Corbeilles
PARA BRINDES
DO ANO NOVO
Martins & Costa
RUA DO CARMO, 41
Telef. 30517 — Lisboa

INSTITUTO MATERNAL
Maternidade Dr. Alfredo da Costa

Concurso para o fornecimento de leites e farinhas diversas para alimentação infantil.

Condições patentes no Economato das 9 ás 12 e das 14 ás 16 horas, até ao dia 4 de Janeiro P.' F.'

Lisboa, 29 de Dezembro de 1953.

A DIRECÇÃO

CONTRA AS FRIEIRAS
USE
APYROL
O PRODUTO PREFERIDO DESDE 1933

SOCIEDADE «ESTORIL»

Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

AVISO

Concurso para a adjudicação da exploração dum pavilhão na estação de Cruz Quebrada

CONDIÇÕES

1—Até ás 16 horas do dia 31 de Dezembro de 1953, esta Sociedade aceita propostas para a exploração por 3 anos de um Pavilhão na estação de Cruz Quebrada destinado á venda de tabacos, selos, jornais, livros, águas minero-medicinais, cervejas, refrigerantes, sanduiches, bolos, frutas e artigos similares.

2—Os concorrentes efectuarão na Tesouraria desta Sociedade, na estação do Cais do Sodré, um depósito de 500$00. Não será restituído o depósito ao concorrente a quem for feita a adjudicação e que dela desista.

3—As propostas têm de indicar claramente o preço fixo oferecido mensalmente pela exploração do Pavilhão e serão remetidas a esta Direcção em carta fechada com a seguinte indicação no sobrescrito:

«Proposta para a exploração de um Pavilhão na estação de Cruz Quebrada».

4—A Sociedade reserva-se o direito de rejeitar todas ou algumas das propostas, se assim o julgar conveniente.

5—A adjudicação dará lugar ao estabelecimento de um contrato entre a Sociedade e o concessionário, em conformidade com a minuta que os interessados poderão consultar no Serviço de Contabilidade desta Sociedade, na estação de Cais do Sodré.

6—As despesas do consumo de água e electricidade são de conta do concessionário.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1953.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
A. Bual

Contra a TOSSE e a COQUELUCHE
PILKA*
*PRODUTO SUIÇO

HORNYPHON
RÁDIOS DE NOVA TÉCNICA

União Eléctrica Portuguesa S. A. R. L.

CAPITAL: 200.000.000$00

Sede — Rua Duque de Loulé, 240 — PORTO

Serviço de obrigações — 2.° semestre de 1953

Conforme estava anunciado, procedeu-se hoje ao sorteio, para efeito de amortização, de 9.293 obrigações desta sociedade, das séries a seguir indicadas.

Foram sorteados os seguintes titulos:

7.ª EMISSÃO—4 1/2 %—1.199 obrigações

Titulos de uma obrigação

113 619 1357 2181 2594 3468 4074 4738 5301 5747
212 834 1623 2217 2612 3470 4566 4936 5379 5760
276 1001 1792 2218 2750 3623 4601 5179 5411 5913
311 1059 1921 2349 3014 3671 4660 5234 5480 5929
514 1069 1944 2516 3293 3707 4679 5256 5703 6040
589 1113 2160 2525

Titulos de cinco obrigações

6335 6697 7322 7950 8138 9317 10005 10145 10270 10484
6381 6833 7491 8053 8250 9458 10019 10246 10294 10534
6545 7084 7603 8104 8840 9496 10115 10257 10428

Titulos de dez obrigações

10714 11474 12028 12799 13481 14425 15243 15775 16345 17174
10726 11488 12067 13170 13743 14452 15344 15825 16378 17237
10772 11519 12109 13207 13939 14507 15361 15938 16404 17305
10855 11651 12116 13215 14009 14529 15380 16001 16554 17387
10904 11755 12135 13255 14014 14659 15417 16018 16592 17396
11037 11795 12153 13289 14097 14744 15548 16034 16900 17411
11042 11836 12545 13355 14103 14860 15571 16068 16944 17438
11170 11838 12596 13405 14105 14866 15704 16086 17009 17574
11248 11862 12729 13464 14275 15001 15737 16225 17075 17760
11431 12018 12763 13472 14365 15205 15757 16303 17119 17775

8.ª EMISSÃO—4 % (1945)—2.455 obrigações

Titulos de uma obrigação

11 234 563 620 664 930 992 1230 1232 1303
105 484 617 640 722

Titulos de cinco obrigações

1952 3395 4308 5736 7650 9180 10133 10700 11089 11251
2170 3439 4496 5849 7694 9391 10171 10740 11132 11320
2236 3978 4527 6210 7963 9574 10350 10836 11174 11341
2800 3996 4681 6745 8756 9623 10384 10870 11218 11450
3114 4154 5083 7025 8994 9631 10488 11003 11248 11743
3375 4170 5353 7042 9084 9790 10513 11056

Titulos de dez obrigações

11980 13936 16040 18048 19972 21632 22490 23655 24812 25788
12051 14075 16057 18168 19986 21637 22536 23692 24897 25810
12336 14151 16153 18220 20121 21641 22588 23701 24904 25819
12406 14280 16252 18285 20150 21677 22671 23736 24918 25902
12416 14418 16261 18305 20202 21706 22691 23829 24931 25907
12440 14522 16517 18343 20250 21755 22704 23872 24954 25961
12533 14627 16633 18409 20290 21927 22918 23900 24985 26074
12771 14634 16644 18635 20523 22002 22925 23904 25109 26084
12880 14753 16726 18856 20560 22017 22932 24045 25285 26127
12933 14818 16798 18869 20581 22024 22951 24206 25351 26209
13116 14919 16902 18932 20823 22044 23011 24242 25352 26215
13197 15034 16995 18939 20838 22091 23028 24277 25381 26229
13224 15048 17352 18951 20841 22215 23037 24327 25429 26259
13553 15087 17477 19236 20863 22282 23111 24403 25500 26351
13583 15142 17497 19263 20970 22341 23167 24469 25515 26374
13662 15206 17562 19293 21020 22358 23282 24494 25547 26409
13737 15342 17658 19349 21029 22367 23299 24616 25598 26411
13816 15711 17864 19722 21217 22411 23316 24631 25622 26425
13840 15865 17898 19845 21416 22458 23331 24687 25695 26432
13888 15922 17925 19863 21422 22470 23640 24811 25713 26448
13916 15974 18016 19902 21504

Titulos de cem obrigações

26530

9.ª EMISSÃO—3 3/4 %—1.187 obrigações

Titulos de uma obrigação

7 88 162 312 601 848 1137 1254 1468 1592
11 100 304 502 727 1042 1253

Titulos de cinco obrigações

1878 1956 2040 2083

Titulos de dez obrigações

2221 3461 4663 5694 6830 8413 9492 10164 10759 11273
2222 3481 4848 5738 6832 8529 9539 10171 10774 11344
2268 3534 4951 5751 7107 8743 9595 10212 10900 11346
2508 3551 4968 5831 7287 8908 9619 10232 11038 11353
2651 3580 5012 5854 7548 8962 9665 10244 11050 11364
2787 3584 5019 6140 7560 9114 9681 10300 11091 11383
2909 3910 5025 6275 7681 9157 9733 10385 11143 11430
2924 4025 5092 6447 7736 9213 9805 10398 11191 11469
2955 4096 5458 6603 7753 9288 9848 10428 11212 11536
3142 4134 5551 6660 7760 9295 9980 10519 11231 11564
3359 4405 5636 6663 8059 9363 10031 10592 11242 11623
3445 4621 5692 6689 8386

10.ª EMISSÃO—4 % (1948)—2.095 obrigações

Titulos de cinco obrigações

26936

Titulos de dez obrigações

27146 29298 31200 33757 35786 37294 40165 41793 43712 44922
27234 29413 31768 33948 35857 37316 40256 41823 43731 45094
27281 29459 31825 34036 36029 37432 40465 42007 43760 45108
27293 29670 32006 34059 36040 37701 40539 42181 43795 45119
27329 29710 32251 34093 36060 37755 40642 42308 43805 45257
27367 29757 32276 34109 36153 37827 40682 42367 43851 45325
27411 30001 32296 34144 36200 38141 40863 42385 44003 45351
27427 30102 32450 34349 36268 38368 40950 42451 44099 45446
27643 30147 32600 34492 36389 38393 41046 42658 44119 45453
27661 30283 32689 34554 36418 38465 41092 42797 44220 45472
28592 30647 32815 35097 36631 38538 41257 42798 44265 45492
28743 30653 32839 35417 36899 38680 41280 42834 44280 45535
28850 30677 32953 35429 36907 38956 41352 43078 44375 45629
28851 30727 33261 35450 36997 38996 41356 43237 44535 45637
28933 30797 33353 35661 37019 39079 41384 43497 44601 45674
28939 31074 33438 35689 37042 39295 41468 43607 44634 45761
28981 31141 33464 35722 37149 39428 41674 43614 44636 45796
29238 31165 33493 35776 37244 39758 41700 43629 44866

Titulos de cem obrigações

46046 46078 46085

11.ª EMISSÃO—5 % (1951)—812 obrigações

Titulos de uma obrigação

5 232

Titulos de dez obrigações

769 2699 3128 4059 4352 5801 6240 7143 7594 8390
1238 2926 3425 4075 4558 5817 6403 7146 7690 8422
1321 2963 3452 4120 4574 5850 6634 7308 7929 8433
1606 3013 3823 4249 4787 5863 6984 7335 8151 8450
2112 3022 3890 4303 5451 5912 7024 7449 8215 8463
2191 3104 4010 4304 5699 6049 7029 7539 8292 8558
2247

Titulos de cem obrigações

8574 8685

12.ª EMISSÃO—5 % (1952)—1.545 obrigações

Titulos de cinco obrigações

9814

Titulos de dez obrigações

10114 11966 13957 16512 18070 20297 21233 22505 25361 27124
10178 12093 13989 16589 18422 20418 21620 22674 25545 27133
10203 12165 14208 16734 18625 20530 21791 22713 25904 27150
10572 12456 14210 16743 18663 20649 21853 23004 26101 27202
10864 12479 14466 16890 18664 20701 21926 23349 26160 27355
10957 12663 14784 16891 18817 20718 21986 23593 26188 27378
11003 12852 14967 16976 19080 20742 22156 24367 26190 27518
11050 12867 15179 17267 19253 20850 22158 24733 26260 27519
11173 12906 15216 17515 19257 20874 22212 24918 26646 27533
11242 13060 15396 17524 19349 20894 22275 24926 26667 27604
11641 13220 15443 17688 19649 20899 22281 24997 26906 27636
11695 13236 15629 17722 19919 20901 22328 25104 26987 27651
11851 13779 15973 17731 20279 21056 22339 25283 26991 27704
11914 13780 16179 17826

Titulos de cem obrigações

27810 27813

Os valores liquidos dos cupões das séries indicadas (2.° semestre de 1953), são os seguintes:

7.ª emissão (4 1/2 por cento), cupão n.° 19... 1$79
8.ª emissão (4 por cento, 1945), cupão n.° 18... 1$58 (5)
9.ª emissão (3 3/4 por cento), cupão n.° 15... 1$48
10.ª emissão (4 por cento, 1948), cupão n.° 10... 1$58 (5)
11.ª emissão (5 por cento, 1951), cupão n.° 5... 2$00 (1)
12.ª emissão (5 por cento, 1952), cupão n.° 3... 2$00 (5)

O pagamento das obrigações sorteadas, pelo valor nominal, assim como o pagamento do juro do 2.° semestre de 1953, realiza-se no Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa e Porto, todos os dias uteis, excepto aos sábados, a partir de 2 de Janeiro próximo futuro.

Porto, 16 de Dezembro de 1953.

O ENGENHEIRO GERENTE

A. M. SILVA

ARMEIRO

Cumprimenta, desejando aos seus amigos e clientes festas felizes e próspero Ano Novo.

Rua da Betesga, 1
L. Praça da Figueira, 17-2.º—LISBOA

Telefones 31313-31314

Casa das Malas

180 — Rua Aurea — 182

JOAQUIM DA SILVA & C.ª (FILHOS)

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Ano Novo muito próspero.

Casa Chinesa-Bar

A Caféeira, L.da

Cumprimenta os Ex.mos Clientes e Amigos, Colegas, Fornecedores e o Publico em geral, desejando-lhes um Novo Ano de prosperidades.

Rua Aurea, 274 a 278 — Telef. 23680

R. S. Nicolau, 71, 2.º D. — Telef. 24906 — Lisboa

E RECOLHA ASSIM, PARA TODO O SEMPRE, AS RECORDAÇÕES MAIS FELIZES DA VIDA!

FILMAR COM **PAILLARD**
É MAIS FÁCIL DO QUE FOTOGRAFAR!

Peça uma demonstração ao seu fornecedor de artigos fotográficos

Pimpão, Lda.

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e Ano Novo próspero.

Aven. S. João de Deus (ao Areeiro), 41-B, 41-C

—— LISBOA ——

ESTABELECIMENTOS

Jerónimo Martins & Filho, Lda.

—— LISBOA ——

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes boas festas e um Ano Novo feliz.

Pastelaria Benard

MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LIMITADA

Desejam um novo ano próspero aos seus Ex.mos clientes e amigos. Recomendam o jantar do dia 1 de Janeiro de 1954.

Adão

CAMISEIROS — Rua Augusta, 240 — Tel. 2 4064

Aos Ex.mos Clientes desejam Boas Festas e Feliz Ano Novo.

Diamantino Francisco Tojal

Deseja Boas Festas e um Novo Ano Feliz a todos os Seus Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos.

BECO DO FORNO, DO SOL, J. T. (á Graça)

VILARINHO & RICARDO, L.da

RUA DA PRATA, 230-232

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano muito feliz.

SAPATARIA Capri

Deseja festas felizes aos seus estimados clientes e amigos.

R. da Misericórdia, 51-53
Telefone 25640 — L I S B O A

Pelaria Pampas

Deseja Boas Festas a todas as suas clientes

Pampas, 15, Rua dos Retroseiros
Telefone 21004

Viuva José da Silva, L.da

SERRALHARIA MECANICA

156-Rua de S. Lázaro-158
Telef. 52666

Deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos Boas Festas e um ano feliz.

GALEÃO

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe Boas Festas e um Ano Feliz.

190, RUA AUGUSTA — Telefone 26807

MEIAS — MALHAS — ARTIGOS DE NOVIDADE
RUA DO OURO, 208

Cumprimenta as suas Ex.mas Clientes, desejando-lhes festas felizes e um Novo Ano de prosperidades.

A. Contreiras, Lda.

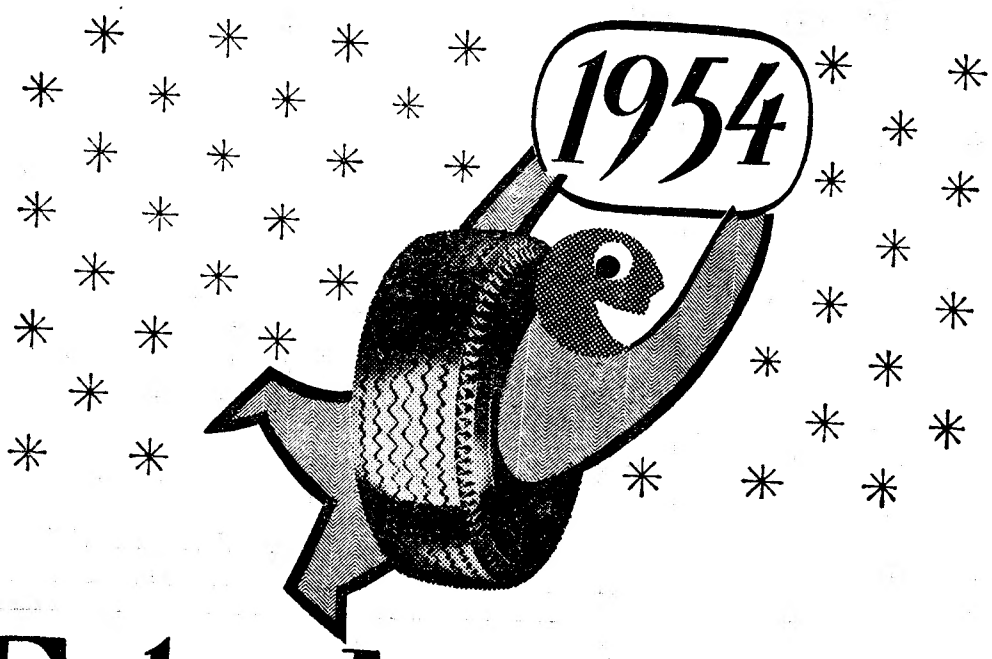
R. Eugénio dos Santos, 112
Representantes do famoso
ÓLEO PENNZOIL

Deseja Boas Festas e um Novo Ano muito feliz a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos.

SILVEIRA & MARQUES, L.DA

253, Rua do Ouro, 255 — Tel. 2 5664 — LISBOA

Desejam aos seus Ex.mos Fregueses e Amigos Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.



Feliz Ano Novo

É O VOTO QUE A

MABOR

DIRIGE A TODOS OS SEUS CLIENTES, AMIGOS E COLABORADORES, DA METRÓPOLE E DO ULTRAMAR, AO ENTRAR O ANO DE 1954

MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA

23-52

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de passageiros e carga

Carreiras regulares para: NORTE DA EUROPA, ÁFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL, AMÉRICA CENTRAL E AMÉRICA DO SUL

FROTA

	Deslocamento Toneladas	Deadweight Toneladas
Paquetes:		
«SANTA MARIA» (n. t.)	21.500	7.900
«VERA CRUZ» (n. t.)	21.500	7.900
«PÁTRIA» (n. t.)	19.173	10.743
«IMPÉRIO» (n. t.)	19.173	10.743
«MOUZINHO»	14.150	8.200
«SERPA PINTO»	13.020	5.412
«UIGE» (em construção)		
Navios de carga:		
«LUANDA» (n. m.)	13.790	9.820
«GANDA» (n. m.)	13.114	9.419
«AMBOIM» (n. m.)	13.114	9.419
«BENGUELA» (n. m.)	12.303	9.347
«LUGELA»	12.250	8.340
«PUNGUE»	8.750	6.356
«PEBANE»	4.105	2.797
«QUIONGA»	4.105	2.770
«LUANDA»	4.105	2.778
«CHAIMITE»	3.597	2.129
«NAMPULA»	3.080	2.062
«SENA»	2.458	1.700

ESCRITÓRIOS::

Lisboa — Rua de S. Julião, 63
Telefones n.os 30131 a 30138

Porto — Rua Infante D. Henrique, 9
Telefone 23342

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA AMERICA DO SUL

Serviço rápido de luxo

PAQUETES	DESTINOS	PARTIDAS (às 12 horas)
«SANTA MARIA» com escala por Funchal	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	9 de Janeiro
«VERA CRUZ»	Rio de Janeiro e Santos	5 de Fevereiro
«SANTA MARIA» com escala por Funchal	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	25 de Fevereiro

LISBOA — R. DE S. JULIÃO, 63
Telefones n.os 30131 a 30138
PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 23342

A PRESTAÇÕES

AOS MELHORES PREÇOS

ESQUENTADORES, a gás ou a petróleo—FOGÕES, a gás, nacionais e da afamada marca Suíça «ESKIMO» — FOGÕES, a lenha e carvão — BANHEIRAS—Artigos de Casa de Banho—LOIÇA SANITÁRIA — LAVATÓRIOS — LUSTRES — CANDEEIROS — ASPIRADORES — ENCERADORAS — MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA—FERROS ELÉCTRICOS, automáticos—T. S. F., das marcas mais acreditadas — ARTIGOS DE MÉNAGE—UTILIDADES — CARRINHOS para BÉBÉS, etc.

J. Costa & Silva, Lda.

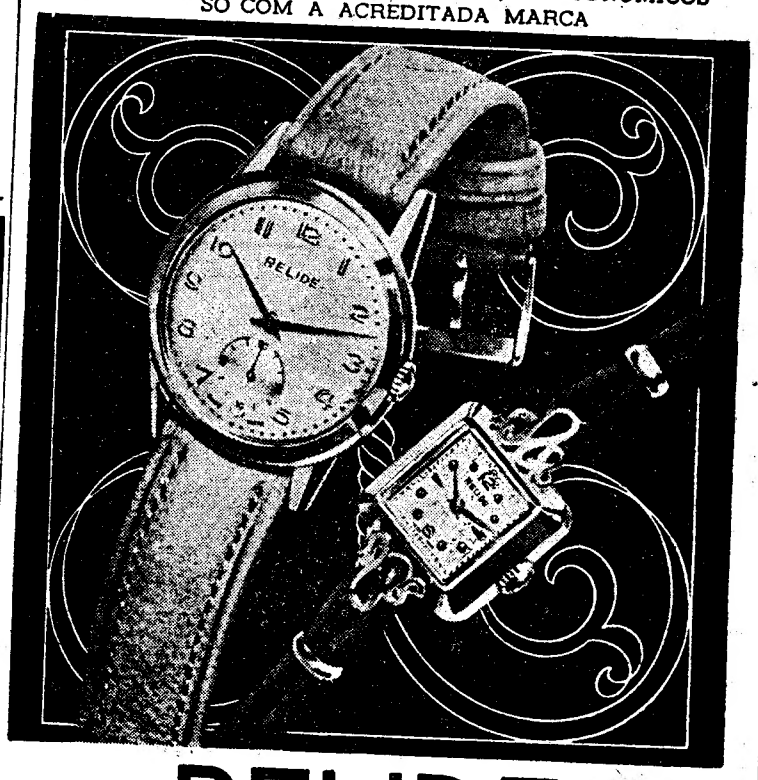
Rua Arco do Bandeira, 79-1.º
(só no 1.º andar)
Telef. 26713 LISBOA

EVITE A GRIPE!!! usando HIP LIQUIDO

Depositários:
Pestana & Fernandes, Lda.
9 dos Sapateiros 39 - LISBOA

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE-FIXE»

QUALIDADE E ELEGÂNCIA A PREÇOS ECONOMICOS
SÓ COM A ACREDITADA MARCA



RELIDE

A PRIMEIRA MARCA QUE ESTABELECEU EM PORTUGAL A GARANTIA CONTRA TODOS OS ACIDENTES

Preferam sempre Conservas TENORIO

ATUM TENORIO

á venda nos bons estabelecimentos

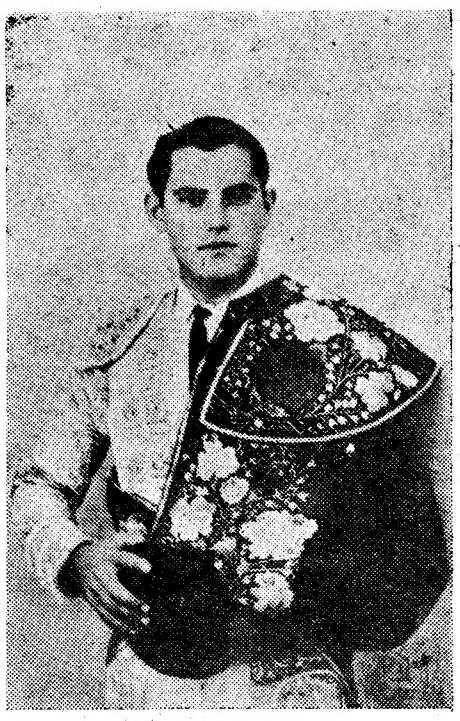
Tauromaquia

A temporada de 1953

Durante o ano de 1953 celebraram-se em Portugal seis corridas mais que na temporada anterior—diz «El Ruedo», que fez a sua estatística com dados que lhe fornecemos; mas, o caso é que oito corridas foram no Ultramar, pelo que resulta ter-se dado menos duas na Metrópole, e quase todas com prejuizo para as empresas. A do Campo Pequeno se algum saldo positivo teve foi pela percentagem da despedida de Manuel dos Santos, que a algumas mais, como as da Póvoa de Varzim, Vila Franca e Nazaré, deu também lucros, e se outras registaram enchentes, como a das Caldas da Rainha, foi em datas festivas e pela modicidade dos preços. Nas restantes praças, salvo alguma rara excepção, perdeu-se dinheiro, e isto porque o publico só poderá fazer o sacrifício de pagar o preço exorbitante dos bilhetes quando a importação duma figura extraordinária o justifique, e na temporada finda não apareceram figuras extraordinárias, antes pelo contrário...

Começou a temporada tauromáquica portuguesa no dia 5 de Abril, simultaneamente em Lisboa e em Lourenço Marques, na primeira com os cavaleiros José Roca Rodrigues e Francisco Sepulveda e os «diestros» Pepe Bienvenida e Francisco Mendes, e a segunda com Manolo Gonzalez e Manuel dos Santos que na Beira, e ali voltaram a tourear nos dias 12 e 26. Entretanto, dava-se, a 12, a primeira novilhada de Santarém, com Joaquim Marques e Francisco Mendes Em 3 de Maio dava o Campo Pequeno a sua segunda corrida, com os cavaleiros José Rosa Rodrigues, confirmando a sua maneira progressiva, e D. Francisco de Mascarenhas, este iniciando uma temporada de depuração e aperfeiçoamento, e os matadores Diamantino Vizeu e «Calerito». E no mesmo dia toureavam em Beja o cavaleiro Amado Aguilar e os novilheiros Francisco Mendes e Joaquim Lazaro, bom toureiro, ainda que desigual. E ainda no mesmo dia, em Benguela, Manuel e António dos Santos, que em Luanda toutearam nos dias 10 e 16 com Simão da Veiga. A 14, na Chamusca, José Rosa Rodrigues e Francisco Sepulveda, com Luis Briones e Vizeu, e a 17, no Campo Pequeno, Aguilar e Espadanal, Damaso Gomez, «Morenito de Cordoba» e Joaquim Marques, e a 31, os mesmos cavaleiros com António dos Santos, «Ranchero» e Cesar Giron, com bons touros de Coimbra. No dia 12 de Junho tourearam em Aljustrel Aguilar e Espadanal com Vizeu e Anibal Oliveira; a 14, em Santarém, Mascarenhas e Sepulveda com Giron e António dos Santos, e no mesmo dia, em Niza, Salgueiro e Laureano com Vizeu e Marques; a 20, em Vila Franca, Espadanal com Manuel dos Santos, Rafael Ortega e Antoñete; 24, em Évora, Mascarenhas e Sepulveda, com Carlos Corpos e Joaquim Marques; 26, em Setubal, Salgueiro e Mascarenhas com Joaquim Marques e António José Oliveira; 28, em Santarém, Mascarenhas e Sepulveda com Manuel dos Santos, Manuel Carmona e Cesar Giron; e 29, em Évora, com Simão, Salgueiro, Diamantino Vizeu e Francisco Mendes. No dia 1 de Junho, no Campo Pequeno, Espadanal com Vizeu, António Ordoñez e «Antonete»; no dia 11 em Tomar, José Rosa Rodrigues e Mascarenhas com Chacarte e Mendes, e na mesma praça, a 12, com os mesmos cavaleiros Manuel dos Santos e Juan Montero; a 16 no Campo Pequeno, com Mascarenhas e Manuel Conde, este também afirmando a sua característica valentia, e Vizeu e Giron; no dia 19, em Lourenço Marques, Pepe Bienvenida e Manolo Navarro, que na Beira se repetiam no dia 26, e no mesmo dia começava Póvoa de Varzim com Simão e Sepulveda, Manuel dos Santos eGiron, e no dia 30, no Campo Pequeno, Ribeiro da Costa e Espadanal, com Manuel dos Santos, António Ordoñez e «Pedrés» que fazia a sua apresentação e ficava inédito para os portugueses. No dia 1 de Agosto tourearam em Lourenço Marques os matadores, sem matar, Pepe Bienvenida e Manolo Navarro; no dia 2, em Guimarães, Simão e Conde com Vizeu e Marques, e na mesma praça, no dia seguinte, os mesmos cavaleiros com Manuel e António dos Santos; a 9, na Póvoa, com Salgueiro e Mascarenhas, Pepe Bienvenida e repetição de Manuel dos Santos, e no mesmo dia, em Alcochete, Simão e Conde, com Vizeu e Carmona; a 10, em Beja, Simão e Salgueiro com Vizeu e Mendes, este na sua terra natal e em triunfo; a 15, a bem organizada corrida das Caldas da Rainha, com reaparição de João Nuncio, sempre magnifico, e Francisco Sepulveda que, tal como na alternativa de Lisboa, lhe deu notável réplica; a 16, na Figueira, Mascarenhas e Conde, com Vizeu e Mendes; a 16, na Póvoa, Simão e Salgueiro, com Manuel dos Santos e Curro Ortega; a 17, em Coruche, Simão e Salgueiro com Vizeu e Marques; a 23, em Viana do Castelo, Nuncio e Conde com Manuel dos Santos e Carmona, e a 30, na Figueira, Nuncio e Salgueiro com Vizeu e António dos Santos.

Em 3 de Setembro, no Campo Pequeno, Simão e Nuncio com Corpas e «Chicuelo II», este agradando tanto que para a repetição pediu já uma exorbitancia, mal dos tempos; no



Francisco Mendes, a nossa esperança

dia 6, na Póvoa, Simão e Mascarenhas e Manuel e António dos Santos e Francisco Mendes, trio magnifico, e no mesmo dia, em Estremôs, Nuncio e Conde com Vizeu e Curro Ortega; a 8, em Moura, Simão e Aguilar, com Manuel dos Santos e Francisco Mendes; a 11, na Nazaré, Simão e Salgueiro, com Manuel e António dos Santos, este confirmando ser um bom toureiro, e a 12, na mesma praça, os mesmos, em festival gratuito para a empresa que não para o publico, outra novidade dos calamitosos tempos que atravessamos; a 13, em Portalegre, Simão e Laureano com Manuel e António dos Santos; a 14, na Moita, Mascarenhas e Conde, com António dos Santos e Giron, e na mesma praça, a 15, Simão e Conde, Manuel dos Santos e Giron.

Em 4 e 5 de Outubro, as da feira de Vila Franca, com Simão, Salgueiro e Conde, Manuel e António dos Santos, Mário Carrion e Francisco Mendes, que também tomaram parte num festival boa organização de José Guerra, que na próxima temporada será também empresário da Figueira e da Nazaré; a 9, a costumada corrida de Alcacer, com Jaão Nuncio e Manuel Conde, Joaquim Marques e Francisco Mendes; a 11, em Santarém, com Simão e Conde, Joaquim Marques e Jaime Ostos, que fez a sua apresentação em Portugal; a 18, no Campo Pequeno, despedida triunfal de Manuel dos Santos, com António dos Santos e Francisco Mendes, que também triunfou e deixou um rasto de esperança de continuarmos a marcar a nossa persença em Espanha. Finalmente, no dia 21 de Outubro, encerrava-se a temporada no Campo Pequeno, com José Rosa Rodrigues, o cavaleiro perfeito, com um novo, Laureano, e dois Ordoñez, Cayetano e Pepe.

Dos touros lidados no Campo Pequeno mereceram ser premiados pelo «Sector 1» os dos srs. Manuel Cesar Rodrigues, dr. António Silva e João da Assunção Coimbra, e na noite da distribuição falou da ganaderia brava Jorge Rosa Rodrigues, que pôde dar bons conselhos. Importar sementais, por bons que sejam, e sempre com os perigos das cruzes, é inutil se os lançam a vacas de refugo, e mais se estas se recomendam mais pela suavidade que pela bravura.

Dos cavaleiros portugueses diremos que Simão e Nuncio permanecem iguais a si mesmos, e bom diferentes entre si, e que acusaram progressos D. Francisco de Mascarenhas e José Rosa Rodrigues, mantendo suas caracteristicas Fernando Salguciro, perfeito equitador, e Manuel Conde, um valente que tem um irmão esperançoso. Alfredo Conde, como o é também José Barahona Nuncio. Dos piões destacaram-se Cipriano, Costa, Saraiva e sempre Procopio. Os forcados-amadores de Santarém e de Lisboa, continuam a tradição de valentia magnifica. Dos profissionais morreu um dos bons de Alcochete, e fez grande péga em Vila Franca um dos da vila, merecendo também ser citada a que Nuno Salvação Barreto fez na despedida de Manuel dos Santos.

Não mais veremos em corridas de touros o matador português que foi figura ao lado dos melhores de Espanha e do México, mas ficámos com seu primo António, um bom toureiro, e esperançados nesse finissimo Francisco Mendes, talvez em vésperas da grande arrancada em Espanha.

E por lá andaram dois outros portugueses, Elio Boleto, que sofreu lição para a sua persistência numa colhida grave, e já ronda a Maestranza, por ora como visitante, o pequeno Carlos França, que aspira a ser o toureiro da Estefania Enfim, que cada bairro venha a ter o seu, para haver também na tauromaqu'a esse entusiasmo que existe no futebol. Assim seja, senão...

EL TERRIBLE PEREZ

Pensão Monumental

Magnificos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21 Tel. P. B. X. 29807

Temas literário-filosóficos

A actualidade da Biblia

artigo de ROBERT ARON

Nos momentos de grande agitação, nas épocas de desordem, é hábito numerosas pessoas voltarem-se para a religião, como para um meio de salvação. Destas conversões instintivas são numerosos os exemplos, quer na literatura, quer na vida. Pode citar-se a ultima cena do excelente romance de Roger Martin du Gard, «Jean Barois»: a principal personagem, um sábio racionalista e descrente, numa idade avançada, vê a morte ameaçá-lo, subitamente, num acidente de viação: neste momento inesperado sente que, aos seus lábios, afloram as preces de infancia, esquecidas há cerca de sessenta anos. Pode citar-se, também..., cada um dos nossos contemporaneos pode citar circunstancias históricas aos longo deste ultimos anos, ou bruscamente, com a emoção de uma catástrofe ou, pelo contrário, por um acontecimento feliz, as gentes aparentemente afastadas da religião reencontram, por um instante, o hábito da oração. Lembro-me de que, em Junho de 1944, estando em Argel, no dia em que soubemos a notícia do desembarque aliado em França, primeira etapa da libertação do país, encheram-se todos os lugares de culto das diferentes religiões; parecia que a maioria da população argelina queria, assim, intervir pelo êxito da empresa.

Estas reacções frequentes, mas também muitas vezes passageiras, não constituem, talvez, senão o aspecto mais exterior deste reencontro espiritual que caracteriza o nosso tempo. As agitações sucessivas que vencemos de há uma vintena de anos, a inquietude que muitas vezes pesou sobre os nossos destinos, pessoal ou colectivamente, dão á nossa época o sentido dos grandes problemas filosóficos e humanos. Já não basta, para os que são crentes, ajoelhar nas horas de grande perigo, mas de verificar se a tradição religiosa a que pertencem permite ou não responder aos problemas espirituais contemporaneos.

Um filósofo católico, M. Claude Tresmontant, acaba de publicar um «Ensaio sobre o pensamento hebraico» que marca a actualidade espiritual da Bíblia, o Velho e o Novo Testamento. Esta obra afigura-se-me como uma das mais importantes que apareceram, após a ultima guerra. Permite ligar o pensamento bíblico ás necessidades mais actuais da nossa civilização e encontrar o diagnóstico e o remédio para as provações por que passamos.

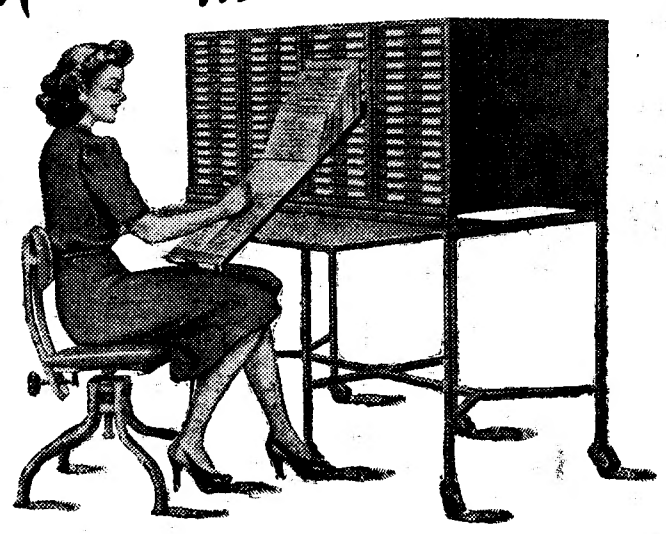
O pensamento bíblico está dominado pela ideia de criação; o mundo moderno, preso da técnica e do racionalismo, substitui-a pela noção de fabricação. A maior parte dos nossos contemporaneos já não criam, fabricam. Enquanto que a criação é um esforço sempre novo para tirar da nossa vida ou da nossa tradição as forças capazes de transformar o Universo, a fabricação tem por fim produzir os objectos, as coisas que se destacam de nós e ás quais confiamos também a tarefa de trabalharem para nós. Deus, criador do Mundo, segundo a Bíblia, não se afastou dele, mas continuou a dar o seu impulso ao Universo e aos seres. Se Ele não fosse mais que um fabricante, teria, no momento da Genese, redigido um plano quinquenal, centenário ou milenário; montaria algumas máquinas destinadas a dar aos homens todos os meios de vida; depois, cumprida assim a sua obra de técnico, esquecer-se-ia do Mundo, para se refugiar no seio da eternidade. Ora, no pensamento bíblico, o Deus criador, o Deus vivo, aceita para o homem e para Ele mesmo todas as concessões da vida. M. Tresmontant mostra como a tradição religiosa repugna a toda a separação, a todo o divórcio entre o corpo e a alma, entre a matéria e o espírito. O racionalismo moderno, seguindo nisso o exemplo do pensamento helénico, perdeu o sentido da unidade da pessoa humana: logo que alguém se diz materialista não vê mais que a matéria, bem como o espiritualista não considera mais do que o espírito. Na concepção bíblica, ao contrário, não existe distinção entre estes dois elementos. A Bíblia, escreve M. Tresmontant, «utiliza o cotidiano, a realidade comum, a história para significar os mistérios que são o alimento próprio do espírito, para as descobrir». A Escritura é uma Metafísica com o aspecto de um relato histórico.

Esta harmonia encontrada entre o que é material e o que é espiritual toma um sentido particular, se o estudarmos á luz do movimento filsófico contemporaneo. Permite aclarar a reacção contra os excessos do racionalismo, nascido com Descartes, que caracteriza a maior parte dos filósofos existencialistas. Ela rejuvenesce, também, o pensamento de Henri Bergson para quem o «élan vital» e o tempo criador mostram a matéria animada e orientada por forças que a excedem.

Restabelece-se, assim, a unidade da alma humana, após três séculos de separação, quiçá proveniente de um mau uso da razão, uma má «fabricação» de ideias e de falsas técnicas. E' a primeira condição para que, um dia, a harmonia se restableça entre os homens. O grande mérito do livro de M. Tresmontant é, precisamente, o de mostrar que os caminhos da paz deverão reavivar e prolongar as tradições milenárias.

ROBERT ARON

Melhor organização? Maiores lucros!



SEELDEX
SISTEMA DE FICHAS VISÍVEIS

INDÚSTRIA NACIONAL
EFICIÊNCIA SEM RIVAL

VENDAS • CRÉDITOS • COBRANÇAS • EXISTÊNCIAS • ASSINATURAS
PROPAGANDA • MÃO DE OBRA • PREÇOS DE CUSTO • ETC. • ETC.

SERVIÇOS PÚBLICOS • COMÉRCIO • INDÚSTRIA • PROFISSÕES LIBERAIS

RESOLVAM OS PROBLEMAS QUE SE LHES DEPAREM UTILIZANDO O SISTEMA VISÍVEL "SEELDEX"

CONSULTE A

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO, LDA.
LISBOA: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1.º—TELEFONE 2 4986
PORTO: A. LENCASTRE & SOUSA—Rua de Santa Catarina, 130.

Tendências e disposições reveladas

na vida literária portuguesa

durante os 365 dias do ano que hoje finda

1953, literàriamente, não tem caracteristicas especiais. Foi um ano largo de acontecimentos, onde a vida, como sempre vereda estreita, ou ampla estrada, deixou as suas pegadas—pegadas lentas dos viandantes, que não se transportam de avião, de automovel, ou mesmo de helicóptero,—que os que vêm atrás, isolados, ou em chusmas, apagam, e assim, sucessivamente, pelos séculos dos séculos.

Nada mais fugaz do que a glória. Raros são os que ela eterniza. Pode bafejar este e aquele, abraçá-los, capitosamente, como uma linda mulher, lasciva dos seus encantos, mas caprichosa, voluntariosa, logo se escapa. Dos seus beijos não fica mais do que um amargo sabor de cinzas nos lábios cansados e das suas flores, um montão de pétalas emurchecidas, que o vento espalha, sem deixar rasto. Logo, veloz e «coquette», se vai prender nos braços de outro, que sonha um instante, tê-la roubado, definitivamente, aos deuses, ignorando que ela será sempre tão fugaz, como inconstante.

Isto se diz para significar que o reclamo ostensivo, a benevolência da critica — e como podia ser de outra maneira num país, onde os romancistas e vates proliferam como cogumelos (não venenosos, vamos lá com Deus!) abrangem (passe o exagero) um terço da população autoctone?! Cada vez há mais escritores. Verdadeira avalanche. Autêntica vaga de fundo, que inunda não, apenas, os escaparates dos editores, mas submerge os criticos, ou arvorados em tal, como nós (não é displicencia, mas modestia sincerissima) não lhes deixando tempo senão para lerem, infatigavelmente, como se a vida, sob aquela janela, onde agora bate o Sol, não passasse em cortejo domingueiro, alegre, cromático e, sobretudo, livre de obrigações.

Os pobres zoilos convertem-se numa matéria esquisita, um pouco mole, um pouco indecisa, um pouco cinzenta que estranhamente se assemelha a papel velho impresso, humido e bolorento, depositado no porão de um alfarrabista.

O sacrificio é tremendo! Antigamente, durante muitos anos, que a nossa velhice ainda recorda, os poetas, prosadores e dramaturgos contavam-se pelos dedos. Todos tinham o seu lugar marcado. Hoje, os planos foram subvertidos, e como todo o Mundo (á portuguesa) toda a gente, escreve, as dezenas de escritores, do século passado e mesmo dos alvores do actual, multiplicaram-se de tal maneira que são autênticos formigueiros. Deu-se uma terrivel inflação de valores. A abundancia de má moeda, expulsa pelo numero, até pela circulação, a sã moeda literária. Que fazer em face de tal fenómeno? Os prelos gemem, o publico pode não comprar, mas o pobre critico é obrigado a escrever, a escrever sempre, lendo tudo, para não cahir na odiosa e desonesta «noticia de capa», em que a obra é, sumariamente, mensurada, interpretada pelo género ou, quando muito, justificada através do titulo, e de uma passagem, página sim, página não, pelo conteudo.

Mas digamos alguma coisa sobre 1953. Em relação ao ano anterior, Sua Excelência literária, não se distinguiu especialmente. Parece haver certo recuo da escola novelista moderna. Já passaram as brotoejas á Sartre, Camus, Steinbeck, Hemingway, Jorge Amado, ou Malaparte. E' possível mesmo que este ano—o que está sucedendo agora em França—não seja preciso escrever mal para se ser um grande escritor repassado de humanismo. Ali voltou-se á disciplina do estilo, á ideia bem formulada, ao classicismo da forma, evidentemente, dentro do clima da época. O ultimo prémio Goncourt, aliás dividido, parece consagrar esta tendência da arte das belas letras.

Certamente que, neste lindo jardim á beira mar plantado—escrevemos á vara larga, atirando ás urtigas as frases majestosas — essa corrente, que, todavia, ainda não engrossou, deve fazer sentir a sua influência. Por enquanto, não. Cada um cultiva o seu canteiro, com sementes próprias, ou importadas...

Principiou o ano defunto—logo á meia noite, no ultimo grão que escorregar pelo gargalo da ampulheta — frio e transido, pela morte, então recente, de Teixeira de Pascoais, o grande poeta do saudosismo. O mundo das letras como que diminuiu de valor. O ele tem tantos admiradores e mineradores do seu talento poético.

Aquilino Ribeiro dava-nos, sucessivamente, «Príncipes de Portugal suas grandezas e misérias», que levantou celeuma, na Assembleia Nacional e que, talvez por isso, se vendeu como canela (abstraímos dos méritos intrinsecos da obra), e, a meio do ano «Arcas Encoiradas», prosa boa, da melhor cepa aquiliana, que exalta e evoca o velho Portugal, de ontem ainda, tão pitoresco, caracteristico, etnográfico, rural e típico nos seus costumes e estilos de vida.

O prosador de sempre: Aquilino Ribeiro; uma reaparição vigorosa: Miguel Torga; um prémio de poesia: Natércia Freire; um romancista em plena força: Carlos de Oliveira

lugar ficou vago, embora ao lado já estivesse sentado, por direito próprio, Mário Beirão, o vate espiritual das «Novas Estrelas» que este ano, justamente, entrou, com todas as honras, na Academia das Ciências. Representou-se, no estudio dos «Champs Elysées», em Paris uma antiga peça de José Régio, «Jacob e o Anjo», cujas primicias nos foram dadas na «Revista de Portugal», de Vitorino Nemésio, que reeditou o título da famosa publicação periódica de Eça de Queirós.

Maria Archer, escritora cruel, e de magnífico talento, um ultra Balzac de saias, deu-nos um romance feroz de costumes burgueses: «Nada me será perdoado». Um poeta surgia, envolto na capa de romancista: Joaquim Paço de Arcos, com «Poemas Imperfeitos», que neste final do ano, nos deu «Floresta de Cimento». Pina de Morais, cavaleiro da Flandres, morria, no Norte, e Jaime Cortesão, há tantos anos no Brasil, visitava esta ditosa Pátria.

Outro luto literário: o desaparecimento de Ferreira Gomes, o maior amigo de Fernando Pessoa, agora que

O eminente escritor Julio Dantas, mestre das letras portuguesas, que, no ano anterior fora alvo de uma consagração nacional, pronunciava, na Casa do Duque de Lafões, o elogio histórico do conde de Monsaraz, com um esplendor verbal inigualável. E, mais uma vez, numa justa e notabilíssima homenagem, a Academia das Ciências, por unanimidade, elegia-o presidente para o próximo triénio.

O Prémio Ricardo Malheiros era atribuído a «Minas de São Francisco», de Fernando Namora para o qual 1953 foi literàriamente a coroa de louros.

Vitorino Nemésio prefacia e comenta «Cartas de Vale de Lobos», de Alexandre Herculano, e, mais tarde, apresenta, com um estudo, uma antologia de Gomes Leal.

Morre, no Porto, Antero de Figueiredo, e afirma-se um novelista curioso, Santana Quintinha em «Lua Negra».

O sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa publica as suas impressões jornalisticas sobre uma viagem aos «Estados Unidos», e o prof. Luís Schawlbach evoca a figura de «Joaquim Bensaude».

Alves Redol e Guedes de Amorim publicam (por ordem cronológica) «Vindima de Sangue» e «Casa de Judas», dois romances ambos passados na região duriense, com fundos politicos contemporaneos.

O prof. Joaquim de Carvalho vai ao Brasil onde é recebido carinhosamente. Por seu turno o sr. Norton de Matos publica «Africa Nossa»—obra de um lidimo português e de um notável administrador colonial. Surge nas montras dos livreiros, «Luiz de Camões, o épico», do sr. dr. Hernani Cidade, hoje um dos nossos mais reputados camoneonistas.

O sr. dr. José António Saraiva, que já nos havia dado uma magistral «História da Literatura Portuguesa», traz a lume «Herculano Desconhecido» e a «História da Cultura Portuguesa».

Ergue-se uma voz lirica, que há muito não ouviamos, a de Américo Durão, com «Ecce Homo», de tão lapidados e esculturais sonetos.

A critica menciona com apreço «Ferro em Brasa» de Maria Espinal e o «Enigma de Franz Greeif» de Joaquina Ferreira Vinhais, esta uma estreante. Dois temperamentos e duas novelistas.

Surge um dos melhores romances do ano, «Uma abelha na chuva», de Carlos Oliveira. Entendeu-o assim o publico? Julgamos que não, para seu mal. Manuel da Fonseca afirma-se, vigorosamente, em «O Fogo e as Cinzas», contos.

Gaspar Simões inicia a «História da Poesia Portuguesa» e dá á estampa o seu teatro, sendo a primeira alvo de um violento fogo de barragem por parte da critica, o que leva o autor a dizer, com certa justiça: «mas porque são os aristarcos tão amáveis com os outros e tão duros comigo?».

Fidelino de Figueiredo publica, em Portugal, um dos livros mais notáveis do espirito moderno, esse inquietante e, por vezes, desesperado «Coleccionador de Angustias».

Os médicos também dão a sua contribuição ao ano literário: Reynaldo dos Santos, «O Manuelino»; Henrique de Vilhena «Idealismo, Amor e Elevação»; Evaristo Franco, «Calvário da Medicina» — respectivamente, arte, evocações e novelas.

Numerosas são as publicações periódicas: «História da Arte», de Elie Faure; «Columbano», de Diogo de Macedo; «Silva Porto», de Varela Aldemira. A Fundação da Casa de Bragança e a Agência Geral do Ultramar, editam algumas belas obras, de temas nacionais.

Na literatura histórica religiosa: «Nobrega e a Fundação de São Paulo», de Serafim Leite; «Fátima, altar do Mundo», e o padre Fernando Veloso, notáveis estudos de carácter filosófico que o tornam, sem favor, um dos mestres de cátedra teológica.

O grande Miguel Torga surge com o VI volume do seu «Diário», voz serrana e dura, de rebelião e de cólera, retumbante como um «dies irae», e Domingos Monteiro, impressionante novelista publica um livro de versos: «Evasão».

Em Novembro como de costume, o S. N. I. distribuiu os seus prémios literários: a Natércia Freire, Aurora Constança, Redondo Junior, M. Simões Dias, Miguel Paille e Lucio Craveiro Silva.

Entre os jornalistas, que publicaram livros, citamos, José de Freitas e Marques Gastão.

E havia mais, muito mais a citar—nós próprios também — mas isto é apenas uma resenha, e não uma bibliografia com as inevitáveis omissões de quem fez um rápido apanhado, e, a esmo, apanhou, os grãos mais grados na eira das letras, sabendo de antemão que se voltasse, encheria um novo saco, até deitar por fora. Nem por esquecidos deixarão de germinar, se a terra for boa.